

ELIZABETH DOS SANTOS MOURA BATISTA

**MEMÓRIAS E CONDIÇÕES SOCIAIS DOS IDOSOS QUE
CONTRIBUÍRAM PARA A CONSTRUÇÃO DE GOIÂNIA (1930-1950)**

Goiânia

2010

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SERVIÇO SOCIAL**

**MEMÓRIAS E CONDIÇÕES SOCIAIS DOS IDOSOS QUE
CONTRIBUÍRAM PARA A CONSTRUÇÃO DE GOIÂNIA (1930-1950)**

ELIZABETH DOS SANTOS MOURA BATISTA

Goiânia

2010

ELIZABETH DOS SANTOS MOURA BATISTA

**MEMÓRIAS E CONDIÇÕES SOCIAIS DOS IDOSOS QUE
CONTRIBUÍRAM PARA A CONSTRUÇÃO DE GOIÂNIA (1930-1950)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação do Mestrado em
Serviço Social da Pontifícia Católica de Goiás.

Linha de pesquisa: Política Social, Movimentos
Sociais e Cidadania.

Orientação: Profa. Dra. Regina Sueli de Sousa.

Goiânia

2010

B333m Batista, Elizabeth dos Santos Moura.
Memórias e condições sociais dos idosos que contribuíram para a construção de Goiânia (1930-1950) / Elizabeth dos Santos Moura Batista. – 2010.
150 f.

Bibliografia: p.130-141
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.
“Orientação: Profa. Dra. Regina Sueli de Sousa”.

1. Goiânia (GO) – construção – memória cultural. 2. Idosos – condições sociais – construção de Goiânia – contribuição. 3. Memória cultural. 4. História de Goiânia. I. Sousa, Regina Sueli de. II. Título.

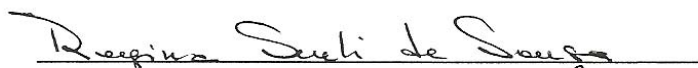
CDU: 94(817.3Goiânia)(043.3)

FOLHA DE APROVAÇÃO

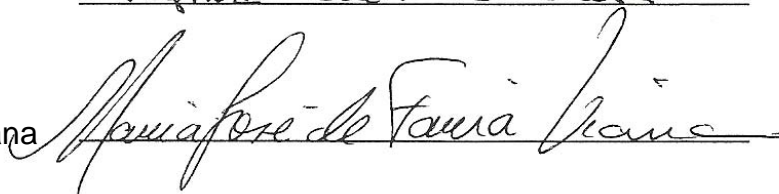
DISSERTAÇÃO de Mestrado do Programa de Pós-Graduação (Strictu Sensu) em Serviço Social. Defendida em 29 de outubro de 2010 e aprovada como conceito "A", com nota 9,5 atribuída pela Banca Examinadora.

Banca Examinadora:

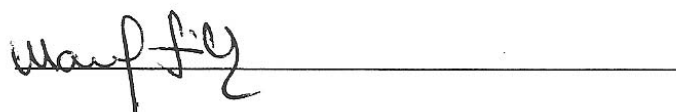
Dra. Regina Sueli de Sousa
(Presidente)



Dra. Maria José de Faria Viana
(PUC-Goiás Membro)



Dr. Manuel Ferreira Lima Silva
(UFG / Membro)



Dra. Omari Ludovico Martins
(PUC-Goiás / Suplente)



A meus pais, exemplo de vida, carinho, respeito, a base da minha vida, da minha educação. Eles semearam amor, perseverança e cuidaram com muito carinho do meu crescimento pessoal.

À professora, orientadora e amiga Regina Sueli de Sousa, pelo empenho e respeito demonstrado durante todo o meu processo acadêmico, desde o curso de graduação, nas disciplinas, no grupo de pesquisa, no mestrado e nas orientações, tanto da monografia e quanto da dissertação. Obrigada pelos ensinamentos, pelo incentivo, pela paciência, carinho e, sobretudo, pelo exemplo de pessoa ética e profissional dedicada e apaixonada pelo dom de ensinar. É um privilégio tê-la como mestre.

Aos senhores Badan, Graciano e José e às senhoras Mariazinha, Nega, Nina e Pina, pela confiança e disposição em participarem deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido sabedoria, saúde, disposição, condições espirituais e materiais para que, por sua vontade, eu pudesse concluir este trabalho.

A minhas filhas pelo carinho e incentivo nos momentos mais difíceis. A meus pais e irmãos, pelo apoio e carinho que sempre me foram dados ao longo de toda minha vida.

À minha orientadora, Dra. Regina Sueli de Sousa, por acreditar em mim e por mostrar o caminho da ciência na busca do conhecimento.

A todos os professores da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) com quem tive a oportunidade de estudar ao longo do curso de graduação e mestrado, e em especial aos professores do Departamento do Serviço Social e do Programa do Mestrado em Serviço Social, pela realização de estudos proveitosos e pelas discussões intensas, que contribuíram com o meu crescimento intelectual e profissional.

À banca examinadora, formada pelos professores Dr. Manuel Ferreira Lima Filho, antropólogo e professor da Universidade Federal de Goiás, Dra. Omari Ludovico Martins, assistente social e professora aposentada da PUC Goiás e a Dra. Maria José de Faria Viana, assistente social, professora do Programa do Mestrado em Serviço Social e do Departamento do Serviço Social da PUC-Goiás, pessoas que admiro e respeito.

Aos colegas e amigos do curso de Mestrado em Serviço Social da PUC-Goiás.

Aos entrevistados, que abriram seus corações, recordações e memórias sobre os idos da construção de Goiânia.

SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas e Siglas	7
Resumo	9
Abstract	10
INTRODUÇÃO	11
Capítulo I - SONHOS, EXPERIÊNCIAS E RECORDAÇÕES DOS IDOSOS	19
1.1 Recordações, sonhos e saudades do tempo vivido.....	43
Capítulo II - TORNOU-SE REALIDADE A NOVA CAPITAL DE GOIÁS	59
2.1 A reeleitura dos construtores a respeito de Goiânia de 2010	63
2.2 A <i>velhice</i> e o processo do envelhecimento segundo os idosos	87
2.3 A visão dos idosos sobre o papel do Estado nas políticas sociais	102
2.4 Como os entrevistados lidam com a tecnologia.....	114
2.5 Compartilhando suas experiências, lembranças e recordações	117
2.6 Significado da experiência de lembrar e recordar o passado	118
CONSIDERAÇÕES.....	120
REFERÊNCIAS	130
ANEXOS	142
Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	143
Anexo 2 - Roteiro de Entrevista	148

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
AIB	Associação dos Idosos do Brasil
BPC	Benefício de Prestação Continuada
Cang	Colônia Agrícola Nacional de Goiás
Celg	Centrais Elétrica de Goiás
CLT	Consolidação das Leis Trabalhista
CM	Centímetro
Cnen	Comissão Nacional de Energia Nuclear
Cohab	Companhia Habitacional
Crer	Centro de Reabilitação Henrique Santillo
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EUA	Estados Unidos da América
GO	Goiás
IAPC	Instituto dos Aposentados e Pensionistas do Comércio
IAPI	Instituto de Aposentadorias e Pensões da Indústria
Iaptec	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Estivadores e Transportes de Cargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional de Seguro Social
Ipasgo	Instituto de Assistência dos Servidores Público do Estado de Goiás
LBA	Legião Brasileira de Assistência
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Loas	Lei Orgânica da Assistência Social
Lops	Lei Orgânica da Previdência Social
LOS	Lei Orgânica da Saúde
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MG	Minas Gerais
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de saúde
ONU	Organização das Nações Unidas

Opas	Organização Pan-Americana de Saúde
OVG	Organização das Voluntárias de Goiás
PDH	Programa de Direitos Humanos
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
Pnad	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNI	Política Nacional do Idoso
Proex	Pró-Reitoria de Extensão e Apoio Estudantil
PSD	Partido Social Democrata
PUC Goiás	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Sesc	Serviço Social do Comércio
Sesi	Serviço social da Indústria
Sesu	Secretaria do Ensino Superior
SP	São Paulo
Suas	Sistema Único de Assistência Social
SUS	Sistema Única de Saúde
RGPS	Regime Geral da Previdência Social
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TG	Tiro de Guerra
TO	Tocantins
UDN	União Democrática Nacional
UFG	Universidade Federal de Goiás

RESUMO

Este trabalho retrata as memórias e as experiências de vida de idosos que contribuíram para a construção de Goiânia-GO. Procura identificar os motivos que levaram essas pessoas para a cidade, saber de onde vieram, em que lugar se instalaram, que impressões tiveram ao chegar, que relações sociais estabeleceram, que acontecimentos históricos, políticos, sociais e econômicos ficaram presentes em suas memórias e como percebem a capital de Goiás após 77 anos de sua fundação. Dessa forma, é apresentada uma leitura das narrativas do ponto de vista social, objetivando, assim, apreender as reminiscências que estão em suas memórias. Para compreender essas questões, foi realizada uma pesquisa qualitativa, por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada, com enfoque em história oral, com sete idosos que contribuíram para a construção de Goiânia. Para entender essa realidade, buscou-se suporte teórico em obras de autores clássicos e contemporâneos que auxiliaram as reflexões sobre as categorias centrais desse trabalho. Os septuagenários e octogenários entrevistados mudaram-se para Goiânia em busca de melhores condições de vida para eles e suas famílias. Suas narrativas revelam aspectos sociais da sociedade brasileira da década de 1930-1950, bem como acontecimentos políticos vivenciados por eles durante o golpe militar de 1964. Eles demonstram preocupação com os efeitos do acidente com a cápsula do *Césio 137*, com problemas contemporâneos e com a qualidade das políticas públicas oferecidas pelos governos, com ênfase na seguridade social, isto é, saúde, assistência social e previdência social. Percebe-se que a velhice era algo que não lhes dizia respeito nos período da juventude. Atualmente se consideram vitoriosas por terem contribuído para a construção da capital e evidenciam estarem informados sobre seus direitos e preocupados com situações de não proteção aos direitos de outros idosos.

Palavras-chave: memória, história oral, idoso

ABSTRACT

This work portrays elderly people's reminiscences and life experiences involving contribution to Goiânia city foundation. It seeks to identify reasons that led these people to this city, where they came from, where they settled, their impressions about, social relations that settled up, what historical, political, social and economic events they remember and the perceptions about the capital of Goiás nowadays, 77 years after its foundation. A social point of view from the narratives is presented aiming to catch remains. Thus, a qualitative study was developed whereby a semi-structured interview, focusing on oral history, with seven seniors who contributed to Goiânia's building. Classic and contemporary authors was taken as theoretical support to reflections on the central categories of this work. The septuagenarian and octogenarian respondents moved to Goiânia searching a better life for themselves and their families. Their narratives reveal social aspects of Brazilian society in the 1930-1950's, as well as political events during the 1964 military coup. They express concern about the effects of cesium 137 accident and contemporary problems and also about the quality of public policies, emphasising the tripod health, social assistance and social security. The aging process was not a concern for them during the youth. Actually, they felt victorious considering their contribution to the capital building, and seem awared about their rights and concerned about vulnerable situations that affect other elderly people.

Keywords: memory, oral history, elderly

INTRODUÇÃO

O interesse em desenvolver este trabalho ocorreu por três razões acadêmicas e uma pessoal. A primeira decorreu da elaboração do trabalho de conclusão do curso de graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, ao conhecer a obra de Ecléa Bosi, que, em seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994), reconstrói a história da cidade de São Paulo, por meio do registro da memória de idosos.

A segunda aconteceu em virtude de participação na pesquisa *Idoso e reforma agrária*, no período de 2000-2001, coordenada pela Profa. Dra. Regina Sueli Sousa, em que, por meio da história oral e da memória do idoso sem-terra, se resgata o processo de luta pela ocupação da terra.

E a terceira é proveniente da inserção no estágio do Programa de Direitos Humanos¹, realizada na Escola Municipal Laurício Pedro Rasmussem, situada no Bairro Feliz, em Goiânia-GO, com 53% dos familiares dos estudantes que moram na Vila Coronel Cosme. Esta pesquisadora desenvolveu, naquele período, um trabalho com um grupo da *terceira idade* da vila.

Essa experiência foi relatada e analisada na monografia de conclusão do curso do Serviço Social, em 2003, intitulada *A Vila Coronel Cosmo sob a ótica dos*

¹ O Programa de Direitos Humanos (PDH) é um programa de extensão, voltado para a defesa e a promoção dos direitos humanos. É ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Apoio Estudantil (Proex) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Dentre seus trabalhos, há o Projeto dos Direitos Humanos na Educação. Como foi dito anteriormente, esse trabalho foi realizado na Escola Municipal Laurício Pedro Rasmussem, no Bairro Feliz, no segundo semestre de 2000, com a supervisão didática da Profa. Dra. Omari Ludovico, do Departamento de Serviço Social. No primeiro semestre de 2001, o projeto foi fortalecido com recursos do convênio entre a PUC Goiás e o Ministério da Educação (MEC) por meio da Secretaria do Ensino Superior (Sesu), quando passou a contar com a participação de vinte estudantes bolsistas dos cursos de Arquitetura, Direito, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social da instituição. No segundo semestre de 2001, passaram a integrar a equipe estudantes em estágios curriculares e extracurriculares dos cursos de Educação Física, Geografia e Zootecnia.

idosos, no qual foi reconstruída a história da Vila Coronel Cosme com base na história oral e de vida dos idosos que participaram da ocupação daquela área e que ainda vivem lá.

Contudo, vale ressaltar que o quarto motivo, tem caráter pessoal, isto é, a vivência desta pesquisadora no processo migratório rural/urbano, rumo à nova capital, em busca de melhores condições de vida, trabalho, acesso à saúde e à educação, dentre outros equipamentos sociais oferecidos pela cidade, acompanhando seus familiares, na década de 1960.

Ao observar as histórias contadas pelos familiares e vizinhos idosos, percebeu-se a necessidade de registrar essas memórias como contributo do legado dessa geração para as demais. Essa ocasião tornou-se possível em 2008, com a inserção no Programa de Pós-Graduação do Serviço Social na PUC Goiás, ao elaborar o projeto de pesquisa que permitiu realizar este estudo sobre memórias² e as experiências de vida de idosos³ que se mudaram para a capital e contribuíram para a construção de Goiânia nas décadas de 1930, 1940 e 1950. Assim, essa temática compôs o objeto de pesquisa desta dissertação.

Ao trabalhar com a memória desses idosos, identificou-se a categoria social idoso, ou seja, o Brasil, um país de jovens até a década de 1980 passou por um processo de envelhecimento, segundo aponta o IBGE (2009) de tal forma, que nos próximos 25 anos, de 8% de idosos passará para 16%. Essa situação tem sido motivo de preocupação tanto do Estado, como à aqueles que se dedicam à formulação de políticas públicas no país, e, ainda, de organizações sociais e de estudiosos que tratam da questão dos idosos e do envelhecimento.

² Para Le Goff (1996), a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

³ De acordo com Halbwachs (2006), a memória apoia-se na história de vida, e os idosos têm o papel de ensinar as experiências, os costumes e o legado das tradições de seus antepassados.

Dessa forma, este estudo identifica os motivos que levaram os senhores⁴ José, Badan e Graciano e as senhoras Pina, Mariazinha, Nina e Nega, a saírem de sua cidade natal, com destino à nova capital do estado de Goiás, contribuindo para a construção da capital de Goiás nos anos 1930, 1940 e 1950.

Thompson (2002) assegura que a história oral pode oferecer grande contribuição para o resgate da memória nacional, regional e local, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisas em diferentes áreas. Sobretudo, é preciso preservar a memória física e espacial e também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência de fatos coletivos.

Conforme, esse autor, um trabalho de pesquisa que opta pela história oral propicia fazer da história uma atividade democrática, a cargo da comunidade, permitindo, assim, reconstruir a história com base na própria voz humana, viva, das pessoas que, neste estudo, vivenciaram e participaram da construção de Goiânia. Ao fazê-lo, expressam suas referências e também seus imaginários, suas recordações e lembranças. Por essa razão, quando se deu voz a múltiplos e diferentes narradores, esperava-se novas versões da história dessa capital, bem como o resgate do papel social desses sujeitos sociais vistos como guardiões da história da capital de Goiás.

Existem vários estudos e pesquisas sobre a construção de Goiânia nos diversos campos do conhecimento⁵. Entretanto, sobre a organização da sociedade, dos trabalhadores que participaram da construção dessa capital na perspectiva do

⁴ De acordo com a Regulação nº 196/96 (CNS,1996) que normatiza as pesquisas com seres humanos e animais, os entrevistados não podem ser identificados. Assim, eles foram esclarecidos sobre essa normativa e ficou acertado o uso de pseudônimos para identificá-los neste trabalho. Dessa forma, parte deles optou em utilizar seus apelidos, ou seja, como são chamados e conhecidos por seus parentes e amigos. Eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para uso dos dados que estão sob a guarda da pesquisadora. Nesse termo (anexo), a pesquisadora compromete-se a manter os dados em sigilo e utilizá-lo apenas para fins acadêmicos.

⁵ Podem ser citados Moysés (1997; 2004; 2005; 2006), Ribeiro (2004), Chaul (2001), Morais (2003), dentre outros.

Serviço Social não se conhece nada escrito. Assim, este trabalho apresenta uma leitura das narrativas dos entrevistados do ponto de vista social, enfocando aspectos relativos às condições de vida e as relações sociais dos idosos que contribuíram para a construção da capital, possibilitando apreender as reminiscências que estão em suas memórias.

Em seu estudo sobre velhice, Beauvoir (1990) analisa o destino das pessoas idosas, nas condições que lhes são reservadas, segundo o contexto social de cada sociedade. A seu ver, a sociedade industrializada pouco se interessa pela experiência vivida pelo idoso, especialmente após ele se retirar do mundo do trabalho por meio da aposentadoria, ocorrendo, assim uma sobreposição da produção em prol das experiências e saber construído. Em outros tipos de sociedade, como os orientais, os idosos são honrados por causa das experiências acumuladas ao longo da existência, o que lhes confere participação importante em seu meio social.

Nesse sentido, neste estudo, foram entrevistados três homens (José, Badan e Graciano) e quatro mulheres (Pina, Mariazinha, Nina e Nega), pessoas que se dirigiram para a Região Centro-Oeste, em busca de trabalho e de melhores condições de vida, dispostas a contribuir para o projeto de construção de Goiânia, nos idos dos anos 1930, 1940 e 1950. Pergunta-se: essas pessoas são reconhecidas pela sociedade goianiense e pelos governantes? Será que os trabalhadores com esse perfil participaram das decisões políticas centrais na construção de Goiânia?

Por meio das memórias, dos entrevistados pretende-se apreender a dimensão histórica do espaço da cidade, em diferentes momentos, vivenciados por eles. Em outros termos, busca-se identificar de onde vieram, em que lugar se instalaram, que impressões tiveram desse lugar, que relações sociais estabeleceram, que acontecimentos históricos, políticos, sociais e econômicos

ficaram presentes em suas memórias e como percebem essa capital após 77 anos de sua fundação.

Outras ponderações que este estudo buscou referem-se à apreensão que os sujeitos sociais entrevistados têm sobre a velhice e o processo do envelhecimento. Segundo Teixeira (2008), o envelhecimento não é uma realidade vivida igualmente por todos os indivíduos. Suas particularizações e configurações são definidas segundo as condições materiais de inserção dos sujeitos no movimento da produção e reprodução sociais, processos que imprimem estatutos diferenciados à *velhice*, respeitando a condição de classe, *status* e hierarquias sociais.

Para Bobbio (1997, p. 30), “o mundo dos velhos, de todos os velhos, é de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos”. Sousa (2002, p. 53), remete-se a Paul Thompson (2002) e acrescenta que somos aquilo que lembramos. Além dos afetos que alimentam a riqueza de cada um, são os pensamentos ou as ações que cumpre as lembranças que conserva e que não se deixa apagar e das quais um é o único guardião.

Segundo Bourdieu (1984), falar em história de vida é, pelo menos, pressupor que as existências indicam história e que a vida é inseparável do conjunto dos acontecimentos de uma existência individual, concebida como uma história. Para Benjamin (1995), qualquer pessoa é um personagem histórico. A história deve reproduzir-se de geração a geração, para gerar muitas outras histórias, e, ao transmitir as lembranças, o idoso assume o papel de narrador que transmite os acontecimentos, contribuindo para a redescritção de fatos de suas vivências.

O grande narrador, pontua Benjamin (1995, p. 214), “tem suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais, urbanas, camponês”, ou seja, nas classes

trabalhadoras, nas pessoas simples e nas donas de casa, assim como os senhores José, Badan, Graciano, as senhoras Pina, Nega, Mariazinha e Nina que contaram suas histórias e suas experiências vividas na capital do estado de Goiás. Eles não são provenientes de outros países e nem fizeram grandes viagens além-mar, mas vivenciaram e, ainda o fazem, a história da cidade que escolheram para viver.

Benjamin (1995, p. 198), afirma que

a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presente esses dois grupos. “quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.

A história oral, para Thompson (2002), é construída em torno das pessoas. Lança a vida para o interior da própria história, o que alarga seu campo de ação. Acolhe heróis não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para a comunidade e extrai a história de seu interior. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistarem a dignidade e a autoconfiança, e também favorece o contato e a compreensão entre classes sociais e entre gerações.

Conforme Bergson (1997), a memória não consiste na regressão do presente para o passado, mas em um processo do passado/presente. Para esse filósofo, a memória é individual, portanto, ela auxilia o conhecimento da história. A pesquisa realizada priorizou a experiência de vida do sujeito social que saiu de sua terra natal nas décadas de 1930, 1940 e 1950, deixando sua família e/ou viajando com os seus familiares em busca de trabalho, de melhores condições de vida,

participando da construção, do crescimento e das mudanças ocorridas na capital.

Ao relatarem suas experiências e histórias de suas vidas, eles repassam aos mais jovens, aos seus familiares e a sociedade, como foi constituída a organização da sociedade goianiense, o espaço geográfico dessa cidade e as relações sociais que foram estabelecidas. Possibilitam, ainda, fornecer elementos sobre a trajetória e os desafios que enfrentaram, assim como suas conquistas e seus sonhos.

Segundo Beauvoir (1990), há uma experiência que só pertence àqueles que estão velhos, isto é, à própria velhice. É preciso ter vivido muito tempo para ter uma idéia precisa da condição humana, para ter uma visão geral da maneira como se passam as coisas e, assim, compreender o presente.

Os idosos têm uma concepção do papel do Estado nas políticas sociais. O sistema de proteção social ao idoso brasileiro, além da assistência social, saúde, e previdência social, por meio da Política Nacional do Idoso e do Estatuto do Idoso, prevê ações nas áreas da educação, trabalho, habitação e urbanismo, justiça, cultura, esporte e lazer, estabelece esses direitos a todos os cidadãos com mais de sessenta anos de idade.

E, também, como lidam com as novas tecnologias, segundo Bobbio (1997, p. 139), “o progresso técnico, em especial o científico e o tecnológico, é tão vertiginoso e, mais ainda, irreversível, que o velho, não dispendo mais de elasticidade mental para acompanhá-lo, corre o risco de ficar para trás”.

Nessa perspectiva analítica, considera-se importante o registro das memórias dos segmentos dessa categoria para apreender, com base em suas narrativas, quais foram as condições de vida, de trabalho e as relações sociais que tiveram ao chegarem na cidade entre os anos 1930 a 1950, para assim, registrar a percepção que esses idosos têm da obra que auxiliaram construir.

Vale ressaltar que os procedimentos metodológicos adotados nesta dissertação foram pesquisa empírica de natureza qualitativa⁶, por meio de entrevista semiestruturada⁷, com enfoque em história oral, com idosos que contribuíram, para a construção de Goiânia. Essas entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados, sendo agendadas, previamente, gravadas e transcritas.

A escolha dos entrevistados seguiu o recorte de grupo focal⁸, selecionado por idade acima de setenta⁹ anos.

Como Goiânia tem 77 anos, o critério da escolha idade dos entrevistados com idade acima de 70 anos, visa assegurar as narrativas dos que contribuíram para a construção da cidade. Trata-se de um grupo de sete pessoas que se mudou para a capital do estado de Goiás nas décadas de 1930, 1940 e 1950 e que ainda residem na capital, sendo três homens e quatro mulheres, de 72 a 86 anos de idade.

⁶ A abordagem qualitativa requer como atitudes fundamentais a abertura, a capacidade de observação e de intervenção com o grupo de pesquisadores e com os atores sociais envolvidos. A pesquisa qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e em complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos, que são instrumentos valiosos para análise da vida individual e no contexto social (MINAYO, 1996).

⁷ Para Minayo (1996) as entrevistas semiestruturadas possibilitam alcançar vários objetivos que englobam a descrição do caso do individual, a compreensão das especificidades culturais mais profundas dos grupos e a comparabilidade de diversos casos. Para atingir esses objetivos, o entrevistador deve liberar-se de formulações prefixadas, para introduzir perguntas ou fazer intervenções que visam abrir o campo de exploração do entrevistado, ou aprofundar o nível de informações ou opiniões.

⁸ Minayo (1996, p.129) pontua que, do ponto de vista operacional, a entrevista e/ou discussão de grupo focal se faz com um pequeno número de informantes, ou seja, de seis a doze pessoas. Geralmente está presente um animador que intervém, tentando focalizar e aprofundar a discussão. Os participantes são escolhidos com base em um determinado grupo, cujas idéias e opiniões são do interesse da pesquisa. A abrangência do tema pode exigir uma ou várias sessões de discussão. Portanto, neste trabalho, foi entrevistado um grupo de sete pessoas para melhor focalizar e aprofundar a discussão. E, também foi necessário apenas um encontro para atingir o objetivo da pesquisa.

⁹ A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica cronologicamente como idosa as pessoas com mais de 65 anos de idade em países desenvolvidos, e com mais de 60 anos de idade em países em desenvolvimento. A Lei nº 1.0741 de 1º de outubro 2003, o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), considera idosa a mesma idade cronológica com igual ou superior a 60 anos. Para o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), a pessoa idosa, para ter direito ao Benefício de Prestação Continuada (BPC), deverá comprovar que possui 65 anos ou mais de idade (CONSELHO REGIONAL DO SERVIÇO SOCIAL, 2009).

Para P. Thompson (2002), a história oral possibilita o registro de reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado. Segundo Benjamin (1995), qualquer pessoa é uma personagem histórica. Dessa forma, este estudo oportuniza a sujeitos sociais compartilharem suas experiências de vida com a sociedade goianiense.

Freitas (2002) considera P. Thompson um historiador-missionário, isto é aquele que sabe ouvir as pessoas, uma característica fundamental do historiador oral. Segundo P. Thompson (2002), toda história tem uma finalidade social. No passado, ela era transmitida de uma geração a outra pela tradição oral e, posteriormente, pela escrita. A finalidade social da história oral pode ser observada nas pesquisas acadêmicas, na busca dos conhecimentos e também, serve para justificar a guerra e a dominação, a conquista territorial, o domínio de uma classe ou etnia por outra

Também foi realizada uma revisão bibliográfica, tanto nas obras de autores clássicos e contemporâneos. Assim, buscou-se suporte teórico em estudos que auxiliaram as reflexões sobre categorias centrais deste trabalho, tais como memória, idoso, história oral, dentre outras. Foram usadas obras de Bergson (1997), Halbwachs (2006), P. Thompson (2002), Bosi (1994), Benjamin (1995), Beauvoir (1990), Bobbio (1997), Le Goff (2003), Debert (1994, 1998 e 1999) dentre outros, e, ainda de Moysés (1997, 2004, 2005 e 2006), Chaul (1984 e 2009) e Ribeiro (2004). Os três últimos autores centram seus estudos e reflexões na história de Goiás e na construção de Goiânia.

Dessa forma, este trabalho divide-se em dois capítulos e apresenta, ainda, considerações, referências bibliográficas e os anexos (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o roteiro de entrevistas).

No primeiro capítulo pretende-se conhecer e analisar as histórias e experiências de vida dos idosos, seus sonhos e recordações dos idos da construção de Goiânia.

O segundo capítulo tem o desafio de recuperar as narrativas dos idosos que saíram de suas cidades natais, nas décadas de 1930, 1940 e 1950 com destino à nova capital do estado de Goiás, para apreender por meio de suas memórias, a dimensão histórica e política do espaço social da cidade em diferentes momentos.

CAPÍTULO I

SONHOS, EXPERIÊNCIAS E RECORDAÇÕES DOS IDOSOS

Em minha vida, atravessei quase todo o século [xx], o mais extraordinário e terrível da história da humanidade

Eric Hobsbawm

Esse capítulo é baseado nos relatos de homens e mulheres que confiaram o propósito de seus sonhos, experiências e recordações nos idos da construção de Goiânia. São pessoas que atravessaram quase todo o século XX e percorrem atualmente o século XXI.

O historiador Hobsbawm (1995), em *Era dos extremos*¹⁰ analisa que as últimas décadas do século XX foram marcados por guerra, genocídio e etnocídio, revolução científica e tecnológica; transformação econômica, social e cultural corrida armamentista e hegemonia capitalista nas últimas décadas desse século. Para esse autor, no século XX, também ocorreu a libertação da mulher; a transformação do processo de trabalho, a generalização do desemprego e da pobreza, o aprofundamento das iniquidades quanto ao desenvolvimento social, econômico e tecnológico. Entre 1989 e 1991, iniciou-se o fenômeno denominado globalização ou mundialização, ampliando o fosso da distribuição da riqueza entre os países na qualidade de vida dos habitantes das diversas regiões do mundo.

De acordo com Thompson (2002), por meio da história oral e da memória, as pessoas comuns costumam compreender as revoluções e as mudanças pelas quais passam em suas próprias vidas, tais como guerras, transformações sociais

¹⁰ Além as *Era dos extremos* (1995), escreveu dentre outros, *Tempos interessantes* (2002).

e mudanças tecnológicas. O senhor Badan¹¹ (10 jul. 2010), durante sua entrevista, exemplifica a análise do autor, ao relatar os avanços tecnológicos ocorridos e a modernização dos equipamentos de trabalho que facilitaram sua profissão de contador:

Eu vi foi o nascimento de muita coisa (...), a televisão o nascimento dela foi por volta de 1930, mas o nascimento comercial dela foi por volta de 1958 (...). O telefone sem fio, o telefone celular, a evolução da minha carreira profissional nos equipamentos que foram surgindo, a caneta tinteiro, a esferográfica, a máquina de cálculo, o fax (...), tudo passou pelo meu conhecimento. Fui vendo nascer essas coisas todas dessa tecnologia. A evolução do carro (...) do avião, depois da Segunda Guerra foi evoluindo demais. Tudo que apareceu de moderno, nasceu foi [depois] da Segunda Guerra (...) tudo mudou, o mundo mudou completamente diferente e continua mudando e vai evoluindo (...) Vimos coisas que é de se estranhar e se meu pai tivesse vivo hoje, ele até suicidava porque mudou tudo.

O senhor Graciano¹² (24 jul. 2010) trabalhou mais de cinquenta anos em cartório e também vivenciou a transformação e a modernização tecnológicas. Ele se recorda que, no início da construção da capital, todo trabalho no cartório era realizado manualmente. Com o desenvolvimento da produção tecnológica, apareceu a máquina de escrever, depois, a máquina copiadora, a máquina de *scanner*, dentre outras. Segundo ele,

¹¹ Entrevista realizada com o senhor Badan, em 10 de julho de 2010, às 8 horas, na sala de visita do apartamento de sua irmã, dona Pina, em Goiânia-GO. Esse senhor tem 72 anos de idade, é descendente de família italiana e nasceu em Uberlândia-MG. Formado em Ciências Contábeis, é casado, tem cinco filhos, todos goianienses. Ele esteve em Goiânia em 1944, a passeio, com o pai, e, em 1957, mudou-se com seus familiares para a nova capital do estado de Goiás, em busca de trabalho, educação e melhor condição financeira. Trabalhou como bancário, auxiliar de escritório e depois atuou em várias empresas como contador. Atualmente é aposentado.

¹² A entrevista realizada com o senhor Graciano ocorreu no dia 24 de julho de 2010, na sala de jantar de seu apartamento, às 11 horas. Esse senhor tem 85 anos, nasceu em Guapo-GO (antigo povoado de Ribeirão), é casado, Bacharelou-se em Direito, tem dois filhos. Em 1939, mudou-se para Goiânia, sozinho, aos treze anos de idade para estudar. Foi morar em Campinas, em uma pensão e, depois, em casa de parentes. É neto de Joaquim Lúcio Tavares, pioneiro de Campinas. No bairro, há uma praça em homenagem a seu avô. Trabalhou no comércio, não exerceu a advocacia e atuou durante cinquenta anos em um cartório, até aposentar-se.

no princípio tudo era [escrito] na [à] mão, tinha que escrever tudo (...) se pedia uma certidão, é coisa pública, você tem que fornecer, você não pode negar uma certidão (...). Naquele tempo (...) eles chamavam de *pública forma*, você pegava um documento e copiava ele inteirinho, um documento estranho, não do cartório. Você levava uma certidão e falava, tira uma *pública forma* dessa certidão aqui. Uma certidão de nascimento ou de casamento, então você batia à máquina tudo aquilo que tava lá e certificava que era verdade, aquilo valia como documento, isso hoje tá tudo em desuso.

A memória do senhor Graciano remete a Bosi (1998, p.15), segundo a qual,

a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (escola, igreja, partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, as constituintes da cultura.

Para essa pesquisadora, a maior riqueza da memória oral são os pontos de vista contraditórios. A memória enraíza-se no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto, já a história liga-se às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas (BOSI, 1998).

As narrativas dos entrevistados demonstram que esses sujeitos sociais mudaram-se para Goiânia sozinhos ou acompanhando seus familiares, advindos de cidades do interior do estado de Goiás, do Rio de Janeiro e Minas Gerais, em busca de estudos e trabalho, melhores condições de vida ou mesmo para constituírem uma nova família. Contudo, muitos desses idosos não se deslocaram de sua terra natal somente em razão das desigualdades sociais, tais como a falta trabalho e/ ou situação de desemprego ou melhores condições de vida. Conforme Moysés e Bernardes (2005, p.174) ponderam,

o deslocamento de população, especificamente de mudança de local de moradia implica não somente a vivência em novos contextos espaciais, culturais, temporais ou históricos, mas implica também a reorganização das formas de sociabilidade, de estrutura cognitiva, de representação, de aprendizados de vivência urbana.

A trajetória do senhor Badan (10 jul. 2010) confirma a análise desses autores. Ele é descendente de família italiana, esteve duas vezes a passeio em Goiânia, em 1944, e depois, em 1955, com o seu pai. Em 1957, aos dezenove anos de idade mudou-se para a nova capital de Goiás, acompanhando seu pai, de caminhão. Sua mãe, uma irmã e um irmão caçula os seguiram posteriormente, de avião, quando o aeroporto estava localizado no atual Setor Aeroporto¹³. Essa data ficou impressa na memória do senhor Badan e de dona Pina¹⁴ (17 jul. 2010):

Eu lembro direitinho a data, no dia 21 de dezembro de 1957, nos mudamos. Eu, a mamãe e o Carlos viemos de avião, e o papai veio de caminhão com a mudança e o Badan [irmão].

Na época da construção de Goiânia, explicita Silva (2007), foram publicados em jornais, revistas e cartazes de propaganda da cidade, por todo o território goiano e nacional, visando atrair pessoas e recursos financeiros para a recém-criada capital, e, assim, corretores de imóveis espalharam-se por todo o país para vender lotes goianiense. Segundo Moraes (2006, p. 179), “quando se iniciava oficialmente a grande arrancada da *Macha para o Oeste*,

¹³ No Setor Aeroporto, existe a Praça *Alberto Santos Dumont* e, nela, há uma réplica do *avião 14-Bis*, ou seja, uma *memória imagem* representando que, naquele espaço, havia um aeroporto e simbolizando o inventor brasileiro do avião.

¹⁴ Entrevista realizada no dia 17 de julho de 2010, na sala de jantar em seu apartamento, às 8h 30 min. Dona Pina tem 84 anos, é solteira, normalista, aposentada. Nasceu em Uberlândia-MG. Mudou-se para a nova capital do estado de Goiás, em 1957, acompanhando seus familiares. Trabalhou de costureira e atuou como professora na cidade de Pontalina-GO e em Goiânia, durante vinte anos até se aposentar.

o Estado¹⁵ passou a especular com as terras públicas do território goiano em outras regiões do Brasil”. As famílias do senhor Badan (10 jul. 2010) e de dona Pina (17 jul. 2010) atraídas pela propaganda, optaram por recomeçar a vida na nova capital do estado de Goiás. Eles relatam:

O meu pai [chegou à cidade], por volta de 1955/56. A intenção dele era mudar para Ribeirão Preto - SP, mas como a minha segunda irmã já morava aqui em Goiânia, era casada e morava aqui e, como papai já tinha conhecimento da cidade (...), e como nós também já tínhamos vindo passear aqui em Goiânia (...), conversamos com ele que para ir para Ribeirão Preto-SP (...), que nós não tínhamos muito conhecimento daquela região. Mas aqui nós já tínhamos parentes de primeiro grau. Então, o meu pai optou para vir pra cá. Porque aqui como era uma cidade que estava em crescimento, e a gente já tinha conhecimento deste crescimento dela e havia mais oportunidade pra nós aqui, tanto na parte financeira, como na parte educacional que estávamos começando e vimos uma facilidade melhor pra nós. E o papai pegou e optou pra cá e por sinal, foi bem melhor que se tivesse ido para Ribeirão Preto (BADAN, 10 jul. 2010).

Papai enxergou Goiânia uma cidade de futuro, aí ele quis mudar, e a mamãe aceitou a ideia dele, e nós não podemos falar nada porque naquele tempo a mais velha era eu e os outros eram menores. O Badan [irmão] já estava com dezanove anos, mas ele também quis vir para cá (PINA, 17 jul. 2010).

Para dona Pina (17 jul. 2010), a mudança para Goiânia, ou seja, a ruptura com os laços afetivos construídos na sua cidade de origem e com os amigos teve consequências que ainda estão presentes em sua memória:

Quando nós chegamos aqui, eu não gostei de Goiânia porque eu morava lá em Uberlândia na avenida principal, em frente ao cinema. Chegamos aqui, fomos pro Setor Oeste se tivesse umas cinco casas era muito, gado pastando. Então, foi uma mudança muito brusca, tanto que eu tive depressão. Eu tive uma depressão muito forte (...), porque larguei minhas amizades toda em Uberlândia (...).

¹⁵ Para atingir tal fim, o governo de Goiás, por meio da Lei nº 167, em 06 de junho de 1937, criou a Procuradoria Especial, com sedes nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Foi expedido o Regulamento de Vendas de Terrenos em Goiânia no dia 27 de junho do mesmo ano, que determinava a possibilidade de vendas de uma parte da área destinada ao Setor Sul, bairro da cidade. Esse regulamento foi o ponto de partida para a iniciativa privada começar a estocar o solo urbano na nova cidade, mediante a aquisição de lotes urbanizados ou em urbanização para revendas posteriores (MORAES, 2006).

O senhor Graciano (24 jul. 10) em 1934, morador do antigo povoado de Ribeirão, atual cidade de Guapó-GO mudou-se para Goiânia sozinho, aos treze anos de idade. Seu objetivo era estudar e trabalhar, e depois, em 1939, seus pais e suas irmãs o seguiram:

Eu vim para estudar, porque lá no Ribeirão, lá no Guapó, não tinha escola. Então eu vim inicialmente para estudar, eu vim sozinho, depois meus pais vieram no ano de 1939, eles mudaram para cá. Passamos a morar em Campinas [bairro da cidade] (...). Eu vim para estudar, foi esse objetivo primeiramente. Meu pai também já estava cansado da atividade dele [comerciante] lá e resolveu vir também, porque lá não havia possibilidade, tinha muitas filhas ainda na companhia da gente. Então ele veio pra cá.

Senhor José¹⁶ nasceu em Arapuá-MG. Começou a trabalhar aos sete anos de idade com seu pai e seus irmãos na lida da roça. Plantavam lavoura, criavam galinha e gado para o sustento da própria família. Aos dezessete anos de idade, resolveu sair da roça e tentar a vida na cidade. Sentiu a necessidade de sair do campo para uma vida urbana porque o trabalho rural era cansativo, pouco compensador, e seus filhos necessitavam de escola melhor. Dessa forma, engrossou as fileiras do êxodo rural e passou a exercer a profissão de tratorista que aprendera trabalhando em várias cidades do interior de Minas Gerais e Goiás. Em 1955, passando por Goiânia, o senhor José (26 jul. 2010) gostou da cidade, escolhendo-a para morar com a esposa e ali criar seus filhos:

Escolhi Goiânia porque era um lugar onde eu tinha alguns parentes que moravam aqui. Meus tios mudou para Iporá [GO] e eu passei em Goiânia. Esse aqui é o meu lugar, porque eu tinha muito desejo na vida de melhorar de vida, de educar

¹⁶ Entrevista realizada com senhor José no dia 26 de julho de 2010, na copa cozinha de sua casa, às 11 horas. Ele tem 81 anos, nasceu em Arapuá-MG. É casado, pai de oito filhos. Trabalhou na roça até aos dezoito anos de idade. Aprendeu uma nova profissão e migrou para a cidade. Morou e trabalhou como tratorista, em várias cidades do interior do estado de Minas Gerais e Goiás. Mudou-se para Goiânia em 1955, em busca de trabalho, melhores condições vida e escola para os filhos. É morador da antiga Vila Operária, atual Setor Centro-Oeste, há 55 anos.

meus filhos, de colocar meus filhos num ambiente melhor e foi naquela época do Pedro Ludovico ainda. E essa cidade foi uma cidade que me ajudou a crescer, me ajudou a educar meus filhos devo muito essa cidade, muito mesmo.

Dona Mariazinha¹⁷ (28 jul. 2010) é carioca. Conheceu e se apaixonou por um goiano em uma festa no Rio de Janeiro, destinada a receber os soldados que iriam lutar na Segunda Guerra Mundial. Ele foi para guerra e trocavam cartas de amor constantemente. A festa da chegada dos soldados é uma lembrança que está muito presente em sua memória:

Foi uma festa maravilhosa a chegada, foi (...) lá no Rio. Ah! Eu lembro o pessoal todo, muito papelzinho caindo foi uma beleza! Em 1945, mas foi uma beleza a festa! E aí ele ficou lá no Rio.

Posteriormente, eles se casaram, como relata dona Mariazinha (26 jul. 2010):

Aí quando foi em 46 [1946] ele foi lá com minha sogra e uma irmã (...) ficamos noivos. Fiquei um ano noiva, ele aqui [em Goiânia] e eu lá [no Rio de Janeiro]. Aí nos casamos.

Dona Mariazinha casou-se em 1947, com 21 anos de idade. Deixou sua cidade natal (Rio de Janeiro), seus pais e irmãs, e constituiu sua família na nova capital do estado de Goiás, mesmo à revelia dos familiares:

A primeira vez que casei foi com um goiano, na Igreja da Candelária no Rio de Janeiro. Em 1947, casei lá no Rio e vim embora. Meu primeiro filho nasceu aqui, em 1948. E viemos de mudança. Era uma coisa horrível, ninguém queria que eu viesse, que eu casasse e viesse. Foi em 1947. Todo mundo pensou que [em Goiânia] só tinha onça e índio aqui. Ninguém queria que eu viesse pra aqui não, mas eu vim porque eu era apaixonada.

¹⁷ A entrevista realizada com dona Mariazinha ocorreu no dia 26 de julho de 2010, na sala de visita de seu apartamento, às 15h 30 min. Essa senhora tem 84 anos. É carioca, viúva, aposentada e mãe de seis filhos. Casou-se com um goiano em 1947 e se mudou para Goiânia, para constituir família. Trabalhou na Legião Brasileira de Assistência Social até aposentar-se.

Tempos depois, seu esposo apresentou sequelas da guerra e durante oito anos ficou internado no Hospital Geral do Exército e/ou na Casa de Saúde:

Ficou com *neurose de guerra* (...) ele se tratou naquele hospital (...) casa de hospício que tinha aqui (...) o Adauto Botelho¹⁸. Ele não ficava internado não (...). Ele ia todos os dias, fazendo tratamento horrível de choque, hoje não existe [o hospital] mais.

Durante a guerra, grande número de soldados brasileiros e norte-americanos foram expostos ao combate, e muitos deles desenvolveram vários sintomas psiquiátricos, dentre eles, a *neurose de guerra*. O esposo de dona Mariazinha, depois de oito anos de tratamento, não resistiu e se suicidou.

Depois de ficar viúva, dona Mariazinha (26 jul. 2010) apaixonou-se por outro goiano, dessa vez, o irmão do falecido esposo. Eles logo se casaram, como relembra:

Era irmão dele [do primeiro marido] (...), mas, foi muito atribulado meu primeiro casamento. Foram oito anos, mas em compensação o segundo foi 52 anos só de alegria, ele me tratava como uma rainha (MARIAZINHA, 26 jul. 2010).

As falas das senhoras Mariazinha, Nina¹⁹, Nega e Pina remetem à compreensão do papel social das mulheres. Elas mudaram-se para Goiânia acompanhando o marido e/ou os pais, que vieram desbravar lugares, rompendo com preconceitos, gerando conflitos e/ou superando situações provocadas por guerras. Essas situações apontam a necessidades de a classe trabalhadora buscar

¹⁸ O Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho foi demolido em 1997 e, no local, foi construído o Centro de Reabilitação Henrique Santillo (Crer).

¹⁹ Entrevista realizada com dona Nina em 19 jul. 2010, na sala de visita em seu apartamento. Ela nasceu em Araguari-MG. Mudou-se para Goiânia em 1944. Tem 86 anos de idade, é viúva. Fez o curso normal e foi costureira. Tem três filhos, oito netos e oito bisnetos.

políticas públicas de trabalho/emprego, saúde, educação para assegurar direitos civis, políticos²⁰ e sociais. Dona Mariazinha (26 jul. 2010) expõe:

Eu tenho o [curso] comércio. Antigamente (...), fiz o ginásio, que era três [anos] propedêuticos²¹ e três comerciários (...). Não ia a lugar nenhum. Meu pai não deixava, gostava só da semana porque ia pra escola. Final de semana a gente achava ruim, a gente não ia a lugar nenhum.

Esses acontecimentos referem-se ao fato de as mulheres poderem ir à escola, mas estarem impedidas de saírem sozinhas, ou seja, de serem independentes. A sua vida transcorria da casa para a escola e dela, para casa. Só trabalhava quem precisava e com o aceite da família. Dona Nina (19 jul. 2010) relata:

Ele [irmão] não deixa trabalhar fora não, nunca trabalhei fora (...). Eu era muito presa, não deixa ir [sair] não. Era uma vez e outra, fim de semana, sábado, domingo que a gente podia ir ao cinema, porque meu irmão tinha um ciúme danado de mim (...).

Ao casar-se, dona Nina saiu do domínio patriarcal do pai/irmão para o marido, que mantinha os valores patriarcais. O irmão comportava-se conforme os costumes: cuidar da Irmã, preservando os valores familiares.

Dona Nega²² (31 jul. 2010) lembra-se que, certa feita,

²⁰ Segundo Ávila (2002), desde as revoluções do século XVIII as mulheres vem lutando por direitos e igualdades. Apesar de conquistas importantes realizadas até as primeiras décadas do século XX, como direito à educação, o Brasil, somente em 1932, assegurou às mulheres o direito ao voto, isto é, acesso aos direitos políticos.

²¹ Educação propedêutica refere-se, em geral, a uma educação iniciadora para uma especialização posterior. Como característica principal, há uma preparação geral básica, capaz de permitir o desdobramento posterior de uma área de conhecimento ou estudo (MENEZES, 2002).

²² Entrevista realizada com dona Nega no dia 31 de julho de 2010, na cozinha em sua casa, às 9 h 30 min. Ela nasceu em Bela Vista de Goiás. Tem 82 anos de idade, é viúva, mãe de quatro filhos, aposentada. Mudou-se para Goiânia em 1945, acompanhando os familiares. Seu pai, pedreiro, trabalhou na construção da nova capital de Goiás, portanto, buscou trabalho e melhores condições de vida. Ela atuou como professora de datilografia e, depois, na bilheteria do Cine Campinas até aposentar-se.

ele [pai] chegou lá [no colégio] pra mim buscar e eu morava na Vila Nova nessa época. Aí ele foi me buscar ali no [colégio] Liceu [de Goiânia]. Chegou lá e viu que tinha rapaz estudando junto. A gente estava saindo da aula e aí ele me xingou [de] tudo: “Ah! Você quer ficar junto com os homens, e namorar (...)”. E nem namorado eu tinha nessa época. Mas aí ele falou muita coisa, e eu fiquei com vergonha e nunca mais voltei lá. Parei de estudar nunca mais estudei em lugar nenhum mais (...). A gente não saía, [ou] saía só com minha mãe e com minhas tias, não podia ninguém andar sozinha. Mocinha sozinha não podia não.

O domínio paterno também está presente na fala de dona Pina (17 jul. 2010).

Estudei em Uberlândia [curso de] normalista (...). O papai foi um pouco rígido. Ele não deixava a gente sair muito não, e tinha hora certa pra chegar em casa.

As falas de Mariazinha, Nina, Nega e Pina reportam-se à cultura geral da época, quando se mudaram para Goiânia. As mulheres brasileiras, até a década de 1930, como aponta Ávila (2002), eram desestimuladas a estudar e a fazer cursos superiores, cuja clientela era predominantemente masculina. Contudo, cursos de normalista, música e canto eram bem vistos na educação de uma moça. O ensino profissionalizante de comércio, comercial, datilografia e a estenografia eram cursos oferecidos para as mulheres que necessitavam de uma profissão, porém em cargos auxiliares, sob a chefia masculina. Nesse sentido, a autora aponta que as mulheres de diferentes classes sociais têm problemas comuns, ocasionados pela cultura, pelas relações sociais e, no âmbito capitalista, de assimilação de regras de subordinação. Essa subordinação aparece tanto para as mulheres da classe dominante, como da classe trabalhadora.

A baixa densidade demográfica do estado de Goiás constituía uma grande barreira para a edificação da nova capital. Para esse problema, buscou-se solução

em outras regiões. Nesse período, conforme estudos de Moysés e Bernardes (2005), formaram-se dois tipos de correntes migratórias de construtores de Goiânia: um formado por pessoal técnico qualificado, vinculado aos escritórios instalado no Rio de Janeiro e em São Paulo, ou seja, controlado diretamente pelo capital, e o outro, pelos trabalhadores desempregados de suas regiões.

Chaul (2009) assegura que, até então, o contingente operário que não havia se formado no estado, ao longo de seu processo histórico, provinha de diversos lugares do interior, do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas Gerais, Nordeste, dentre outros, todos em busca de trabalho. Eles chegavam à cidade em grupos, sozinhos ou com as famílias, de ônibus, de caminhão, a cavalo ou mesmo a pé.

Dona Nega (31 jul. 10) conta que seu tio era do ramo de construção civil. Morador da capital, incentivou o pai dela, que exercia a profissão de pedreiro em Bela Vista de Goiás, a tentar trabalho na cidade, como relata:

Toda vida ele [seu pai] foi pedreiro, mas ele nessa época estava uns quatro anos trabalhando na prefeitura de Bela Vista (...) meu tio que é irmão dele já morava aqui [em Goiânia]. Meu tio era construtor, e ele incentivou meu pai (...). Ele veio trabalhar de pedreiro.

Segundo Lopes (2008), as pessoas guardam dentro de si suas vivências, impressões, acompanhadas de suas aprendizagens. Apesar disso, elas não conseguem guardar tudo, pois a memória, conforme Halbwachs (2006), é sempre seletiva e coletiva. Os critérios do que é significativo ou não resulta do espaço e do tempo em que se vive. Para o autor, a história de cada um contém a história de um tempo, dos grupos a que pertence e das pessoas com quem se relaciona. Dessa forma, os relatos dos entrevistados são ilustrações do período da construção de Goiânia. O senhor José (26 jul 10), por exemplo, alugou um barracão na antiga Vila

Operária, atual Setor Centro-Oeste. Está no bairro há mais de 55 anos e, nesses anos todos, mudou-se somente de rua:

Quando eu vim a situação financeira era péssima. Eu não tinha condição para nada (...), um amigo me trouxe e encontrei um local de morar. Ali na Rua do Comércio (...), aqui no Setor Centro-Oeste. Nesse tempo era Vila Operária. A cidade aqui, nesse bairro, não tinha nada, não tinha água, tinha energia e não tinha asfalto (...). Você saía, tinha lugar onde a gente ia comer gabirola (...). Foi muito difícil a vida porque eu não tinha emprego. O meu estudo não dava para passar em concurso (...), não tinha currículo escolar (...). Eu morei na Rua do Comércio, depois pra Rua C-500, depois mudei pra uma outra casa na esquina de lá, depois morei em frente à igreja (...) e depois comprei ali onde eu morava, quer dizer é minha casa ainda, eu aluguei. Toda vida aqui, de Vila Operária tem mais de 55 anos.

Donas Mariazinha, Nina e Pina e o senhor Badan moraram em localidades mais centrais da cidade, isto é, na Avenida Paranaíba, na Rua 18, no Centro, e na Rua 3, Setor Oeste, respectivamente. Já o Sr Graciano foi morar em Campinas, e, depois de casado, mudou-se para Avenida Paranaíba, no Conjunto do Instituto dos Aposentados e Pensionistas do Comércio (IAPC). Atualmente reside no Setor Marista. Dona Nega (31 de jul. 2010) habitou primeiro na Vila Nova, depois, no Setor Coimbra e, atualmente, em Campinas. Ela rememora quando chegou à Vila Nova:

Lembro direitinho (...), era um barracão de três cômodos (...). Então eu e minha irmã dormia na sala, e moramos lá uns três anos assim. Depois meu pai pegou e alugou outra casa que era até do meu tio, cunhado dele (...), aí ele emprestou dinheiro só sei que ele comprou uma casinha lá na Vila Nova e já tinha quatro cômodos, dois quartos e moramos lá um tempão. Nós moramos lá, acho que uns cinco anos ou mais.

Dona Pina (17 jul. 2010) guarda em sua memória os lugares em que morou no Setor Sul, com seus pais. No início, o saneamento do bairro era precário. O processo de crescimento da cidade, sobretudo nos setores das regiões sul e central

da capital, forçam os primeiros moradores a mudarem-se por causa do barulho, ou seja, da poluição sonora e ambiental e das violências dentre outros. Ela conta:

O papai tinha comprado um lote lá no Setor Sul, na [Avenida] 85. Aí ele construiu e nos mudamos, mas quando papai comprou esse lote sabe que jeito que era? Era atrás do Palácio [das Esmeraldas]²³. Era cerca de arame farpado. E o Setor Sul era um matagal danado, não tinha nada. Ai papai falou assim pra mim: “Oh, comprei uma lote aqui”. Me deu uma tristeza, falei: “Pai, nesse mato?” Ai, ele falou: “nesse mato”. Quando papai construiu a nossa [casa] na Rua 85 nem asfaltada [a rua] era. Tinha poucas casas. Aí nos mudamos e lá nós ficamos nessa casa 22 anos. Aí asfaltaram, já começou o progresso pra lá. No final a [Avenida] 85 começou a ficar aquele movimento horróroso, o papai começou a querer saí de lá porque já estava idoso, aí nós mudamos para a Rua 94. Só que lá, na Rua 94 foi onde eu perdi meu pai e minha mãe. Se eu morei lá foi uns cinco anos foi muito. Aí o Paulo [irmão] pegou e falou pra mim “oh, você não vai ficar sozinha não”. Porque na 94 tava dando muito ladrão, assaltando as casa demais lá, foi aonde eu procurei apartamento para comprar no Setor Aeroporto. Só aqui eu moro tem 22 anos.

Apesar de Goiânia ser uma cidade planejada, ela apresenta problemas característicos das grandes cidades. De acordo com Moysés (2004), problemas da capital são comuns a qualquer metrópole capitalista da atualidade, como o intenso tráfego de pessoas e veículos, desigualdade social e econômica, violência, poluição ambiental e sonora, desemprego, segregação dentre outros.

O autor pontua que, na década de 1980, a área urbana da cidade expandiu-se de forma ilegal, por meio de loteamentos clandestinos e irregulares e pelas ocupações dos sem-tetos. Ele atribui a responsabilidade desse processo à existência de uma legislação de parcelamento urbano muito exigente nesse período, no tocante à implantação de infraestrutura.

Contudo, até 1950, a nova capital cresceu e se desenvolveu de acordo com as previsões do plano original. As pressões demográficas, tanto quanto de

²³ Sede oficial do governo do estado de Goiás desde 1937.

especulação imobiliária, fizeram surgir novas configurações, tanto no aspecto horizontal como no vertical. Dessa forma, as imobiliárias de Goiânia, a partir da década de 1980, para atender os sonho de morar em apartamentos das camadas de renda²⁴ média e alta constroem prédios acima de dez andares em setores considerados nobres²⁵, em detrimento de construções habitacionais, para atender às camadas de baixa renda.

A memória para os velhos, conforme Bosi (1994) é uma construção de pessoas que, atualmente envelhecidas, já trabalharam. Portanto, é importante buscar nessas memórias o processo e as transformações no mundo do trabalho e suas especificidades. Embora não seja foco de análise deste trabalho vale ressaltar que, tanto pelo recorte de gênero, classe social, idade, vida urbana ou rural, as narrativas elucidam como os idosos lidaram com as especificidades do mundo do trabalho. Portanto, conforme Antunes (2001), na classe trabalhadora incluem-se todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho para o capital, em troca de salário, e, nessa classe, encontra-se tanto o trabalhador urbano, quanto o trabalhador rural.

Senhor Badan (10 jul. 2010) relembra sua trajetória profissional e as dificuldades que enfrentou para proporcionar melhor condição de vida para família. Ele trabalhou como bancário, auxiliar de escritório e estudou até formar-se como

²⁴ Em 1985, entre as classes sociais de Goiânia, segundo Moraes (1991), havia alta concentração de renda, isto é, os 10% mais ricos detinham 48% da renda total, ao passo que 80% da população pertencentes às três classes de renda mais baixas, 32%, e os 30% mais pobres, 3,8% da renda total.

²⁵ Conforme Moraes (1991), das 57 mil novas unidades habitacionais construídas em Goiânia, entre 1975 e 1985, 4.304 eram condomínios de alto porte (acima de cinco andares), com um total de aproximadamente 17.220 apartamentos. Eles se concentraram na região sul (setores como Oeste, Bueno, Nova Suíça, Jardim América e Bela Vista), que já tinha certa infraestrutura, maior densidade populacional e vias pavimentadas. Já os condomínios verticais de baixo porte (até quatro andares) e os conjuntos habitacionais tendiam a concentrarem-se em áreas mais distantes do centro. Essas construções forçaram o Estado a levar infraestrutura para aquelas regiões, favorecendo, assim a especulação imobiliária das áreas vazias.

técnico de contabilidade. Ingressou em empresa nacional e multinacional. Durante sua vida funcional, acumula de dois a três empregos. Fazia horas-extras e vendia as férias, e trabalhou por cinco anos em Brasília. Ele conta sua trajetória profissional:

Tinha prestado concurso Banco Mercantil de Minas. No dia 1º de março de 1958 eu comecei a trabalhar (...), [trabalhou] até 1961. Depois de 61 [1961] eu comecei a trabalhar como auxiliar de escritório em uma empresa chamada Oeste de Tratores, hoje chamada Sotreq [empresa comercial] (...), já era formado como contador técnico e fui trabalhar como profissional já na área. Ai trabalhei em várias empresas, algumas delas eram: a Brasília Diesel, uma concessionária da Mercedes Bens. Trabalhei na Comercial Itacolumbi, que era uma empresa de imobiliária, trabalhei na Alencastro que era outra empresa de imobiliária de aluguéis, trabalhei no Country Clube de Goiânia como contador. E, posteriormente, fui trabalhar em Brasília. Fiquei lá cinco anos, mas a família morando aqui. E eu apenas trabalhando em Brasília (...), como profissional para Goiânia o salário pago para o contador (...), não era um valor suficiente pra gente adquirir propriedades, ter um padrão de vida mais elevado, padrão de vida melhor, que pudesse ter um carro. Era uma coisa mais difícil (...), no início de vida, casado naquela época, então era mais sacrifícios para continuar trabalhando [em Goiânia] (...).

O senhor José (26 jul. 2010) ilustra com sua história a labuta iniciada na roça, aos sete anos, capinando, arrancando toco de aroeira para plantar arroz, feijão, milho, dentre outros, auxiliando o pai para sustentar família de dez pessoas. Esse relato revela a situação de exploração do trabalho infantil que acontece em diferentes partes do mundo. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2001), os trabalhadores infantis vivem em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, e as causas são basicamente a pobreza e o desemprego. Entretanto, muitas crianças²⁶ e adolescentes que vivem nas cidades executam

²⁶ Para a OIT (2001), o termo *criança* refere-se a pessoas com idade inferior a 18 anos. Segundo a Psicologia, criança refere-se ao desenvolvimento psicomotor das pessoas que têm de 2 a 10 anos e adolescentes de 11 a 22 anos. Para o Serviço Social, o trabalho infantil refere-se a utilização de mão de obra de pessoas a partir dos 3 anos. Em consonância Estatuto da Criança do Adolescente (ECA), o Serviço Social e a Psicologia consideram que crianças e adolescentes devem ser protegidas e suas famílias amparadas por políticas públicas para que eles possam desenvolver suas aptidões físicas e motoras com ludicidade e experiências sócio educativas.

tarefas diárias de trabalho, como vender balas, engraxar sapatos, além de entregar panfletos. No campo, esses jovens desempenham tarefas mais pesadas, como colher algodão, cortar cana-de-açúcar, quebrar pedras, trabalhar em carvoarias, dentre muitas outras ocupações. O senhor José (26 jul. 2010) expõe a condição de vida das crianças filhos de trabalhadores que desenvolvem atividades para garantir a sobrevivência da família:

Eu iniciei trabalhando com enxada, limpando quintal comecei com sete anos²⁷ e (...), meu pai tinha oito filhos, eu era o terceiro [filho] e desde que aguentei a trabalhar na enxada, eu trabalhei sem ganhar nada até dezoito anos [de idade]. Foi essa vida até que eu completar 18 anos.

Conforme a legislação brasileira e internacional, o trabalho infantil não constitui trabalho digno e nem reduz a pobreza. Ele rouba das crianças a saúde, o direito à educação, impedindo-as de exercitar capacidades físicas/motoras fundamentais para o processo cognitivo adulto. Trata-se de uma ação que contribui para impedir que se vislumbrem horizontes mais favoráveis para esses futuros adultos.

O senhor José, quando completou a maioridade civil, em busca de outros rumo de vida, pois era trabalhador rural, sem qualificação profissional urbana, e, sem estudar, mudou-se para a cidade. Como não havia possibilidades de frequentar escola, aprendeu a profissão de tratorista a qual exerceu por quase quarenta anos.

A trajetória de luta em busca de trabalho para proporcionar aos filhos educação escolar e melhores condições de vida estão vivas em sua memória:

²⁷ A exploração do trabalho infantil não é um fato restrito ao Brasil. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima existirem cerca de 250 milhões as crianças trabalhadoras em todo o mundo e pelo menos 120 milhões de crianças entre 5 e 14 anos de idade trabalham em tempo integral. Os restantes combinam trabalho com os estudos e com outras atividades não econômicas. De acordo com estimativas da OIT, a maioria absoluta dessas crianças está em países em desenvolvimento. São 17 milhões na América Latina e Caribe (7%); 80 milhões na África (32%); e 153 milhões na Ásia, (61%) excluindo o Japão (OIT. 2001).

No dia que eu fiz dezoito anos, nós morávamos em Centralina [MG] (...), estava arrancando toco de aroeira pra plantar roça, pois eu tinha dito pra ele [pai] que ia trabalhar [na fazenda] até aos dezoito anos. Depois dos dezoito anos eu teria que trabalhar para mim, já tinha namoradinhas. E no dia que eu fiz 18 anos (...), eu chamei ele e falei: “Papai, chegou à hora”. [O pai disse]: “Ah! Você vai me fazer falta”. Eu falei: “Não vou fazer falta pra ninguém, eu vou agir com a minha vida, porque agora chegou a época”. Aí, fui na fazenda do Dr. Barros, inclusive, ele era médico e fui me aconselhar com ele, saber como fazer (...). Naquela época, ele me perguntou o quê que eu queria, falei: “Vou estudar”. [Ele]: “Aonde?” [Respondi]: “Em Uberlândia”. [Dr. Barros retrucou]: “Uberlândia é uma cidade muito ativa e você não aprendeu trabalhar lá na cidade, aprendeu só a plantar e colher e nem pra servente de pedreiro você dá conta”. Falei: “Não dou mesmo”. Aí, ele falou: “Você não quer trabalhar comigo?” Falei: “Trabalhar de quê? Porque eu não sei trabalhar de trator, você tem muito trator”. [Dr. Barros esclareceu]: “No trator, a partir de amanhã você tem um salário de um tratorista, porque dentro de uma semana, você já é um tratorista. (...)”. E no outro dia, às 7 horas da manhã entrei no serviço (...), aí comecei a trabalhar, aí minha vida mudou.

O senhor José (26 jul. 2010), depois de receber algum dinheiro, melhorou de vida, e, posteriormente, mudou-se novamente. Ele relata:

Naquele tempo, lá na roça, a gente não podia comprar carro porque não dava conta, né? Mas todo rapaz tinha uma bicicleta (...), comprei uma novinha com farol (...). E foi ali que comecei a minha vida. Eu trabalhei nesta fazenda alguns anos, peguei algum dinheirinho, voltei para o Arapuá [MG]. Já tinha uma namoradinha, dentro de poucos meses nos casamos.

Como não obtive ascensão social nesse lugar, mudou-se novamente:

E nesse casamento, a vida foi uma luta porque casei sem muita experiência, muito novo, 21 anos. Foi aquela luta, lutando para a sobrevivência (...). Aí fui trabalhar com trator de esteira, que [é] a minha profissão (...). E a luta da vida foi de uma maneira tão difícil que eu sai do Arapuá, por falta de trabalho lá. Aí, fui pra Centralina de novo, para ajudar construir uma estrada. Tem um intervalo (...), triste, mas antes de mudar. O meu sogro era um homem muito trabalhador e me queria bem demais (...). E numa discussão boba de rapazes (...), atirou no meu sogro, meu cunhado, meu primo e no dono do bar. E o meu sogro morreu naquele dia atirado [assassinado] e descontrolou minha vida porque ele era igual ao meu pai (...). Eles [os assassinos] começaram a me perseguir também. Como eu nunca fui homem de briga resolvi sair de lá e minha esposa Luiza não quis mudar comigo (JOSÉ, JUL. 2010).

Nessa busca, chegou a Goiânia:

Meu pai já morava em Ivolândia [GO] e eu não voltei mais para o Arapuá desde essa época (...). Voltei pra Goiânia procurar trabalho para poder sobreviver (...), essas dificuldades passassem (...). Eu estava em uma pensão chamada Pensão Santo Antônio de um senhor lá do Carmo do Paranaíba [MG] e chegou Anísio no caminhão e ele falou: “Procuro um motorista você quer trabalhar comigo?” Aí eu fui trabalhar com ele em Pontalina [GO] com o caminhão. E, lá em Pontalina, eu trabalhei uns três meses ajudando ele (...), fui morar na casa dele, ele depositou toda a confiança. E aí, conheci o prefeito de lá [Pontalina-GO], Jair Maia. Conheci o prefeito porque uns senhores estavam lutando com um trator novo. Eles tinham comprado [o trator] para fazer uma ponte lá, aterrar a cabeça de uma ponte para fazer uma passagem. Eles não davam conta, e como eu era operador de máquina, parei o caminhão fui lá e falei: “Me dá essa máquina”. Dentro de duas horas, eu fiz [o serviço] porque eu era perito na arte. Aí, ele [o prefeito], mandou me oferecer quatro mil, naquela época pra eu trabalhar com ele e eu fui. Fazia dez meses que não via a Luiza, que não via dois filhos, não via ninguém. Nisso, meu cunhado buscou para eu morar em Goiatuba [GO], foi quando nasceu o Martins. Ela tinha ficado grávida, eu não sabia, saí nos dias. E o Martins veio com síndrome de *Down* por causa de sofrimento. Aí nos unimos de novo e eu voltei a trabalhar. Ajudei a construir aquele aterro (...) próximo a Itumbiara [GO], então aquela [rodovia] federal, a BR 153, eu fui um dos que ajudei a fazer.

A profissão aprendida pelo senhor José (26 jul. 2010) foi o instrumento para contribuir para consolidar o seu sonho de melhorar de vida na capital em construção:

Mas resolvi a vir para Goiânia (...) cheguei parece que em 1955 (...). E quando eu vim, a situação financeira era péssima. Eu não tinha condição para nada (...). Eu conheci um senhor chamado Jacinto Fialho Pimentel, quando eu trabalhei em Belo Horizonte (...), com trator. E eu conheci ele (...), e fui trabalhar em Brasília (...). Esse senhor (...) me fez uma proposta pra eu arranjar uma máquina de esteira e trabalhar na prefeitura [de Goiânia] e no estado [de Goiás], na Secretaria de Aviação e Obra Públicas. E eu aluguei a máquina (...) e realuguei para a Secretaria do Estado e foi algo que me ajudou muito (...). Eu trabalhei (...), no estado uns três anos por aí. Depois eu comprei outro trator de esteira e entreguei aquela (...). E fui trabalhar com esse trator (...), aí, eu vendi a máquina e comprei outras melhores. Comprei uma, e com o espaço de tempo, comprei outra e fundei um firmazinha uma construtora e foi aonde eu ganhei um pouco de dinheiro. Foi um ponto de partida para uma vida melhor. Aí meus filhos vieram [nasceram], [foram] crescendo, eu consegui estudá-los, mexendo com trator. Com trator eu trabalhei aqui em Goiânia quase quarenta anos.

Senhor Graciano (24 jul. 2010) é bacharel em Direito pela Universidade Federal de Goiás, porém, não exerceu a profissão de advocacia. Quando jovem, trabalhou em sapataria, farmácia, tipografia. Depois de concluir seus estudos universitários, foi convidado a trabalhar no *Cartório do 2º Ofício* e, com o passar dos anos, instalou o *Cartório do 3º Ofício*, atividade que exerceu por mais de cinquenta anos, sem gozo de férias. Aposentou-se em 1995, aos setenta anos de idade. Ele narra, as experiências vivenciadas:

Eu trabalhei em comércio, sapataria, tentei trabalhar em farmácia e depois que eu terminei o ginásio em 1944. Aí um primo meu (...) arranjou para trabalhar no Cartório do 2º Ofício que o titular era o Públcio de Souza, que é marido de dona. Trabalhei lá com ele durante sete anos (...). Saí do cartório e fui com um amigo meu lá de Campinas, nós compramos uma tipografia. E trabalhei nessa tipografia três, quatro anos. Depois ele saiu, e eu comprei a parte dele, fiquei sozinho no negócio. Aí, depois, em 1953, casei, desfiz da tipografia porque eu tinha sido procurado [para] trabalhar (...) e instalar o Cartório do 3º Ofício, isso em 1952. Funcionou, trabalhei lá até aposentar em 1995, de cartório vou ter uns cinquenta anos. Foi essa vida até aposentar em 1995, aos setenta anos. Naquele tempo, não tinha contrato de trabalho, não tinha carteira, podia ter, mas a gente era uma coisa quase de favor. A pessoa arranjava para a gente trabalhar, não tinha inscrição, não tinha nada, não tinha contrato [de trabalho], naquele tempo não tinha férias, essas coisas, quer dizer no caso meu. Não se falava em férias, em 13º [salário] nada disso. Isso veio depois.

É interessante observar na fala do senhor Graciano as questões relativas às condições e às lutas pela sobrevivência da classe trabalhadora, e as garantias previstas na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)²⁸. Embora Getúlio Vargas tenha criado o Ministério do Trabalho, em 1930, Couto (2004) ressalta que a regulamentação da relação entre trabalho e capital, ou seja, a legislação trabalhista embasava-

²⁸ No dia 1º de maio de 1943 foi assinada a CLT, por Getúlio Vargas. Ela é chamada de *Consolidação das Leis Trabalhistas*, em vez de *Código das Leis Trabalhistas* porque seu objetivo constituiu apenas em reunir a esparsa legislação trabalhista já existente na época, consolidando-a. Não poderia receber a denominação *código* por não se tratar de um direito novo, apenas de uma reunião consolidadora. Cabe ainda esclarecer que uma lei é denominada *código*, quando os dispositivos legais no diploma legislativo forem votados um a um e, simultaneamente, pelo Congresso Nacional (WIKIPÉDIA, 2011).

se na concepção liberal. Dessa forma, a legislação trabalhista incidiu sobre a regulamentação do trabalho feminino e dos menores na indústria, estabelecendo jornada de trabalho de oito horas, férias para os comerciários e operários das indústrias e tratou de questões de acidentes do trabalho. Contudo, somente em 1940 foi regulamentado o salário mínimo. No entanto, esse aparato legal assegurou os direitos básicos para os trabalhadores urbanos.

Ao observar as falas dos senhores Graciano e José, porém, percebe-se que esses direitos não atingiam todos os trabalhadores, e muito menos as trabalhadoras. O teor das entrevistas das mulheres permite constatar que a elas eram reservadas algumas funções e/ou postos de trabalho subalternos, assim como os papéis e obrigações sociais, tanto no mundo privado, como mães, esposas e donas de casa, como no público.

No âmbito público, as mulheres enfrentavam desafios para serem reconhecidas como sujeitos com direitos trabalhistas. A entrevista de dona Nega (31 jul. 2010) evidencia os desafios que essas mulheres, nos idos de 1950, tiveram que enfrentar. Ela exemplifica, que quando ficou viúva, com quatro filhos pequenos, a única experiência profissional que tivera antes do casamento fora de professora de datilografia:

Trabalhei na escola de datilografia, eu era professora, na Rua 55 no Bairro Popular, nem sei se hoje é Bairro Popular ainda [Setor Central] (...), trabalhei lá uns dois anos, depois nós viemos pra Campinas, aí saí (...). Só trabalhei de carteira assinada depois que eu fiquei viúva, trabalhei em Campinas (...).

Após a viuvez, dona Nega teve que trabalhar no âmbito público para complementar a pensão do esposo para criar os filhos, fornecer-lhes alimentação e educação.

Para conseguir inserir-se no mercado de trabalho, contava com o auxílio de outras mulheres da família para cuidar das crianças, pois, vale ressaltar, naquela época os poderes públicos municipal e estadual não ofereciam creche²⁹ para abrigar as crianças. As palavras de dona Nega (31 jul. 2010) são esclarecedoras:

Eu casei dia 31 de janeiro de 1948, e ele faleceu dia 19 de junho de 1957, com quatro filhos pequenos, o Valdir [filho caçula] não tinha nem dois anos [idade] ainda. Foram nove anos e alguns meses [de casada]. Não foi fácil, mas também, graças a Deus, eu tive muito auxílio da minha mãe. O meu [pai] nessa época começou a ficar doente também, ele já não dava conta. Mas a minha sogra ajudou muito a criar meus filhos. Minha mãe trabalhava na [área de] saúde e minha irmã trabalhava, e [elas] me ajudaram muito. E eu comecei a trabalhar também e depois mudamos pra cá, era tipo barracão e só tinha dois quartos. Aí dormia meu pai e minha mãe lá, e eu meus filhos e meus sobrinhos tudo amontoados. Foi uma época muito difícil (...). Fui trabalhar no Cine Campinas, eu era bilheteira. Eu fui trabalhar no Cine Campinas porque o meu concunhado pediu para eu trabalhar um tempo lá pra ele, porque ele estava doente e (...) não queria sair, queria vê se aposentava lá. Aí eu fui e fiquei lá uns três meses trabalhando pra ele. Aí ele morreu. E eu continuei trabalhando lá, trabalhei dezoito anos.

A condição financeira familiar de dona Nega (31 jul 2010) exemplifica a realidade vivida pela maioria da classe trabalhadora, isto é, para compensar a queda de renda, o brasileiro é obrigado a fazer *hora extra*, com uma jornada dupla ou tripla de trabalho³⁰. Como consequência, aparecem as situações de adoecimento provocadas pela busca incessante de garantir o atendimento das necessidades básicas. Dona Nega continua seu relato:

²⁹ Segundo Ariés (1981), por volta de 1875, surgiram os primeiros jardins de infância particulares, tendo como papel principal cuidar, higienizar e educar a criança, além de transmitir os valores sociais e morais de uma determinada classe social, a elite dominante. Saviani (2000) aponta que, no Brasil, a partir da década de 1970, os movimentos sociais reivindicavam, dentre outras, uma proposta de creche mais afirmativa para a criança, a família e a sociedade. Na década de 1980, houve um avanço considerável em relação à educação infantil. A Constituição de 1988 definiu a creche e a pré-escola como direitos de família e cabe ao Estado oferecer esses serviços.

³⁰ Segundo pesquisa feita pela Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade do município de São Paulo (OIT/IBGE, 2008) a renda média do trabalhador caiu 18,8% entre 1996 e 2003. O brasileiro é obrigado a trabalhar cada vez mais para compensar a queda na renda. Pressionados pelo aumento dos gastos, mais de 29,3 milhões de trabalhadores fazem *horas extras* e outros 6 milhões de aposentados e pensionistas continuam na ativa. Para piorar o quadro, 3,8 milhões de pessoas têm dois ou mais empregos.

Eu era bilheteira, e minha irmã era porteira. Ela trabalhava cedo no Posto de Saúde e, à noite na portaria do cinema. Eu trabalhava na matinê também. Minha irmã deu câncer, e ela morreu no dia 3 de julho, e o cinema fechou no dia 3 de julho, foi o último dia nosso. O gerente queria que eu fosse lá pro centro [de Goiânia] trabalhar lá, aí eu não quis não. Os filhos já estavam maiores, não precisava tanto e já estavam trabalhando também. Aí, eu não quis ir trabalhar mais não, tinha que pegar ônibus todo dia, achava que era difícil. Naquele tempo era difícil, hoje é rápido, naquele tempo pegar uma jardineira daquela.

Segundo outro morador de Goiânia, o senhor Badan (10 jul. 2010),

a cidade crescendo, a gente, às vezes, trabalhava em dois ou três empregos pra poder ter um ganho melhor. A questão das férias (...), vendia [as] férias pra poder ter um padrão melhor. Então era difícil, o ganho aqui como assalariado, como profissional não era um bom salário. O momento que começou a melhorar foi quando eu fui para Brasília, que aí o meu salário dobrou e foi aonde eu tive condições de adquirir propriedades e o padrão de vida subiu. Adquirir carros (...), foi melhorando a situação financeira da gente, mas para Goiânia na época era muito difícil, não era fácil. Hoje pode ser até diferente, mas naquela época era difícil.

Dona Pina (17 jul. 2010) trabalhou como costureira por um período em uma boutique, porém a patroa começou a exigir mais produção. Para não se ver explorada, passou a costurar em casa. Como tinha diploma de normalista, lecionou em Pontalina, no interior goiano, e, depois transferiu-se para Goiânia, onde trabalhou como professora até se aposentar:

Mas graças a Deus, depois nós fomos melhorando. Meus irmãos foram arranjando emprego, eu também fui costurar (...) para a mulher do Jaime Câmara (...). Ela tinha uma boutique, aí ela me contratou (...). Eu fui trabalhar na oficina dela, tinha uma senhora que cortava, era até de idade. Ela já te dava a roupa cortada pra você montar, aí a gente só tinha que montar. Mas tinha que entregar o vestido prontinho num dia só. Aquilo era cansativo demais, sabe, porque nem toda a roupa você apronta num dia só, tem detalhes. Ela queria que montasse dois vestidos por dia, aí eu falei: “Ah! Isso aqui não é vida pra mim não.” Peguei e saí fora. Eu chegava [às] 7h 30 min. Sai pra almoçar, e meu horário de sair era seis horas da tarde. Eu fiquei pouco tempo, acho que fiquei uns três meses só. Devia ser 1958/59, aí comecei a cansar com aquilo, sabe? Ficava o dia inteiro debruçada na máquina costurando. Aí eu passei a costurar pra fora na minha casa. Costurei um tempo pra fora, arranjei freguesas, né (...). Depois a

minha irmã de Uberlândia mudou pra Pontalina. Eu fui passear em Pontalina [GO], o prefeito de lá descobriu que eu era professora. Eu tinha o diploma, não lecionava ainda não. Me contratou pra lecionar lá em Pontalina. Em Pontalina, eu fiquei uns quatro anos, depois voltei pra Goiânia, fiz transferência (...). Eu fui contratada pelo Estado [governo estadual], contratada não efetivada, aí comecei a trabalhar aqui em Goiânia e aqui me aposentei.

Dona Nina (19 jul. 2010) fez curso normal, mas não exerceu a profissão de professora. Ficou órfã ainda jovem e foi morar com irmão até se casar. Depois de casada, aprendeu a profissão de costureira para complementar o orçamento familiar, e auxiliar nas despesas e na formação educacional dos filhos:

Ele [irmão] não deixa trabalhar fora não, nunca trabalhei fora não. Costurei muito depois que eu casei, eu aprendi a costurar. Costurei muita pra ajudar a formar meus filhos e ganhava muito dinheiro [quando] costurava, porque eu fiz alta costura e aí eu costurava pras madames. Eu aprendi com Vanda Alencastro Veiga. Ela fez alta costura em São Paulo, aí chegou aqui dava o curso. Eu costurava em casa mesmo, fazia vestido de noiva, Costurei muitos anos, tem uns vinte anos mais ou menos (...), eu já tinha os netos (...) mas eu costurei durante muitos anos. Ah! Tinha mês que ganhava [mais] que o José [seu esposo]. Agora costura não dá, porque hoje em dia tem tudo pronto. Todo mundo fala: “Ah! eu vou lá, experimento, se tá bom, eu fico”. E naquele tempo não tinha [roupas prontas] era tudo de costureira, quase não encontrava roupa pronta (...) cinquenta anos atrás. Ganhei muito dinheiro com costura, tinha muita freguesia, porque o José [falecido esposo] trabalhava no banco, a mulher do gerente, as mulheres dos funcionários lá, tudo eu costurava pra elas. Era muito bom.

A entrevista de dona Pina e de dona Nina mostram as condições de vida das mulheres que trabalhavam, ou seja, no ambiente doméstico sofreram a exploração da segunda jornada de trabalho, no entanto, o seu trabalho não era reconhecido como tal, somente como ajuda. Machado (2007, p. 77) pontua: “o mundo como a história é só dos homens, os atores sociais foram quase sempre homens, cabendo às mulheres apenas papéis de coadjuvantes”. A mulher passou a conquistar o direito à escolarização e a exercer atividades profissionais, nos anos 1930, 1940 e 1950, quanto houve uma abertura maior para a escolarização. No entanto, permanecem

diferenças entre as expectativas da família em relação à vida escolar e profissional de seus *filhos homens* e a das meninas/moças.

Quando jovem, dona Mariazinha (26 jul. 2010) estudava, mas o pai não a deixava sair de casa. Depois de viúva, foi trabalhar na Legião Brasileira de Assistência social (LBA). Ela lembra que seu primeiro cônjuge trabalhava na LBA e, com o seu falecimento, ela pediu à primeira dama da época, dona Gercina Borges, o emprego que era do esposo e essas recordações estão em sua memória:

Não ia a lugar nenhum, meu pai não deixava, gostava só da semana porque ia pra escola, final de semana a gente achava ruim não ia a lugar nenhum. Meu pai era alto funcionário do Lloyd Brasileiro³¹, era escritor, era poeta e era jornalista. (...) Eu não sabia fazer nada, eu fui uma menina que hoje em dia fala *patricinha*³². Meu pai e minha mãe não deixavam a gente fazer nada, nós somos três irmãs. Quando ele [o primeiro esposo] morreu era funcionário da Legião Brasileira de Assistência [LBA] (...). Eu fui lá [LBA] com a minha sogra pedir o emprego dele, à dona Gercina [na época primeira dama do Estado] que era presidente, me deu [emprego] imediatamente.

A LBA, fundada em 1942, no governo Getulio Vargas, tinha o objetivo de ajudar as famílias dos soldados enviados à Segunda Guerra Mundial e foi extinta em 1995, no governo Fernando Henrique Cardoso. Por ser uma instituição federal, asseguram direitos trabalhistas a seus funcionários, como revela dona Mariazinha (26 jul. 2010).

Eu trabalhei trinta anos na Legião Brasileira de Assistência Social, graças a Deus (...). Era carteira assinada, férias, 13^o salário, era tudo (...). Eu era agente administrativo, trabalhava na procuradoria, fazia registro de nascimento e de casamento. Eu trabalhei menos na tesouraria, mas trabalhei no protocolo, trabalhei na seção pessoal. Eu fui muito feliz lá.

³¹ Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro foi uma companhia de navegação fundada em 19 de fevereiro de 1890, durante o governo do marechal Hermes da Fonseca. A empresa foi extinta em outubro de 1997, durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, com o objetivo de encerrar o crescente endividamento da empresa (WIKIPÉDIA, 2010).

³² O termo *patricinha* é uma gíria que remete a uma mulher, normalmente uma adolescente na faixa até os vinte anos, que tem uma preocupação excessiva em se vestir de acordo com a moda. A *patricinha* anda em grupos, com outras moças que compartilhem os mesmos gostos.

1.1 Recordações, sonhos e saudades do tempo vivido

Para Halbwachs (2006), o ato de lembrar a história vivida é uma obra, um trabalho, uma ação. O tempo lembrado não é simplesmente a volta ao passado, mas viver no presente com valores socialmente ressignificados. Lembrar não é reviver. É refazer, reconstruir, repensar com idéias atuais as experiências do passado.

Conforme Bachelard (1994), a memória é individual, isto é, o indivíduo tem seu tempo, e a identidade e a cultura estão no seu pensamento. Em seu pensamento, há uma pluralidade de duração, com encadeamentos diferentes. O autor assinala que, acima do tempo vivido, há um tempo pensado. Na dialética do contínuo e descontínuo, para o autor, a dialética dos fenômenos psicológicos é de ordem temporal e há uma supremacia do tempo desejado sobre o tempo vivido. A memória situa-se como construção social, mas, também é individual.

Como a cultura, a memória tem um espaço e um tempo. As narrativas do senhor Badan (10 jul 2010), são indícios de saudades afetivas. Ele expõe:

Seu eu pudesse voltar quando era menino, seria uma maravilha. É tanta coisa, a gente vai vendo um álbum desse aqui e vai tendo saudade das coisas antigas, então, a gente não pode ficar lembrando muito, vendo muitas coisas do passado não, porque senão a gente vai viver só no passado. Mas hoje eu não procuro lembrar muito do passado não. Não adianta, a saudade a gente sempre tem, saudade do meu pai, da minha mãe, da minha irmã, dos meus sobrinhos que já foram. Mas a saudade do passado mesmo, das coisas que aconteceram a gente lembra, mas não é como eu disse pra você, a vida vai sempre seguindo pra frente, tudo é consequência dela. Sonhos (...) seria ser jogador mesmo (...). Mas eu posso falar que teria o sonho de viajar o mundo, passear, principalmente lá na Itália. Oportunidade eu tive, minha filha estudou lá, eu não fui porque não quis. Então, não seria um sonho, seria uma vontade que passou, não sei dizer. Filhos tenho cinco, esse sonho que eu tinha quando solteiro já foi preenchido, hoje eu tenho filhos, netos, então, já foi preenchido. No futuro, só se for ganhar na loteria, mas eu não jogo, então, não tenho perspectiva nenhuma não.

O trabalho para essas pessoas tem o significado de direção de vida. O senhor Graciano (24 jul. 2010), por exemplo, tem saudades do trabalho, de criar a família, de ver os filhos crescerem:

Eu tenho muita saudade do trabalho que eu tinha. Do trabalho, eu gostava muito. Eu até falo que se eu não tivesse que aposentar, eu teria continuado até quando a saúde permitisse. Teria me aposentado não, mas é que a lei obrigou³³ naquele tempo, hoje já não obriga mais. Hoje um sujeito eterniza num cartório³⁴. Então, minha saudade era criar a família, [mesmo] com todos os problemas era muito gostoso criar a família e ir vendo o crescimento dos meninos. No início eles pulavam na cama da gente, querendo dormir com a gente. Isso era muito bom, isso eu tenho saudade (...). Eu não tinha grandes pretensões, então as coisas foram acontecendo sem eu almejar. Nunca fui de passear muito, nunca tive vontade de viajar e ir pro estrangeiro, Europa, Estados Unidos [da America]. Num passou pela cabeça essa loucura de ir lá passear, eu acho que eu tive muito mais do que eu mereci, então tá bom.

As saudades dos acontecimentos, da luta do dia a dia, constituem a memória afetiva, que senhor José (26 jul 2010) ilustra quando fala da época da criação dos filhos, dos pais, dos irmãos, dos amigos que se foram, e de quando estava inserido no mercado de trabalho:

[Tenho saudades] dos acontecimentos da vida. Apesar, que não gostava do trabalho de trator, mas eu tenho saudade assim, quando eu levantava de madrugada, saía sofrendo no mundo, lutando com o trator, abrindo estrada e construindo. (...). Mas o que tenho saudades é daquela corrida que a gente tinha na vida, o sofrer aqui, o caí aqui, o levanta ali. Sorri um pouco, chora um pouco, tudo faz parte da vida, então esse decorrer da vida me deixou saudade. Mas o que me deixou com muita saudade é da família passada, do pai, da mãe, dos que faleceram e não voltam mais. Dos irmãos que lá vai indo, da geração que lá vai indo, dos colegas de futebol, colegas de mocidades, de bailes dessas coisas. Tudo isso a gente lembra com saudades, das pessoas que já foram, das pessoas que não existe mais, que eram tão perto da gente, então eu tenho saudades, muito saudades Da minha pré-adolescência, eu não tenho [saudades] porque eu passei trabalhando. Mas desde que eu me tornei homem e eu me casei eu tenho

³³ O servidor público é aposentado compulsoriamente após os setenta anos de idade, ou seja, há a passagem obrigatória do servidor da atividade para a inatividade, independentemente de sexo.

³⁴ O senhor Graciano era dono de cartório e, atualmente, os proprietários não são obrigados a aposentar-se por questão de idade.

saudade da luta da criação dos filhos, ensina um filho, ensina outro, você vai pra li, não estudou, não passou (...). É nisso aí, que me ensinou muito, também aprendi a estar na faculdade com os [filhos] que estavam na faculdade, aprendi a estar no primário com [filhos] que estava no primário, esse acompanhamento isso me deixa saudades. (...). Eu tive a mão de Deus estendida para mim. Sofrer é natural, só tem vitória quando tem luta, eu tive muita luta e eu tive muita vitória. Saudades eu tenho de tudo (...), até das pessoas que passaram por mim, as pessoas que eu pude ajudar (...), tudo que você faz pra alguém, você recebe em dobro e eu recebi em dobro (...). Por isso, eu sou alegre por ter sido jovem, sou alegre por ter vivido nessa vida e estou alegre de ter chegado até aqui. Se Deus me conceder mais um ano, dois anos ou mais dez eu quero viver bem com ele, porque quem quiser viver bem, viva!

Ao ser perguntado sobre sonhos, o senhor José (26 jul 2010) disse que queria ter estudado. Naquela época, ele morava na roça, e era difícil o acesso à escola e quando foi morar na cidade, não teve oportunidade. No período em que ele era criança e jovem, a educação não era um direito social³⁵ e nem obrigação do Estado e da família. Ele explicita:

O meu maior sonho era de ter estudado, ter me formado porque eu nunca tive um professor e nem uma professora na minha vida (...). Eu tinha muito desejo de ter estudado, se eu pudesse voltar atrás e estudar eu estudaria, eu teria formado, porque a melhor maneira que você tem na vida pra viver e para ajudar alguém é você tendo condições.

As saudades de dona Pina (17 jul. 2010) referem-se mais as reuniões familiares que aconteciam aos domingos, bem como as confraternizações natalinas e das festas de ano novo:

A saudade que eu tenho é da reunião de família quando meus pais eram vivos. Os domingos, as festas que reunia todo mundo lá, a mamãe fazendo almoço e eu ajudando ela. Os natais e ano novo que era tudo na minha casa e hoje não

³⁵ A educação constitucionalmente é garantida não apenas como um direito, mas como uma obrigação do Estado, a partir de 1970. A Constituição de 1988 (BRASIL, 1988) assegura que toda criança deve, necessariamente ser matriculada e frequentar regularmente a escola. Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB; BRASIL, 1996) como no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA; BRASIL, 1990), confirmam o princípio da educação pública, gratuita e universal. Nesse sentido, a educação constitui-se em um direito social de responsabilidade pública.

tem mais nada disso, acabou tudo! Então, isso eu tenho saudade, muita saudade do tempo que passou mesmo, dessa convivência de família mesmo, de todos nós reunida. Hoje a gente reúne, mas é cada um tem seus probleminhas, suas coisinhas. *Antigamente era sagrado lá em casa*, na [Rua] 85. A nossa família cresceu mesmo foi aqui, o Badan veio com dezenove anos casou aqui, o Paulo tinha quatorze, casaram com moças aqui de Goiás mesmo. A nossa família lá na [Rua] 85 reunia tudo lá em casa. Hoje é o contrário, aos domingos eu que almoço na casa do Paulo [irmão], eu e a sogra dele. Ele fala: “Minhas meninas, deixa eu ir buscar as minhas meninas!”.

Dona Pina (17 jul. 2010) ainda fala do sonho de casar-se e constituir família, ou seja, o de desempenhar o papel de esposa/mãe. Mas também menciona a sua realização profissional como professora, ensinando e educando:

O meu sonho quando eu era moça mais nova era casar, ter minha família e infelizmente não foi possível, não tava reservado isso pra mim (...). Perdi quatro namorados aviadores. Meu primeiro namorado foi ser aviador esse chegou a ser até coronel, agora, há pouco tempo ele faleceu, é o único que não morreu de desastre. Depois eu namorei outro, esse foi para Aeronáutica e morreu lá em Fortaleza, o avião dele explodiu com ele. Depois namorei um que foi pra Inglaterra quando estava voltando pro Brasil o avião dele chocou com outro, então ele morreu tá no fundo do mar. Tive um namorado, o Rafael, o avião dele lá em São Paulo ia cair em cima de um posto de gasolina, Você acredita que ele conseguiu manobrar e o avião caiu no asfalto de frente o posto que enterrou três metros assim. Foi catado aos pedaços. Esse salvou muitas vidas antes de morrer. E tive um outro namorado que era dono da fábrica das *Balas Erlan*, (...), essa bala Erlan, você conhece? Tava no comecinho [a fábrica], que aí ele vendeu pra os donos atuais, foi ele que começou a *Fábrica Erlan*. (...). Aí deu que ele foi na rodoviária, na hora que ele estava comprando a passagem, ele caiu morto. Foram cinco [sendo] quatro aviadores, só um que não morreu de desastre, morreu de velho, é por [isso] que eu não tinha que casar mesmo. A gente acha que não tem história, a gente tem história sim! Agora, hoje, meu sonho é ajudar meus irmãos, é o que eu posso fazer. Eu lecionei, graças a Deus, realizei meu sonho de ser professora. Então, hoje eu acho que o que eu tinha que fazer, eu já fiz, estou vivendo aquilo que Deus tá mandando pra mim.

A mulher da geração de dona Nina (19 jul. 2010) era educada e preparada para casar-se e cuidar da casa e dos filhos, ou seja, vivia em prol da família. Ela tem saudades do companheiro de sessenta anos de convivência:

[Saudades] do meu amor. Todo dia eu choro por ele de saudades, das coisas boas que falava pra mim, dos amores, das coisas bonitas que ele falava, mas não tenho mágoa dele, 62 anos juntos, aonde ia um, ia o outro, não viajei sozinha [sem meu esposo], depois que casei (...) eu me considero muito feliz por ter [convivido] esses anos todos (...). Ele foi a pessoa mais importante, sinceramente, filho é muito bom, mas eu tenho muita saudade, ele foi muito bom.

Dona Mariazinha (26 jul. 2010) também sente saudades do companheiro e sonha em voltar a morar em Campinas, bairro de Goiânia. Contudo, quando envelheceu, os filhos mudaram-na de lugar. Portanto, sua narrativa evidencia que a sociedade industrial é maléfica para a velhice, conforme pontua Bosi (1994) e Beauvoir (1990). Para essas autoras, a sociedade capitalista rejeita o velho, não oferecendo nenhuma sobrevivência à sua obra. Ao perder a força de trabalho, ele não mais é considerado produtor nem reproduzidor de relações socioeconômicas e, para muitos, constitui uma carga, para outros, é tutelado como se fosse menor. Essas atitudes privam o velho da liberdade de escolha, tornando-o cada vez mais dependente. Essa situação ocorre de tal forma que os mais novos administram sua aposentadoria, obrigando-o a sair de seu espaço/casa, o que redundará em experiências negativas para o velho, que, em alguns casos, são submetidos à internação hospitalar, ou ainda, abandonados em asilos.

Para Bosi (1994) e Beauvoir (1990), nesse contexto, os velhos não dispõem de nenhuma arma e seus problemas são resolvidos estritamente por adultos ativos que decidem a vida deles conforme seus próprios interesses práticos e ideológicos. Confere-se aos velhos o papel de dependência, de inadequação, e, agindo dessa forma, essas pessoas esquecem que estão ensinando como as crianças e os adolescentes devem tratá-los em futuro próximo.

O desabafo de dona Mariazinha (26 jul. 2010) é comovente:

Ah! [Saudades] do meu marido que morreu, ele era o meu companheiro, ele era muito bom para mim. Agora é incrível falar isso, você sabe (...), eu tenho vontade sabe de quê? Se falar isso meus filhos vão me internar, de morar em Campinas. Eu sei que não posso morar lá, tenho casa, lote e um apartamento na Avenida 24 de Outubro, eu adoro!

Dona Nega (31 jul. 2010) sente saudades das viagens, dos bailes, do carnaval desfrutou com as amigas e com os parentes. O seu sonho era ter uma festa de comemoração dos seus setenta de idade. Em sua memória, perduram lembranças afetivas:

O que eu tenho mais saudade é justamente das minhas viagens que fazia, minhas amigas que já morreram quase toda. Eu sinto muita saudade delas e da minha vida em si, porque graças a Deus apesar dos pesares de ter ficado viúva muito nova. Mas eu não tenho raiva, não tenho tristeza de pensar, porque eu sempre tive uma casa sempre cheia dos meus parentes, sempre cheia de gente. Meus filhos muito bons nunca me deram dor de cabeça. Eu toda vida fui uma pessoa que gostava era de dançar, continuei a dançar e passou um tempo. Eu fui pros bailes com minhas amigas, com meus parentes porque minha família e eu gostava de dançar, gostava de carnaval. Agora hoje é que não, mas até os meus quarenta anos eu ainda ia pro carnaval. E a única coisa que eu tive vontade e não fiz e não falei com ninguém também. Foi pra fazer uma festa dos meus setenta anos, isso até hoje eu tenho paixão porque eu não fiz. Mas eu não tive condição e meus filhos não importaram com isso, não perguntaram pra mim se eu queria ou não. Porque, por exemplo, toda vida a gente reza o terço, a nossa turma em todo o aniversário a gente vai pras casas e reza. Mas a minha paixão era fazer uma festona nos meus setenta anos e não fiz. Da minha mãe nós celebramos uma missa dos oitenta anos dela, tem até a lembrancinha da festa. Mas pra mim não sei por que eles não ofereceram. Fez aqui em casa nós rezamos um terço Valdir [filho e padre] veio rezou, eles vieram. Mas festa eles não fez não, mas eu queria era [festa] dos setenta anos. Mas eu nunca falei pra eles, nunca comentei também.

Halbwachs (2006) considera que a memória, que tem conotação individual, também é coletiva. Nessa perspectiva, as lembranças podem agrupar-se ora em torno de uma determinada pessoa, ora de um determinado grupo maior ou menor. Contudo, essas memórias são representações sociais da coletividade. Nessa ótica, as entrevistas dos septuagenários e octogenários apresentam dois tipos de

memória, ou seja, são aspectos de memória individual que, todavia aparecem como componentes de memória coletiva.

Em outras palavras, o aspecto coletivo é concebida por esse autor como o espaço de conflitos e influências entre uns e outros. Dessa forma, a memória individual é construída pelas referências e lembranças próprias do grupo, e se refere, portanto, a um ponto de vista sobre a memória coletiva (HALBWACHS, 2006). Ao trabalhar com memórias, deve-se considerar o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas que ele estabelece com outros sujeitos, diz o autor.

Segundo Halbwachs (2006) a memória coletiva evolui segundo suas leis, e, se algumas lembranças individuais a penetram, o indivíduo muda algumas figuras, de modo que elas sejam recolocadas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal. A memória individual, porém, não está totalmente isolada e fechada. Ela se retrai nos pontos de referências que existem fora dela, e que são fixados pela sociedade. Diferentemente de Halbwachs (2006), Bergson (1997) considera que a pessoa só se lembra do que viu, fez, sentiu, e a memória individual não se confunde com a dos outros.

Para Le Goff (2003, p. 477), “a memória procura salvar o passado para servir o presente e o futuro, (...) que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens”.

Paul Thompson (2002) afirma que toda história tem sua finalidade social. No passado, ela era transmitida de uma geração a outra pela tradição oral e, posteriormente, pela escrita. Para o autor, a finalidade social da história oral, portanto, pode ser observada nas pesquisas acadêmicas, na busca de conhecimentos e, também, para justificar a guerra e a dominação, a conquista territorial, o domínio de uma classe ou etnia sobre a outra.

Nesse sentido, para Thompson (2002), a experiência de vida das pessoas pode ser tomada como matéria-prima, e a história oral oferece uma fonte semelhante à de uma autobiografia publicada, mas de maior alcance. A maioria das autobiografias publicadas trata de grupos restritos de líderes políticos, sociais e intelectuais. Os historiadores orais podem escolher a quem entrevistar e a respeito do que perguntar.

Os participantes desta dissertação não são líderes políticos e nem intelectuais, são sujeitos sociais, ou seja, cidadãos que vivem em Goiânia, vivenciando o crescimento da cidade.

Bosi (1998, p. 60) assinala que, para o velho, a memória tem outro significado, ou seja, é a história do homem ou da mulher que já viveu sua vida:

Ao lembrar o passado o velho não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às idéias do sonho, está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesmo da sua vida.

Ao lembrar o passado, os entrevistados comentam que:

Me levou, distanciou [do] agora até o começo da minha vida que eu nunca pensava (...) de lembrar, muitas coisa nesse intervalo que mais tarde, porque a gente não tem mais aquela memória (JOSÉ, 26 jul. 2010).

Estou lembrando coisas que eu já tinha esquecido e estou achando o papo muito gostoso (PINA, 17 jul. /2010).

Uma terapia que eu faço é ficar lembrando das coisas que me aconteceram de solteiro, depois de casado, aquela coisa, então é isso que eu lembro, inclusive a gente faz um exercício mental daquilo que realmente aconteceu (GRACIANO, 24 jul. 2010).

Os acontecimentos importantes presentes nas memórias dos idosos remetem à análise de Halbwachs (2006, p. 75), ou seja, o *passado vivido* por meio

da narrativa, que apresenta a visão desses sujeitos sociais que contribuíram para a história de Goiânia.

O senhor Graciano (24 jul. 2010) é um exemplo desses sujeitos e, em sua entrevista relata detalhes das festividades do batismo cultural de Goiânia, em 1942, da inauguração da capital federal do Brasil – Brasília, na década de 1960, de acontecimentos políticos do início do governo de Pedro Ludovico, do assassinato do jornalista Haroldo Gurgel em 1953, dentre outros momentos vivenciados:

O mais importante acontecimento da época foi o batismo cultural de Goiânia, foi em julho de 1942, reuniu muita gente aqui em Goiânia, muitas gentes veio assistir o batismo cultural. O Dr. Pedro convidou o Bispo de Cuiabá, Dom Aquino Correia³⁶, que veio pra celebrar a missa e fez uma oração bonita e o sermão dele foi uma coisa (...). Ele era da Academia Brasileira de Letras [mato-grossense], fez um discurso fenomenal, eu não guardo assim, tudo o que ele falou, mas tinha coisas muito bonitas. Estava assistindo, estava de longe (...), uma multidão assistindo aquilo, depois os jornais comentaram muito, mas foi a festividade mais importante. Hoje tem gente que acha que a capital começou aí, e não em 1933, tem uns que acha que é essa de 1942 e não de 1933. Aí que começou Goiânia, mas na minha opinião e até na opinião do professor Nion Albernaz³⁷, que já foi prefeito aqui também. O início de Goiânia deveria ser na época que foi criado o município em 1935. Foi quando extinguiu o [município] de Campinas³⁸ e incorporou Hidrolândia, Guapó, São Geraldo (atualmente, Goianira) passou tudo a ser o município de Goiânia e foi quando também nomeou o prefeito e os vereadores. Até então o Dr. Pedro estava com muita dificuldade para transferir a capital pra cá, porque havia uma oposição muito forte lá em Goiás [cidade de Goiás, local da antiga capital] (...), ele lutou com muita dificuldade. Mas com o golpe de 1937 do *Estado Novo*, aí acalmou tudo porque acabou com o Congresso [Nacional], aquela coisa desapareceu, as assembleias [legislativas] que criava mais obstáculos pra ele. Aí foi quando Goiânia desenvolveu bem de 1937 pra frente. Agora, o grande *boom* mesmo foi Brasília em 1960, com a criação de

³⁶ Dom Francisco de Aquino Corrêa (1885-1956) nasceu em Cuiabá, foi sacerdote, arcebispo de Cuiabá, poeta e orador sacro, governador do estado de Mato Grosso e incentivou a fundação da Academia Mato-grossense de Letras.

³⁷ Foi prefeito de Goiânia por três vezes, deputado federal e ocupou cargos importantes no governo de Goiás (WIKIPÉDIA, 2010).

³⁸ Em 1810, Campinas era um arraial; em 1856, de povoado passou à categoria de freguesia e integrou a Vila de Bonfim (Silvânia); em 1907, foi elevada à categoria de vila, mantendo jurisdição sobre o patrimônio do Barro Preto (Trindade); em 1914, passou à condição de município. Em 1935 foi assinado o decreto que fundiu em um os municípios de Campinas, Hidrolândia e parte dos territórios de Anápolis, Bela Vista e Trindade para constituir o município de Goiânia. No ano de 2010, Campinas, atualmente bairro de Goiânia, completou duzentos anos (LONGO, 2010).

Brasília aquela movimentação e tudo. Foi daí que Goiânia realmente passou a desenvolver mesmo. Voltando atrás, eu lembro de uma grande festividade também aqui, foi quando chegaram os trilhos da estrada de ferro, isso no governo do Coimbra Bueno³⁹, ele chegou até a frente da locomotiva, aquela coisa. Pois essa estrada acabou não funcionando nada, adiantou pouco pra gente. Agora, Brasília quando começou a ser construída, aí Goiânia passou a ser um grande polo de desenvolvimento pra lá, também porque vendia as coisas. E fizeram logo a estrada [BR 153], era só com uma pista, mas logo já tinha comunicação rápida com Brasília. O estado de Goiás ajudou muito, ajudou o quando pôde pra concretizar Brasília. Eu até como escrivão e como dono de cartório, a primeira escritura de venda de terras lá de Brasília, de uma área até grande de oito mil alqueires [foi realizada por mim]. Era do senhor Jorge Teles e Jerônimo José da Silva, eles venderam pro estado de Goiás, [que] comprou e depois passou pra União, mas acho que o recurso era federal também. Então eu fui o tabelião dessa escritura, para mim é muito importante na minha vida, a primeira escritura, depois o estado [governo estadual] passou aquilo tudo pra União pra formar o território do Distrito Federal. Aí, Goiânia passou a desenvolver muito. Eu lembro quando, em 1960, antes da inauguração teve um encontro nacional lá em Brasília, ia gente de todo lado, caravanas de todo lado, a gente via aquilo com muito interesse. Eu fui a Brasília, mas nessa época [da inauguração] não. Foi exatamente quando minha senhora estava na hora de dar a luz do meu segundo filho, nasceu em maio, e essa festividade foi em abril, quando foi inaugurado Brasília, em 21 de abril, dia de Tiradentes. Uma coisa que me chamou muito a atenção na época e era perto onde eu trabalhava, foi quando, em 1954, aquele jornalista Haroldo Gurgel⁴⁰ foi assassinado ali na Praça do Bandeirante [em Goiânia]. Eles até julgaram, na época o Dr. Pedro que era o governador, então, disse que eram uns jagunços dele que mataram o jornalista, não sei o quê. Mas aquilo foi tudo imprudência de ambos os lados e aí saíram com o corpo dele, queria levar lá no Palácio [das Esmeraldas], foram dias difíceis aqueles, sabe? Mas tudo terminou dentro do possível, de acordo como devia terminar mesmo. A imprensa nacional toda deu em cima, e naquele tempo a gente participava muito, porque o dono do cartório onde eu trabalhei era filho do Pedro Ludovico, doutor Paulo Borges Teixeira (...). Ele tava sempre a par das notícias assim, quando da

³⁹ Jerônimo Coimbra Bueno, mais conhecido como Coimbra Bueno, foi nomeado para a Superintendência Geral de Obras de Goiânia. Em 1934, criou com seu irmão a empresa Coimbra Bueno e Cia., que foi a responsável pelos trabalhos de construção da nova capital do estado de Goiás, inaugurada em 1935. Foi governador do estado Goiás pela União Democrática Nacional (UDN) de 1947 a 1950 e senador em 1954 (SIVA, 2001).

⁴⁰ O assassinato do jornalista Haroldo Gurgel ocorreu em 8 de agosto de 1953. Esse crime foi atribuído a membros do Partido Social Democrata (PSD), a mando de Pedro Ludovico Teixeira, então governador. O fato provocou manifestações e alunos da Faculdade de Direito fizeram uma passeata em direção à casa do governador. As portas do comércio fecharam-se, e a população compareceu ao funeral no dia seguinte. No túmulo de Gurgel, em Goiânia, foi afixada uma lápide, em forma de um livro aberto com os seguintes dizeres: "Lutou pela verdade e morreu como mártir da imprensa durante o governo do Sr. Pedro Ludovico Teixeira, a 8 de agosto de 1953, em Goiânia-GO". E no local em que o jornalista foi assassinado, foi pintada com tinta vermelha a seguinte frase: "Aqui tombou um jovem defendendo a liberdade de imprensa" (WIKIPÉDIA, 2010).

deposição do Mauro⁴¹ [Borges] foi também um negócio muito chocante, muito injusto, mas depuseram. No dia da deposição dele, tava todo mundo lá na Praça Cívica, aquela coisa! Até que chegou o Interventor⁴² pra tomar posse lá do cargo, aquilo realmente foi um dia marcado, fora isso era só mesmo coisa, passeata, essas coisas (GRACIANO, 24 jul. 2010).

A memória de senhor Graciano (24 jul. 2010) apresenta dois momentos significativos na história do país, a denominada Revolução de 1930⁴³ e o golpe militar⁴⁴ de 1964. Contudo, Silva (2001) considera que desde a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, o Brasil vivia uma crise política. Embora, o vice-presidente, João Goulart, conseguisse assumir a Presidência da República, o fez em um clima político tenso, e o governo de Goulart foi marcado tanto por abertura às organizações sociais como por articulações para destituí-lo do poder.

Em Goiás, como consequência do golpe militar, ocorreu a intervenção no estado com o afastamento do governador Mauro Borges, em 26 de novembro de 1964. O senhor Graciano rememora que a ditadura, percebendo o apoio da população ao governador Mauro Borges, filho de Pedro Ludovico Teixeira⁴⁵, amedrontava a multidão aglomerada na Praça Cívica, com vôos rasantes dos aviões, muito barulho e ameaças diversas. Salles (2008) conta que o povo reagiu aos aviões que sobrevoavam a capital com gritos que expressavam coragem e

⁴¹ Mauro Borges Teixeira foi deputado federal por Goiás (1958-1960) e governador do estado (1961-1964). Cassado em 1964, teve seus direitos políticos suspensos por dez anos. Em 1982, foi eleito senador por Goiás, pela legenda do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) (SILVA, 2001).

⁴² Em janeiro de 1965, Ribas Júnior foi nomeado interventor em Goiás pelo Presidente da República Castelo Branco, em substituição ao interventor Meira Matos, que ocupara o lugar de Mauro Borges, o governador deposto. Ribas Júnior foi interventor em Goiás até janeiro de 1966 (SIVA, 2001).

⁴³ A Revolução de 1930 foi o movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o golpe de Estado, o golpe de 1930, que depôs o presidente da república Washiton Luís, em 24 de outubro de 1930, impedindo a posse do presidente Júlio Prestes e pondo fim à República Velha (FAUSTO, 1972).

⁴⁴ Período da política brasileira em que os militares governaram o Brasil, entre os anos de 1964 e 1985. Essa época caracterizou-se pela ausência de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão àqueles que se opunham ao regime militar (FAUSTO, 1972).

⁴⁵ Fundador e ex-governador do estado de Goiás.

indignação. Após a intervenção, a população aglomerada defronte o palácio retirou-se carregando nos braços o governador deposto.

A memória do senhor Badan (10 jul. 2010) também recupera a construção de Brasília e acontecimentos políticos que marcaram essa época:

Em 1962, eu trabalhava na Sotreq [empresa comercial] e fui fazer um trabalho no Rio de Janeiro e assim que retornei, quando desci no aeroporto de Goiânia, quando aterrissamos no Aeroporto Santa Genoveva, Goiânia estava sediada por soldados do exército, porque tinha havido uma rebelião do Capitão Lamarca no Pará, e Goiânia estava sediada por causa desse problema. Então gravou-se na minha memória esse fato, porque nós tivemos dificuldades de aterrissar em Goiânia (...). Em 1964, eu era recém-casado, surgiu a *Revolução de 31 de março*, e eu estava trabalhando. Trabalho de hora extra e foi o exército lá e me tirou do meu trabalho, mandou fechar as portas e me levou até em casa. E ali começou esse problema, Goiânia sediada, o governador nessa época, era o Mauro Borges, e o palácio estava todo tomado, sediado pelo exercito, então isso daí, foi outro fato que marcou. Houve lançamento de bombas, nessa época, eu estava estudando, estava na faculdade. E como havia muito *movimento estudantil* nessa época eu também fui abordado. Estávamos indo à noite pra casa, eu e minha esposa, porque, nessa época, nós estávamos casados. Casamos em 1964, como estudávamos juntos, fomos abordados pela polícia pra mostrar documentos. E já estava perto da casa, e eles nos acompanharam até a residência. Então não teve grandes consequências não, mas foram momentos muito desagradáveis para nós e de lá pra cá veio acontecendo outras coisas que já fazia parte. Mas nessa época de 1957 [quando se mudou para Goiânia] até 1964 foram esses fatos que aconteceram (...). Em 1960, a construção de Brasília não me lembro mais.

Dona Pina (17 jul. 2010) também se recorda da cassação do governador Mauro Borges e da presença do exército na Praça Cívica:

A única lembrança [que tenho] já foi em 1960, aquela *revolução* [golpe militar de 1964]. Eu já estava lecionando aqui [Goiânia]. Eu lembro direitinho, eu dava aula na parte da manhã, cheguei a diretora e falou pra nós as professora: “Oh! vocês mandam os meninos irem embora porque no centro (...)” Porque eu lecionava lá na Vila Viana, pra lá da Vila Nova. Falou: “No centro (o centro era a Rua 4 e [Avenida] Anhanguera) “tava um rebuliço lá, de militares, parece que tá tendo qualquer coisa no governo”. Ai, eu com minha colega, que eu morava no Setor Sul, pegamos um ônibus e já viemos morrendo de medo. Menina! O que tinha de soldado nas ruas! Aí, cheguei em casa, contei pro papai. Ele disse: “Está tendo

sim, minha filha, parece que está tendo qualquer coisa aí”. Não tava sabendo o que era aí, meu cunhado que morava aqui falou pra nós, nós morava perto do Palácio [das Esmeraldas], que era o Mauro Borges que tava no governo. O que tinha de soldados do exército. Aí, meu cunhado falou: “Vocês arrumam as malas, que o negócio aqui não vai ficar bom não, nós vamos pra fazenda”. Meu cunhado era fazendeiro, então nós já estávamos tudo assim ajeitadinho, porque se fosse pra rebentar qualquer tiroteio, qualquer coisa a gente já ia, mas graças a Deus! Lembro de avião passando em cima do palácio (...) e aquela gritaria do povo lá e aquele corre pra lá, mais aí, deu que o Mauro Borges se entregou, quando foi de tarde já estava calmo. Foi uns três dias esse rebuliço aqui porque o Mauro Borges não queria ceder o governo, mas acabou saindo, é a única coisa que lembro.

O senhor José (26 jul. 2010) refere-se à implantação na capital, do Sistema de Transporte Urbano no Eixo Anhanguera que o marcou bastante e está presente em sua memória:

Uma coisa que [me] marcou [foi] eu vi crescer, quando você está perto, você vê crescer e não assusta, não fica na lembrança (...). Uma coisa que eu fiquei admirado com o crescimento naquela época, foi o meio de transporte⁴⁶ quando eles [os coletivos] passaram para a Avenida Anhanguera. Colocaram os ônibus na [Avenida] Anhanguera e ia até lá longe e ajudou a gente muito porque naquela época, a gente não tinha carro.

Na década de 1980, Moysés (2004, p. 173) pontua que, com a abertura política, ocorreram eleições, assumindo o governo estadual Iris Resende Machado do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Para esse autor, foi uma gestão populista, com construção de conjuntos habitacionais, fora do perímetro urbano, promoção de loteamentos de baixa qualidade, construção da Vila Mutirão e lançamento do loteamento Fazenda São Domingos, no início da década de 1990.

⁴⁶ Em 1975, foi criado o Sistema de Transporte Urbano da Transurb, primeira infraestrutura exclusiva para transporte coletivo, o *Corredor Anhanguera*, com nove km de extensão. Prioritariamente ocorreu o processo de troncalização e racionalização da circulação dos ônibus na cidade, com implantação de linhas trocais e alimentadoras, integradas pela bilhetagem manual (Wikipédia, 2010).

Também foram construídas obras de impactos, tais como a Estação Rodoviária e o Centro de Convenções, dentre outras de infraestrutura realizadas em Goiânia.

Para o senhor José (26 jul. 2010), outros acontecimentos que retêm em sua memória referem-se à televisão e ao avião:

O que [me] marcou foi o governo do Iris⁴⁷ [Machado Resende] foi um governo que eu me lembro como prefeito. Foi algo que me assustou muito foi o crescimento na época dele (...), asfaltou muitas ruas e depois a água veio pra cidade também. A televisão também. Uma coisa que me marcou muito foi a televisão. E a facilidade dos meios de transporte, principalmente o avião, a gente não via aquelas coisas. Quando eu vim pra [Goiânia] eu conheci, passou um avião uma vez lá [na roça] naquela época, a gente assustou, por que não via e não conhecia. Então a gente viu crescer, quando você vê crescer, quando você esta junto não [não percebe o crescimento] tem muitas coisas que marcou na vida.

Para dona Mariazinha (26 jul. 2010), a capital cresceu, e outros problemas apareceram, tais como o acidente radioativo com o *Césio 137*, ocorrido em setembro de 1987. Esse desastre marcou a sociedade goianiense e está vivo em sua memória:

Mas que me marcou foi o negócio do *Césio [137]*. A minha mãe estava até aqui, eu lembro que foi horrível todo mundo falou.

O acontecimento relatado nessa entrevista refere-se ao desastre radiológico que ocorreu no centro da cidade, entre as Avenidas Tocantins e Paranaíba. Havia uma clínica abandonada de radioterapia e dois sucateiros, no dia 13 de setembro de 1987, retiraram do local um equipamento, visando vendê-lo como sucata a um dos ferros-velhos da cidade. Levaram-no para a moradia de um deles, na Rua

⁴⁷ Esse político começou a carreira política pelo estado de Goiás em 1958. Foi vereador, deputado estadual, prefeito. Cassado pelo regime militar, retornou à cena política como o primeiro governador eleito no estado após 22 anos. Foi senador por Goiás, e também Ministro da Agricultura e da Justiça, e ainda, recentemente, prefeito da cidade.

57, Setor Central. No quintal da casa, usando ferramentas comuns, separaram a parte de chumbo do restante da peça, rompendo a janela de *irídio*⁴⁸ que protegia a cápsula de *Césio 137*. Dessa forma, ocorreu a liberação de radioatividade para o meio ambiente. Inicialmente, foram contaminadas as pessoas que manipularam as partículas do *Césio 137* e, posteriormente, homens, mulheres, crianças, animais domésticos, casas, ruas, chegando a contaminar até à atmosfera. Essa radiação, oficialmente, atingiu uma área de 2.000 m², não contínuo, infiltrando-se no solo até a profundidade de 50 centímetros. Dessa forma, foi necessário derrubar árvores e arrancar as plantadas a 100 m² das zonas afetadas. Segundo informações de técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear (Cnen) que participaram do processo de descontaminação de Goiânia, foram demolidas sete casas e gerados 6.500 m³ de rejeitos radioativos, que foram transferidos para um depósito provisório na cidade de Abadia de Goiás, onde, posteriormente, foi construído um depósito definitivo (CHAVES, 2007).

As entrevistas ainda apresentam a análise dos idosos sobre a cidade, após ela ter completado 77 anos, o que será apresentado no próximo capítulo.

⁴⁸ O termo irídio vem do latim *iris*, ou *arco-íris*. É um elemento químico, símbolo Ir, de número atômico 77 (77 prótons e 77 elétrons) com massa atômica 192,2 u situado no grupo 9 da tabela periódica dos elementos (WIKIPÉDIA, 2010).

CAPÍTULO II

TORNOU-SE REALIDADE A NOVA CAPITAL DE GOIÁS

Este capítulo aborda as narrativas dos senhores José, Badan e Graciano e das senhoras Pina, Mariazinha, Nina e Nega, que saíram de sua cidade natal, nas décadas de 1930, 1940 e 1950 com destino à nova capital do estado de Goiás. Por meio de suas memórias, pretende-se apreender a dimensão histórica do espaço da cidade em diferentes momentos vivenciado por eles em Goiânia.

Antes da construção da capital de Goiás, nos idos do século XVIII, o primeiro governador de Goiás, Dom Marcos de Noronha, futuro *Conde dos Arcos*, sonhou transferir a capital para outro espaço, o que só tomou forma depois de quase dois séculos de luta. Ela se iniciou em 1754, com o primeiro governador da Capitania de Goiás, perpassando outros governos, quase como tema de batalha política e econômica, que foi vencida por Pedro Ludovico Teixeira, com o aval do presidente Getúlio Vargas. Para Ribeiro (2004), fatores físicos, sociais e políticos foram consubstancialmente favoráveis à transferência da capital.

As primeiras décadas do século XX foram marcantes na história mundial, em decorrência da Primeira Guerra Mundial, a crise de 1929, dentre outras. Ribeiro (2004, p. 24) considera que, no “decorrer de toda a década de 1920, vários fatos político-culturais ocorreram no Brasil, ajudando a consolidar a *Revolução de 1930*”.

A *Revolução de 1930* foi um movimento importante na história do país. Para o historiador Fausto (1972, p. 112), ela acabou com a “hegemonia da burguesia do café, no desenlace da forma de inserção do Brasil, no sistema capitalista internacional”. A partir de 1930, a sociedade brasileira viveu importantes mudanças, tais como

processo de urbanização, participação da burguesia na política, crescimento da industrialização e da classe operária. O Brasil também deixou de ser agrário e se tornou majoritariamente urbano.

Ribeiro (2004, p. 25) considera que a *Revolução de 1930* foi

uma disputa interna do bloco de poder dominante. Ela não alterava o sistema, apenas o alternava e dividia; foi uma forma de as novas classes urbanas emergentes compartilharem o poder. O novo projeto de desenvolvimento industrial para o país foi uma proposta de caráter burguês conservador

Conforme Monteiro (1938) a transferência da capital e a construção de Goiânia agitaram o estado de Goiás nos anos 1930. O projeto previa a consolidação de um novo centro urbano, absorvedor e distribuidor de mercadorias, assegurando a integração definitiva de Goiás à economia nacional.

Para Chaul (1984, p. 74), a construção de Goiânia

pode ser encarada como a imaginação utópica da época. Perspectiva de uma nova vida de um novo tempo, ideologicamente disseminado pela *Revolução de 30*. Esperança de dias melhores, de ruptura como o passado, de sonho a ser conquistado, enfim, de concretização de um projeto humano de relações humanas.

Moysés e Bernardes (2005) pontuam que na década de 1930, Goiás caracterizava-se por baixa densidade demográfica e atividade produtiva agropecuarista. A grande maioria da população habitava o campo e uma pequena minoria, nas cidades, e todos viviam sob o sistema político oligárquico. Em 1920, a população de Goiás encontrava-se dispersa em um vasto território de aproximadamente 512 mil habitantes. Esse quantitativo constituía 1,67% da população brasileira e habitava 0,7 km². Somente Anápolis possuía mais de dez mil habitantes.

Goiânia foi fundada em 1933 para abrigar a capital de Goiás. A decisão de Pedro Ludovico Teixeira representou a expansão da *Marcha para o Oeste*⁴⁹ e ampliação do comércio no estado com as demais regiões brasileiras. A nova capital foi inaugurada oficialmente em 1944, sendo impulsionada nas décadas seguintes por um acelerado processo de crescimento econômico e de urbanização. Como cidade planejada, Goiânia foi dimensionada para uma população de 50 mil habitantes, todavia, em 1961, já contava com 150 mil.

Durante a década de 1960⁵⁰, Goiânia foi uma das cidades que mais cresceu no país. Atualmente, o município é o núcleo polarizador da Região Metropolitana⁵¹, com um aglomerado de onze municípios que inclui Goiânia, Abadia de Goiás, Aparecida de Goiânia, Aragoiânia, Goianópolis, Goiânia Goianira, Hidrolândia, Nerópolis, Santo Antônio de Goiás, Senador Canedo e Trindade, e sua população total é de 2.102.097 milhões de habitantes (IBGE, 2009).

⁴⁹ A *Marcha para o Oeste* foi lançada no final de 1937, como projeto do governo federal para ocupar e desenvolver o interior do Brasil. Apesar do extenso território, o país havia prosperado quase que exclusivamente na região litorânea, ao passo que as regiões Norte e Centro-Oeste, permaneciam esparsamente povoadas, vítimas da política mercantilista colonial, da falta de estradas viáveis e de rios navegáveis, do liberalismo econômico e do sistema federalista que caracterizaram a Velha República (1889-1930). Mais de 90% da população brasileira ocupava cerca de um terço do território nacional. A ocupação de Centro-Oeste visava também ser uma etapa preliminar à ocupação da Amazônia. Em Goiás foi instalada a primeira *Colônia Agrícola*, em 1941, na cidade de Ceres, a *Colônia Agrícola de Goiás* (Cang). Os objetivos da *Marcha para o Oeste* eram basicamente, política demográfica de incentivo à migração, criação de colônia, construção de estradas, reforma agrária e; Incentivo à produção agropecuária de sustentação (GARFIELD, 2000).

⁵⁰ A transferência da capital federal para o Planalto Central, ocorrida no início da década de 1960, repercutiu de forma intensa no estado de Goiás, especificamente na região do aglomerado de Goiânia. O intenso fluxo migratório oriundo das pequenas cidades e da zona rural determinou a superioridade numérica da população urbana (MOYSÉS, 2005).

⁵¹ Criada em 30 de dezembro de 1999, pela Lei Complementar estadual nº 27, a Região Metropolitana de Goiânia (RMG) é a primeira do Centro-Oeste, engloba onze municípios, ocupa uma área de 5.787 km². É a região mais expressiva do estado de Goiás, contendo cerca de 35% de sua população total, 1/3 de seus leitores, cerca de 80% de estudante universitários e aproximadamente 36,5% de seu Produto Interno Bruto (PIB). Foi criada também a Região de Desenvolvimento Integrado de Goiânia que inclui mais sete municípios: Bonfinópolis, Brazabranes, Bela Vista, Caturai, Inhumas, Nova Veneza e Teresópolis de Goiás. Vale ressaltar que em seu conjunto, a Região Metropolitana de Goiânia não dispõe de elevados produção agrícola. Porém, alguns de seus municípios destacam-se em determinados produtos: o alho em Nerópolis, o tomate, em Goianópolis e a jabuticaba, em Hidrolândia. Como um todo, a Grande Goiânia também, não se evidencia na pecuária nacional. Todavia, Trindade possui o maior rebanho bovino da região. Goiânia, Nerópolis e Hidrolândia destacam-se na avicultura (MOIYSES e BERNARDES, 2005).

Para Santos (1997, p. 61) o território é mais que um simples espaço no qual as pessoas trabalha, circula, mora. Ele é também um elemento simbólico. Para Fleury (2005, p. 17),

a urbe é definida pela multiplicidade de experiências presentes, pela confluência de inúmeras relações sociais imprescindíveis em sua complexidade e unicidade, mas por outro lado, parte de um processo social potenciado pela cidade mesma. A cidade interpela a cada um de seus habitantes a partir de uma identidade coletiva, um imaginário social que se constrói sobre ele e que está em permanente processo de construção.

O espaço da cidade envolve sistema de relações sociais, estruturas, dimensão histórica em diferentes momentos, desenvolvimento político-econômico e cultural, bem como a forma como os habitantes se envolvem na construção e expansão da cidade. Não somente a presença de novos edifícios e infraestrutura urbana constituem a cidade, mas também os usos e os discursos, públicos e privados, que se articulam em torno deles (FLEURY, 2005)

Desta forma, ao trabalhar a memória como registro, existe a possibilidade de compreender a formação da capital do estado de Goiás como um produto social e histórico, além de importante espaço de vivências. Para Santana, Bonetti e Macêdo (2007), uma memória coletiva sobre a construção da capital está presente em várias vozes de Goiânia, e, os entrevistados⁵², por meio de suas memórias individuais, permitem descortinar o passado da cidade e desenhar uma trajetória temporal.

Pollak(1992, p. 4-5) pondera sobre a memória como um fenômeno construído, e “os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que

⁵² Os entrevistados não são chamados de pioneiros embora eles tivessem chegado na cidade de Goiânia nas suas três primeiras décadas. Segundo *Dicionário Prático da Língua Portuguesa* (2005), pioneiro é aquele que primeiro abre ou descobre caminhos através de uma região mal conhecida, um explorador de sertões e/ou precursor.

a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. Portanto, por meio dos relatos das experiências de vida e das histórias contadas obtém-se uma representação dos acontecimentos, da realidade, do espaço geográfico. Trata-se de uma releitura da capital do estado de Goiás, tal como é apreendido o espaço da cidade por esses sujeitos.

2.1 A releitura dos construtores a respeito de Goiânia de 2010

Lima Filho (2007, p. 17) observa que “aquilo que foi planejado e pensado pelos urbanistas ganha a forma urbana de quem de fato passou a habitar a cidade”. Para um entrevistado, o senhor Graciano (24 jul. 2010).

então a cidade era assim, as ruas já estavam abertas, tinham várias casas. O Estado [governo estatal] construiu casas para os funcionários, algumas casas, geralmente sobrados e também já havia asfaltado o centro (...). O Setor Sul a cidade terminava ali no Palácio [das Esmeraldas], do Setor [Sul] pra cá [Setor Marista] não havia nada naquele tempo (...) (GRACIANO. 24/07/2010)

Bonetti, Santana e Macedo (2007, p. 153), em seu estudo *Pioneiros: compondo o passado* pontuam que

falar de Goiânia no início de sua construção é falar do fazer-se da cidade e do fazer da própria vida das pessoas que aqui chegaram. Uma memória coletiva sobre a construção da capital está presente nas várias vozes dos pioneiros de Goiânia que, por meio de suas memórias individuais, nos permitiram descortinar o passado da cidade e desenhar uma trajetória temporal, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, e espacial com a construção dos primeiros espaços de moradia, de lazer, de trabalho e infraestrutura.

Para esses autores, a memória é a reconstrução do passado carregado de emoções, significados e vivências, pois a memória é composta das experiências que o sujeito viveu no passado. Ela é um processo vivo, permanente e, por meio das experiências o processo de construção dá sentido à vida do sujeito no passado e no presente. O senhor José⁵³ (26, jul. 2010) assim exemplifica o crescimento da cidade:

Foi uma coisa extraordinária, dentro de pouco tempo, eu vi o Setor Aeroporto, por exemplo, a gente até assustava quando passava lá, de tanta construção que tinha ali, o Setor Oeste, o Setor Bueno que era um lugar assim abandonado de cerrado (...). Então a gente viu crescer, fazendo prédios maravilhosos. Eu tive muito alegria porque toda vida eu gostei dessa cidade. Eu tive uma alegria muito grande de ver a cidade crescer⁵⁴ (...). E o meio de comunicação era difícilimo, rádio tinha, era fácil (...) carro tinha muito pouco, mais era carroça, charretes, bicicleta. Então, era muito difícil, mas, porém, foi a época que eu trabalhei demais (...), porque eu via a cidade crescendo e eu queria crescer junto dela e eu aproveitei essa oportunidade (...), vinha um prefeito, vinha outro, como hoje mesmo a gente começou a exigir muitas coisas dele, mas não tinha condição de exigir [cumprir], mas fazia e vem fazendo de pouco a pouco, vê que nossa cidade agora, quantos anos? 77 anos.

Lopes (2008) ensina que a construção da *linha do tempo coletiva* permite articular diferentes visões sobre os acontecimentos, as permanências e as mudanças vividas por todos. Para a autora, às vezes de formas diferentes, também se expõe como cada um contribui para constituir uma história. A autora assinala, ainda, que, na memória coletiva, há registros eleitos pelo grupo como

⁵³ Quando o senhor José chegou à capital de Goiás, em 1955, Goiânia era uma jovem cidade de 22 anos. Há 55 anos ele vivencia o crescimento da capital, que, no ano de 2010 completou 77 anos, e declara sua satisfação e a alegria de viver nessa cidade.

⁵⁴ Segundo Rocha (2009, p. 36), em 1936, já tinham construído 1.368 casas, e a população pioneira contava com duas casas de saúde, oito farmácias, e doze médicos, e já estavam trabalhando na cidade doze advogados. Havia dezesseis aparelhos de rádio. A frota de veículos automotores que circulava em Goiânia compunha-se de nove caminhões, dezesseis automóveis, quatro ônibus que faziam o transporte coletivo urbano e cinco ônibus a ligação com outros locais. Estavam registradas 486 bicicletas e oito motocicletas. Haviã sido instalados 97 estabelecimentos comerciais e os serviços de correios e telégrafos eram prestados por duas agências. O ensino contava com quinze escolas e, na cidade, operavam duas agências bancárias.

significativos, que estabelecem sua identidade, seu jeito de ser e viver o mundo e decorrem dos seus parâmetros históricos e culturais. A possibilidade de compartilhar essa memória é que dá a cada um o senso de pertencimento. Trata-se de uma relação criativa e dinâmica entre o indivíduo e o grupo, como relatam vários entrevistados:

O transporte, por exemplo, de Goiânia para Campinas era feito [por] uma empresa de ônibus, e um microônibus naquela época eles chamavam de *jardineira* (...), ali no Edifício Capri (...) de frente naquela época (...), tinha uma lojinha que vendia as passagens de ônibus que iam pra Campinas. E este trajeto se fazia pela Avenida Anhanguera se passando pelo centro da cidade (...). Esse trajeto de Goiânia a Campinas tinha um determinado horário, funcionava até 10 horas da noite, para quem ia para Campinas (...) [quem se dirigia] a Goiânia, se perdesse esse horário a pessoa teria que vir a pé durante a madrugada, e lá em Campinas, funcionava também uma loja de vendas de passagens na Praça Joaquim Lúcio (BADAN, 10 jul. 2010).

O transporte de Campinas pra cá era precário também, tinha dias que a gente vinha até a pé, depois arranjei bicicleta, foi melhorando. Tinha a *jardineira* também, mas trabalhava na hora que o motorista queria, tinha nada estabelecido. Não podia contar com ela (GRACIANO, 24 jul. 2010).

É quando eu mudei pra cá não tinha ônibus tinha era uma *jardineira* (...), então eu tinha vontade de andar numa *jardineira* daquela, mas, tinha medo de andar. É acho assim que cresceu demais, depois que eu mudei pra cá porque não tinha quase nada (NEGA, 31 jul. 2010).

E como eu não podia comprar carro no começo quando eu vim tudo era longe, tudo era difícil, ônibus eram umas *jardineiras* velhas (...), sem organização nenhuma, era muito difícil. (...), eu andei de ônibus pra lá e pra cá (JOSÉ, 26 jul. 2010).

Halbwachs (2006) considera que a pessoa só se lembra do que viu, fez, sentiu, experimentou e pensou em um momento de sua vida. E cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda conforme o lugar que ocupa, e este lugar muda segundo as relações que o eu mantém com os outros meios. Alguns narrativas são significativas:

la à escola e voltava, não observava muito as coisas, mesmo porque não tinha muito interesse, não era muito observador, vendo a cidade crescer, aquela coisa. Passava ali na porta do Teatro Goiânia⁵⁵, porque foi inaugurado em 1942. a gente passava nem observava aquilo, não tinha muito interesse de ver essas coisa ia pra escola e voltava pra Campinas (GRACIANO, 24 jul. 2010).

A gente ia passear no Cine Teatro Goiânia aos domingos (...), [ir] ao cinema e depois ia passear, ali na Avenida Anhanguera em frente o Café Central, ali que era o vai e vem. Ai a gente ia pra lá, passear e depois voltava pra trás e ia pro Setor Oeste, calçava o sapatinho veio para não sujar, e nem estragar o novo, né. O cinema (...), na Rua 8 (...), hoje nem sei se tem cinema mais lá, (...), mais o forte mesmo era o Cine-teatro (...). O Jóquei [Clube de Goiás] também tinha as festas lá, só que eu não frequentava lá não (PINA, 17 jul. 2010).

O movimento noturno de domingo eram os cinemas, Teatro Goiânia e o Cine Goiás (...), e já existia também o Cine Casablanca. Então, terminavam esses horários, a sociedade saía desses cinemas e iam passear na Avenida Anhangüera. Então, o movimento da Rua 8 até por volta da Rua 7 pra baixo um pouquinho, antes de chegar na Avenida Araguaia existia um movimento de vai e vem que se chamava de *footing* (...), os divertimentos da cidade, existia o Jóquei Clube (BADAN, 10 jul. 2010)

Assim, pode-se reconstruir, por meio da memória de idosos, acontecimentos histórico-sociais, político-econômicos, culturais e paisagens geográficas. Além do mais, esses sujeitos revelam, em suas falas, um modo de viver, valores e costumes próprios da sociedade goianiense:

Eu vim de Araguari [MG] perdi meu pai e vim morar com meu irmão. E meu [irmão] veio para Goiânia, porque ele era comerciante, ele tinha bar, tinha hotel, aquele Lord Hotel, dois bares na Avenida [Anhanguera] (...), o *Café Central* ele que fundou (...), meu irmão veio pra cá quando fundou Goiânia, Juscelino Kubitschek, ficava na casa dele, [quando] ele vinha para cá. Quando Fundou Brasília ele ficou na casa do meu irmão porque eles eram muito amigos (NINA, 19 jul. 2010).

O professor Venerando de Freitas foi prefeito desde o início de Goiânia, desde 1935. Quando [se] criou o município de Goiânia, e no próprio decreto de criação do município, o Venerando foi nomeado prefeito e seis ou sete vereadores. Os

⁵⁵ Atual Teatro Goiânia fora batizado primeiramente como Cine Teatro Goiânia, porque funcionava também como cinema (SOUZA, 1997).

primeiro foram nomeados, depois é que foram eleitos. Meu pai inclusive era um desses vereadores, mas eles não tiveram função nenhuma, praticamente nenhuma (...), um ano depois eles foram eleitos, houve uma eleição aqui em 1936, o Venerando foi eleito, o meu pai também foi eleito e mais os outros que tinham sido nomeados um ano atrás pelo governador (GRACIANO, 24 jul. 2010).

A reminiscência, para Benjamim (1995, p. 211) funda

uma cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Sua deusa é *Mnemosyne*. A reminiscência tece a rede que, em última instância, todas as histórias constituem entre si. Uma história articula-se a outras, como mostram os contos orientais, como por exemplo, os de Scherazade, que imagina uma história em cada passagem da história que está contando. Tal é a memória épica e a musa da narração.

As lembranças do senhor Badan (10 jul. 2010) são permeadas de dois momentos de Goiânia. Em 1944, aos seis anos de idade, estive na cidade a passeio, acompanhando seu pai. Sua recordação desse período apoia-se no álbum de fotografias da família, e em postais da cidade que adquiriu na época. As outras lembranças são de 1957, quando se mudou para a capital, aos dezenove anos de idade. Suas reminiscências mantêm-se vivas:

Eu conheci Goiânia em 1944. Eu estive aqui com seis anos (...). Quando nós mudamos pra cá em 1957 a cidade já estava maior, já era mais cidade, por exemplo, em 1944, a cidade só tinha três ruas asfaltadas, em 1957 já tinha muito mais. Em 1944, eu tinha seis anos, mas eu tenho muita lembrança disso porque tem muitas fotografias que lembram esse período. Então, em 1944 existiam três avenidas: Araguaia, que ia até o início da Rua 4, no centro, a Avenida Goiás que também morria na Rua 4, tudo asfaltada e a Avenida Anhanguera. Então, quando eu vim fiquei hospedado com meu pai no Grande Hotel. Do Grande Hotel, a gente via o Ateneu Dom Bosco, quase que não existiam construções nenhuma na frente, via a construção do Teatro Goiânia. A Avenida Goiás praticamente não tinha quase nada (...) tinha o prédio que era O Popular [jornal de cidade], o jornal funcionava ali. Essa era uma visão minha de 1944, tinha mais outras coisas que eu não me lembro pela idade, mas uma coisa dessa eu lembro por causa de fotografias.

As lembranças do senhor Badan com suporte do álbum de fotografias da família⁵⁶, no processo de rememoração, da recordação, da memória, remete a Le Goff (2003). Em seu livro *História e memória*, o autor salienta que dentre as importantes e significativas manifestações da memória coletiva que surgiram no decorrer dos tempos, destaca-se o aparecimento de dois fenômenos: um no século XIX, com o advento da fotografia, e outro, no início do século XX, com a construção de monumentos aos mortos:

O primeiro, a seguir à I Guerra Mundial, é a construção de monumentos aos mortos. A comemoração funerária encontra aí um novo desenvolvimento. Em numerosos países é erigido um túmulo ao Soldado Desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória, associada ao anonimato, proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em torno da memória comum. O segundo é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica. (LE GOFF, 2003, p. 460).

Oliveira (2005, p. 146) assegura que, na década de 1940, o esforço do governo do estado de Goiás⁵⁷ centrava-se na conclusão da construção dos espaços públicos necessários ao funcionamento da nova capital. Nesse período, o crescimento foi de 11%. Já na década de 1950, o número de habitantes cresceu

⁵⁶ Bourdieu (1965) evidencia o significado do álbum de família. Fotografar as suas crianças é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem dos que foram. O álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido do que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros. As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, ordem das estações da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente. É por isso que não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais uma confiança e seja mais edificante do que um álbum de família: todas as aventuras singulares que a recordação individual encerra na particularidade de um segredo são banidas e o passado comum ou, se quiser, o mais pequeno denominador comum do passado tem o brilho quase presunçoso de monumento funerário frequentado assiduamente.

⁵⁷ Vele lembrar que nesse período havia rígido controle do governo estadual sobre loteamento urbano, garantido pelo Decreto- lei nº 90-A de 30 de julho de 1938 (OLIVEIRA, 2005).

187,5%, causando impacto na estrutura e na forma da cidade. O mesmo autor diz que o incremento populacional é justificado, dentre outros fenômenos, pela propaganda que buscava atrair pessoas para a cidade e pelo volume de loteamentos promovido pelo mercado imobiliário. O senhor Badan (10, jul. 2010) conta:

Em 1957, quando eu vim pra cá já tinha mais ruas asfaltadas, tinha mais movimento na cidade. Onde é hoje o Patheron Center funcionava o Mercado Central de Goiânia. Na confluência da Avenida Anhanguera com a Avenida Araguaia, no centro da avenida, tinha uma espécie de uma plataforma que eles fizeram numa altura de mais ou menos uns sessenta centímetros e ali ficava um guarda pra controlar o trânsito. Então o controle do trânsito era feito por sinais e o apito, quando ele apitava dava preferência para o carro passar. (...), tinha na Praça do Bandeirante, na Avenida Tocantins (...). Em cada setor desses, tinha um guarda pra controlar o trânsito tão pequeno, que, naquela época, o trânsito maior era a bicicleta, não tinha movimento de veículos e como a cidade é plana, naquela época o meio de transporte da população era a bicicleta. A iluminação da cidade, à noite, era muito fraca, porque a energia da cidade era gerada pela Usina do Rio Meia Ponte⁵⁸, aquela perto do Jaó [bairro da cidade]. Então, ela não tinha muita potência, e às vezes, aconteciam muitos *blackouts* na cidade. O cinema, por exemplo, o mais movimentado da cidade era o Cine Teatro Goiânia e tinha o Cine Goiás. A Vila Nova⁵⁹ estava começando a se formar, era um bairro muito perigoso, um bairro que trazia certas inseguranças pra cidade. Em 1944 também na Rua 20 tinha um conjunto de construções onde era o canteiro de obras da construção da cidade e lá era tudo feito de madeira, eles mantiveram aquilo durante muito tempo como uma memória da cidade e depois desmancharam. Mas funcionou no início da construção de Goiânia, a construção da Catedral, na construção do Palácio, na Avenida Contorno onde começou a acomodar os operários da construção. Na Rua 20 foi [foram construídas] as primeiras residências ainda existe até hoje vestígios dessas casas, umas delas é o museu do Dr. Colemar Natal e Silva, ele foi um dos primeiros moradores da cidade. Depois construíram o palácio, a residência do Pedro Ludovico e assim sucessivamente.

⁵⁸ O Rio Meia Ponte teve um papel decisivo para a escolha da nova capital. O volume de águas e a queda d'água possibilitaram a construção de uma usina hidrelétrica, que foi chamada de Usina do Jaó, para abastecimento elétrico da cidade. O primeiro sistema de abastecimento de energia elétrica em Goiânia foi inaugurada em 1936. Em 1955, com a criação da Centrais Elétrica de Goiás (Celg), iniciaram-se as obras de implantação da primeira etapa da usina de Cachoeira Dourada, no Rio Paranaíba (ROCHA, 2009).

⁵⁹ Um dos bairros mais antigos da capital goiana. Criado para alojar os migrantes que vinham de todos os locais do país para a construção da nova capital, já era considerado um ponto distante naquela época. Vila Nova, atualmente denominado Setor Leste Vila Nova. Antigos bairros, como Vila Nova, Botafogo, atual Setor Leste Universitário e Vila Operária, atual Setor Centro-Oeste e Macambira, atual Setor Pedro Ludovico, são importantes centros comerciais e residenciais da capital.

Goiânia cresceu em todas as áreas na década de 1950, sobretudo, na atividade econômica. A construção civil foi impulsionada pela incorporação imobiliária. Nesse período, houve um *boom* imobiliário com lançamentos de loteamentos, tanto de terrenos para construção de residência, como para áreas industriais e também houve surgimento de grupos no comércio lojista em diversos ramos. (ROCHA, 2009).

Rocha (2009) atribui esse crescimento da cidade à criação das Centrais Elétricas de Goiás (Celg), à mudança da capital federal para o Planalto Goiano e à evolução da telefonia, dentre outras perspectivas. O governo, nos anos 1950, investiu em infraestrutura na nova capital, para atender à parte da população. Criou a Divisão de Água e Esgoto, subordinada a Secretária de Viação e Obras Públicas, em 1967, transformando o órgão em empresa de economia mista, com a denominação a Saneamento de Goiás S/A (Saneago), o sistema de distribuição de gás encanado e de botijão a gás porque surgiram os primeiros fogões a gás na cidade. Antes, nas residências e hotéis, usava-se o fogão a lenha (fogão caipira). Nas avenidas Anhanguera e Goiás, surgiram os primeiros edifícios, como relata um entrevistado:

Já em 1957 a cidade já era maior e o movimento foi crescendo (...). Não existia o Setor Aeroporto, era o aeroporto da cidade. A pista de decolagem e aterrissagem, ela começava mais ou menos ali perto do Hospital São Francisco e ia até quase a [Rua] 55. Aquela rua que contorna o Setor Aeroporto passando perto do Centro de Convenções, ali na esquina da Avenida Tocantins com a Avenida Paranaíba tem uma casa do lado direito (...), era a estação de embarque e desembarque de passageiros, era ali que se comprava passagem. E do lado da Avenida Tocantins de frente a essa casa tem hoje uns aparelhos meteorológicos, isso já existia naquela época, é da época do aeroporto. Por volta de 1957 ou talvez um pouco mais (...), já transferiram o aeroporto para o [Setor] Santa Genoveva e ali [onde se localizava o antigo aeroporto] se transformou no Setor Aeroporto. O Setor Oeste, nessa época, era tudo de terra, tinham poucas residências, não eram asfaltadas as ruas, desde a época que mudamos pra cá, em 1957. Quando nos mudamos

para cá, a Avenida Assis Chateaubriand, onde começa Alameda dos Buritis, hoje o Fórum de Goiânia, tinha um abrigo de velhos, onde eles internavam os velhos de Goiânia e funcionou durante muitos anos. Naquela região, na esquina onde começa o Bosque dos Buritis até o fim da Avenida [Praça] Tamandaré, na Assis Chateaubriand era o Hipódromo de Goiânia e, aos domingos de manhã era onde havia as corridas de cavalos. Então muita gente ia pra lá assistir as corridas e era um tipo de divertimento, não era asfaltado, era tudo em terra. O Setor Sul não era calçado, subindo a Avenida Tocantins ali atrás do Colégio São José tem uma pracinha que tinha uma nascente de água, era um verdadeiro brejo (...). O Setor Marista não existia. O Setor Sul tinha a Rua 84 e 94 que era a rodovia que ia para São Paulo, então os ônibus, caminhões, carros, todos que vinham de Minas [Gerais], São Paulo a saída era por ali. No Setor Aeroporto, estava começando a surgir as primeiras casas. O Setor Norte Ferroviário é o chamado Bairro Popular. A Estação Rodoviária era onde é o Lago das Rosas, ali onde funciona o Corpo de Bombeiros, ali que era a rodoviária (BADAN, 10 jul. 2010).

Os locais de encontro social e de lazer mais frequentados pelos goianiense e o modo de como se divertiam estão presentes nas narrativas do senhor Badan e do senhor Graciano:

Nessa época de 1957, ali no Lago das Rosas⁶⁰ tinha uma boate que se chamava Boate do Lago das Rosas, funcionou durante muito tempo. O movimento noturno de domingo eram os cinemas, Teatro Goiânia e o Cine Goiás. Mas quando as sessões das 6 horas da tarde terminavam por volta de 8 horas, a sociedade, de um modo geral de Goiânia, iam passear na Avenida Anhanguera (...), antes de chegar à Avenida Araguaia existia um movimento de vai e vem que se chamava de *footing*. Onde os rapazes ficavam nas ruas vendo as moças passearem, nos passeios onde surgiam muitos namoros e assim foi por alguns anos e depois acabou. Os divertimentos da cidade existiam o Jóquei Clube onde a sociedade mais rica frequentava os bailes. A classe média que não tinha potencial social frequentava boate, festinha de família chamada de *brincadeiras*. E quem fazia cursos universitários existia o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e aonde muitos universitários iam após o término do *footing*. E assim foi por vários anos (BADAN, 10 jul. 2010).

⁶⁰ Inaugurado em 1941, foi construído pelo governo estadual, utilizando-se manancial do córrego Capim Puba para encher o lago artificial, junto ao verde do Parque Zoológico, área que durante muitos anos a população chamou de Horto Florestal. Nos seus primeiros tempos, o Lago das Rosas e o Horto Florestal foram utilizados pelas famílias para lazer e piqueniques. Havia restaurante, bar e uma pequena praia artificial, do lado da Avenida Anhanguera. Depois que o Lago das Rosas foi interditado para banhos, as instalações do bar e do restaurante foram ocupados por uma boate. Na década de 1960, os estudantes conseguiram que o local fosse doado para suas entidades. A partir da década de 1980, tornou-se um espaço de práticas de caminhadas predileto da população (ROCHA, 2009).

A diversão que a gente tinha era aos sábados e aos domingos, tinha a gente chamava aquilo de *footing*, tipo os rapazes ficavam assim nas laterais e as moças passavam sempre. Então tinha aquele negócio de ficar namorando, *fisgando*, era um namoro muito simples naquele tempo, ou muito ingênuo, sei lá. Aí tinha as festas religiosas também. Eu até que passei a conviver mais com a minha senhora [esposa] foi numa festa religiosa dessa acontecida lá em Campinas, tinha as barraquinhas. Tinha um tal de *correio elegante* que a gente mandava um *torpedo*⁶¹, naquele tempo não era *torpedo*, né, pra pessoa e dali começava, eu com ela foi mais ou menos assim. Apesar dela ser minha parenta, já tinha ido muitas vezes na casa dela, mas sem nenhum interesse, o interesse passou a ser daí dessa época das barraquinhas. Passeava nos jardins, na praça, ficava dando volta lá, baile de vez em quanto né. Lá [Campinas] não tinha salão bom, não. Então a gente dançava lá no Grupo Escolar Henrique Silva, ali na Avenida São Paulo ou Minas Gerais, não sei, era ali que tinha baile de vez em quanto. Depois até chegamos a fundar um clube lá, Clube Social de Campinas, teve uma vida curta, mas foi muito bom, lá tinha sempre bailes, tinha jogos de dama, essas coisas, era interessante. Mas eu vim algumas vezes no Jôquei Clube, quando ele era diferente do atual, né, vinha em matinê, essas coisas assim. A gente vinha muito também no Lago das Rosas, ali era naquele tempo lugar de passeio, tinha uma boate lá, era a [Boate] Lago das Rosas (GRACIANO, 24 jul. 2010).

O senhor Graciano (24 jul. 2010) saiu de Guapó e foi morar no bairro de Campinas, local em que permaneceu por alguns anos e construiu suas relações sociais. Em suas narrativas explicita parte das relações sociais com a cidade e as pessoas com as quais foi construindo esses laços:

Quando eu vim em 1939 (...), Campinas já era bem melhor já [tinha] as festividades do aniversário de Goiânia, naquele tempo 1939, 1940 [as festas da comemoração da capital] eram feitas em Campinas porque tinha mais gente, tinha algumas casas esparsas, não tinha nenhum prédio ainda. O transporte de Campinas pra cá era precário, tinha a *jardineira* (...). Em Campinas quase todos eram meus parentes, passei a interessar por futebol, o Atlético⁶² [Clube Goianiense] já existia, o Atlético em Campinas e o Goiânia aqui, então a gente vivia nessas torcida, [risos] até hoje. Eu até sou sócio proprietário número cinco, eu dei até essa ação pro meu filho, ele gosta demais. Em 1953, casei e vim morar aqui numa casa deles [dos parentes] aqui de Campinas lá na Avenida Paranaíba. Lá em Campinas, a gente era muito bairrista, achava que Campinas era o centro de tudo, então, passava até meses sem vir aqui [no centro de Goiânia], não tinha necessidade de vir (...).

⁶¹ Trata de mensagem enviada pelo celular. Nesse sentido, observa-se que o uso do celular, com suas mensagens digitais e virtuais, já foi incorporado pelo senhor Graciano.

⁶² Fundado em 1937, primeiro clube de futebol da nova capital.

Dona Nega (31 jul. 2010) disse que, ao chegar a Goiânia, encantou-se com o tamanho da cidade, com a quantidade de pessoas, com as praças, os monumentos, as ruas asfaltadas e com a *Campininha*, como o bairro era chamado carinhosamente por seus moradores. Contudo, a tônica da sua narrativa é o encanto com a chegada à capital e tudo que nela existia. Depois de 65 anos, ainda relembra o deslumbramento inicial com a cidade:

Eu lembro que Bela Vista [sua cidade natal] era muito pequenininha, então [quando cheguei] eu achei muita gente [em Goiânia] naquele tempo, ainda não tinha muita gente, mas, como a gente estava vindo do interior, achei que estava no céu aquele tanto de gente e muito trabalho. Mas a cidade em si não era bonita, não tinha asfalto, não tinha nada. Depois que começou a chegar o asfalto que eu vi (...), que não era uma cidade bonita também, por exemplo, Goiânia tinha muito capim nas ruas. Hoje não penso assim, nossa! Naquele tempo achava maravilhosa! Mas hoje vejo que não era bonita assim, mas pra gente que estava acostumado com interior pequenininha. Assim, por exemplo, quando eu mudei pra Campinas, [Avenida] Anhanguera você sabe onde é o terminal ali [da Praça Ok], ali era tudo mato ainda, tinha fazenda ali pertinho. O Setor Coimbra tinha muito mato ainda, ai depois que foi crescendo, mas só de falar que mora na capital já era vantagem. Quando eu mudei a [Avenida] Anhanguera chamava era [Rua] Amazonas, eles abriram a outra pista e mudou [o nome]. Eu sei que lá do Lago das Rosas para cá [Campinas] já era Amazonas, eu lembro de falar assim: “Onde você mora? [A pessoa respondia]: “Eu moro ali na [Rua] Amazonas”. O que eu mais encantei quando eu mudei pra aqui foi com aqueles monumentos que tinha na Praça Cívica⁶³ e na Praça do Bandeirante⁶⁴ e com aquela Praça [Cívica] lá em cima tinha o *coreto* (...) hoje que eu vejo o tanto que era feio, porque na época eu achava lindo (...). Mas eu encantava porque a gente veio de uma cidade que não tinha nada disso, eu achava lindo. Mas era muito diferente, as casa tudo pequenininha, não tinha prédios ainda. Quando eu mudei pra cá não tinha nenhum prédio ali perto, tudo era pequeno tinha o Bairro Popular [atual Setor Central]. O Bairro Popular era pequenininho e não era asfaltado (...). Então

⁶³ A entrevistada refere-se no Monumento às Três Raças, localizado no centro da Praça Cívica, uma obra de Neuza Moraes doada pelo Rotary Clube à cidade em 1967, em comemoração ao aniversário do Batismo Cultural de Goiânia. A escultura homenageia as três raças que compõem a origem da cidade e do estado: o branco (os bandeirantes), o negro (os escravos) e o índio (os nativos da região) (MELLO, 2005).

⁶⁴ Atualmente Praça Atílio Correia Lima, conhecida popularmente como Praça do Bandeirante, e se localiza no centro da cidade, no cruzamento da Avenida Anhanguera com Avenida Goiás. O nome oficial da praça homenageia Atílio Correia Lima, o arquiteto responsável pelo Plano Piloto de Goiânia. O Monumento ao Bandeirante, Bartolomeu Bueno da Silva, símbolo da praça foi criado pelo artista plástico Armando Zago e doado pelo Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito de São Paulo ao povo goiano e inaugurado em 1942 (MELLO, 2005).

o que, mas me encabulava era com a Praça do Bandeirante e a Praça Cívica achava bonita (...). Eu acho assim que cresceu demais depois, que eu mudei pra cá, era poucas ruas e mais era só residência. Não tinha a Praça Joaquim Lúcio depois que (...), fizeram aquela. Ela não era uma praça, fizeram um jardim lá, mas não era assim. A gente falava: “Vamos passear na Joaquim Lúcio” (...). Tinha o cinema quando eu mudei, era o Cine Tocantins e eu achei que era pobrezinho. Campinas quase não [tinha] bairro nenhum era só Campinas mesmo, que eles até falava: “*Campininha*”. Mas era gostoso eu gostava daqui. Mas hoje a gente vê o tanto que era diferente.

A cidade era grande e não um *sertão*, segundo as recordações de senhor José (27 jul. 2010) referindo-se ao espaço geográfico da capital, suas ruas poeirentas, os canteiros de obras dos prédios, o antigo aeroporto, dos animais pastando nas áreas vazias, do meio de transporte:

Achei diferente, achei gostoso, era uma cidade grande, pra mim era uma cidade grande, porque eu vim de uma *corrutelinha* [cidade pequena]. Eu achava que Goiânia era um sertão. Mas quando cheguei nesta cidade, eu senti dificuldades porque era muito grande, apesar de desajeitada. Asfalto tinha na Avenida Anhanguera. E como eu não podia comprar carro no começo quando eu vim tudo era longe, tudo era difícil, ônibus eram umas *jardineiras* velhas (...), sem organização nenhuma, era muito difícil. (...). E assim foi algo muito bom porque quando você começa num lugar e aquela cidade vai crescendo, você vai crescendo junto com ela. Você vai aprendendo, tanto é que hoje eu não tenho dificuldade de andar nas ruas de Goiânia, eu conheço tudo. Apesar de que eu estou mais quieto (...), mas conheço tudo, porque naquele tempo eu ajudei a fazer (...).

As narrativas mostram problemas da expansão urbana, da especulação imobiliária, das dificuldades dos trabalhadores viverem em condições adequadas. Para estabelecer padrões, adequadas de vida dos habitantes de uma cidade, pontua Kowarick (1982), é necessário um conjunto de serviços a ser consumido coletivamente e que, pelo menos nas grandes cidades, torna-se importante para a reprodução da força de trabalho. O autor refere-se a transporte, saúde e saneamento, habitação, e somando a esses serviços, a rede de água e de esgoto, pavimentação, eletrificação. Outros componentes que não podem faltar

são educação, atividades culturais e lazer. O autor ressalta que esses serviços variam em razão, essencialmente, do desenvolvimento das forças produtivas e da capacidade de organização e de luta das classes sociais.

A forma como se processou a expansão urbana em Goiânia, ou seja, intenso processo de especulação sobre o solo urbano, criou uma configuração espacial segregada e rarefeita. Maricato (1996) esclarece que a existência de espaços vazios na malha urbana, à espera de valorização, segrega a força de trabalho para locais distantes dos empregos e desprovidos de qualquer benefício público. Moysés (1983) assinala que a periferia, surgida com a expansão das cidades, não se restringe simplesmente a uma questão de espaços segregados, mas também à deterioração dos salários, associados à desqualificação profissional. À grande maioria da classe trabalhadora, migrante ou nativa, só resta fixar-se em áreas distantes dos centros urbanizados e desprovidos de quaisquer serviços públicos.

As favelas e/ou cortiços, as sub-habitações, ou as posses como são denominadas em Goiânia, surgem nesse contexto. Trata-se de espaços que para a classe trabalhadora, constituem a única solução para sua sobrevivência na cidade. Para Kowarick (2000, p. 31), “possuir uma moradia é, sem dúvida, uma necessidade da população trabalhadora, pois, dada às intempéries do sistema econômico, representa a possibilidade de não pagar aluguel”. A fala do senhor José (27 jul. 2010) exemplifica a questão analisada pelo autor:

Quando eu mudei pra cá tinha muitas casas. Mas era casas ruins, casinhas de barracões, aqui era uma espécie de invasão⁶⁵, aqui nesse setor [Vila Operária, hoje Setor Centro-Oeste]. Quando eu mudei tinha alguns prédios no centro de

⁶⁵ A categoria sociológica *invasão*, historicamente, sempre foi entendida pelos estratos sociais mais elevadas que compõem a cidade de Goiânia como local em que *moram os marginais*. As invasões nascem com a cidade. Têm o mesmo significado das *malocas* e dos *cortiços* dos grandes centros urbanos, ou seja, são espaços nos quais se segregam aqueles que estão à margem da sociedade (MOYSÉS, 2004).

Goiânia. No Setor Aeroporto, não existia prédios, porque no Setor Aeroporto ainda descia avião. Quando eu comecei, em 1955, abri as ruas, já existia no começo aquele Colégio Agostiniano é muito antigo aquele colégio (...). Daqui pro Setor Pedro Ludovico, comprei uma motinha pequenininha para poder levar almoço pra um tratorista meu lá. E era muito difícil porque não tinha estrada, não tinha rua, eram uns trieiros de uns cinquenta centímetros, que custava passar e era puro mato. Lá por acaso você via uma casinha feita de madeira assim como eles fazem na roça mesmo, às vezes um barracão de dois ou três cômodos. Aí você via como se fosse uma roça, uns tinha até animal pastando nos lotes. Tinha gente que tinha até uma vaquinha ainda em dois ou três lotes e não tinha nada. Nesse outro setor aqui na Fama também não tinha nada, tinha algumas casas, já tinha rua e aqui abri algumas ruazinhas, onde era o [fábrica do Leite] Gogó. Então eu conheci esta cidade de uma maneira assim que a gente nem acreditava porque era uma cidade muito feia e muito grande. (...) eu não me lembro de qual jornal que tinha (...), acho que Folha de Goiaz⁶⁶. Então nem comunicação, tinha rádio, televisão não tinha, só depois de uns dois anos já tinha, aliás, já tinha, mas eu mesmo não conhecia, conheci depois. Telefone não existia (...). O primeiro telefone que surgiu em Goiânia eu comprei um pela Telegoiás⁶⁷, se tinha telefone tinha pra lá e eu não sabia. E eu via essa cidade crescer de uma maneira muito forte, vinha gente de todos os lados, vinha gente principalmente do nordeste, porque o nordeste tinha visto falar em Goiânia. E vieram pensando que era um sertão muito grande e realmente até era. E eu vivi nessa época aqui muito bem porque eu fui feliz no meu negócio, mas tinha gente que passava muito mal [dificuldades], começaram essas invasões aqui (...) tinha uma estrada de ferro tinha uma estação⁶⁸ ali, vinha até ali.

Dona Pina (17 jul. 2010) adoeceu com a saída da terra natal, pois ali havia construído laços afetivos e, também, porque, na época, Uberlândia era maior e mais desenvolvida que a nova capital. Ela conta que, em Uberlândia, morava nas proximidades dos locais de lazer que a cidade oferecia:

⁶⁶ O jornal *Folha de Goiaz*, começou a circular no dia 2 de julho de 1939, com sede na Avenida 24 de Outubro. O jornal *O Popular* chegou ao público em 3 de abril de 1938 (ROCHA, 2009).

⁶⁷ A entrevistado refere-se à Telecomunicações de Goiás e Tocantins, conhecida como Telegoiás. Essa operadora de telefonia do grupo Telebrás dos estados de Goiás e do Tocantins foi vendida à Brasil Telecom e, em 2008 foi revendida à operadora Oi. A Telegoiás Celulares foi vendida à TCO que, posteriormente, foi vendida à Vivo (WIKIPÉDIA, 2010).

⁶⁸ A Estação Ferroviária da Praça do Trabalhador, localiza-se na Avenida Goiás com Avenida Independência, no Setor Norte Ferroviário. O prédio serviu como estação ferroviária durante vinte anos, mas foi desativado nos anos 1970. Atualmente abriga o monumento ao trabalhador e o Centro Estadual de Artesanato de Goiás (ROCHA, 2009).

Quando nós chegamos aqui, eu não gostei de Goiânia por que eu morava lá em Uberlândia na avenida principal, em frente ao cinema. Chegamos aqui, fomos pro Setor Oeste, se tivesse umas cinco casas era muito, gado pastando, então foi uma mudança muito brusca, tanto que eu tive depressão. Eu tive uma depressão muito forte. Depois eu fui lecionar em Pontalina [GO] quando eu voltei é que eu comecei a gostar de Goiânia. (...). Eu comecei a trabalhar, a lecionar, tive amizade, porque eu não tinha amizade nenhuma, por que larguei minhas amizades toda em Uberlândia, aí eu fui entrosando. Hoje eu não troco Goiânia por Uberlândia. Olha, quando a gente chegou aqui a Praça Cívica já estava ajeitadinha já tinha o Palácio [das Esmeraldas], o Palácio da Justiça é a Praça [Cívica] já estava arrumadinha ali, aquele monumento [das Três Raças] logo eles colocaram também. Mas aí eu já não lembro quando foi não. Eu tava morando no Setor Oeste e não ia lá pro Setor Sul, eu não via. Na Avenida Goiás que eu lembro, tinha poucas casas, inclusive até *O Popular* [o jornal] eram lá, hoje parece que é o INSS [Instituto Nacional de Seguro Social] e sei que lá era *O Popular* era um sobradinho não era grande. O que eu lembro mais (...), era poucas casa.

Dona Mariazinha (26 jul. 2010), saiu do litoral, ou seja, do Rio de Janeiro, na época capital do Brasil, com destino à Região Centro-Oeste logo depois da expansão da *Macha para o Oeste*, e se recorda também da *jardineira*:

Eu achei incrível, morei no Rio e vim pra Goiás há cinquenta anos atrás você imagina o que era aqui. Eu achei aqui uma roça, mais gostava demais do meu marido, era um amor louco. A cidade era terra, tinha um ônibus chamado *jardineira* que vinha de Campinas pra Goiânia. (...) era terra, não tinha prédio. Não tinha prédio não. O que marcou foi terra, o chão porque não tinha asfalto. Meu pai veio me visitar, saiu [do Rio de Janeiro] de sandália, ele chegou [Goiânia] com o pé cheio de terra.

Dona Nina (19 jul. 2010) não gostou da cidade quando chegou. A Catedral Metropolitana ainda não havia sido construída, porém se recorda das ruas, praças e monumentos e do local em que conheceu seu grande amor. Relata que dois cunhados trabalhavam nos correios, que como os bancos, eram as instituições que mais empregavam na época. Para ela, a classe social média, morava em locais melhores:

Eu até não gostei de Goiânia, só porque eu fui morar num lugar muito bom, que foi ali na Rua 18 perto do Lyceu [colégio estadual]. Eu gostava muito daqui, mas depois a gente veio de interior que foi de Ipameri [GO]. Eu vim de Araguari [MG]. Quando meu pai morreu, e fui pra Ipameri porque o Danilo era casado, meu único irmão mais velho e ele tinha só eu, aí eu vim morar com ele (...). [Goiânia] era asfaltada, mas tinha pouco prédio, quase não tinha prédios grandes, era mais casas, e eu morava um quarteirão do Lyceu. Não tinha nem a catedral, era uma Igreja mais afastada e baixa, não era aquela suntuosa como é hoje, porque é mais bonita daqui. Desde que fizeram a catedral é daquele jeito, tem muitos anos. E quando nos morávamos na [Rua] 18, não tinha casa, então a gente passava no meio do lote, era um quarteirão da catedral, porque morei sempre em bons lugares, eu nunca morei longe. Tinha muitas casas boas, inclusive da minha sogra e dos meus cunhados (...). Mas não tinha muitos prédios de apartamentos como tinha agora. Porque, hoje em dias, o povo está querendo morar mais é apartamento do que casa, é mais seguro, tem menos [cômodos] pra limpar e tudo é melhor. Já tinha aquela Praça do Bandeirante (...), na Avenida Araguaia tinha muita casa boa ali, não tinha muito prédio não. E quando tinha era prédio de três, quatro andares, não era arranha-céu como tem hoje (...), agora foi liberado, diz que pode fazer quantos quiserem. Monumento grande [das três Raças] e a Praça [Cívica] eram daquele jeito mesmo, não era tão bonita como está, porque cada vez foi melhorando. Mas as ruas eram calçadas, já tinha o correio que até os meus dois cunhados trabalhavam no correio, aliás, todos os irmãos do José [falecido esposo] trabalharam no correio. Porque não tinha muito emprego, correio e banco eram onde tinha mais trabalho (...). Porque o Grande Hotel foi um dos primeiro prédios que fizeram e ali o povo que ficavam hospedados e ali ficava o vai e vêm de moças e rapazes, era o *footing*, fazia o *footing* [risos] lá é que tinha os namoros. E foi lá que conheci o meu amor (...), fui ao Teatro Goiânia, quando eu atravessei, nós morava na [Rua] 18 então tinha que vir pela [Rua] 3, quando eu atravessei a rua, Avenida Goiás ele estava parado junto com os amigos dele. Aí eu estava de branco, que era um vestido que eu tinha feito, aí ele falou: “Nossa! A moça que eu sonhei com ela. (...)”. Aí já começamos a namorar. Namoramos seis meses e noivamos seis meses e casamos ficamos 61 anos juntos na maior felicidade. Tem três anos que ele faleceu.

Dona Nina, em sua memória, recorda as transformações por que passa Goiânia, pois, a cidade transformou-se no curso da história. Velhas casas deterioram-se lentamente. As obras públicas e a abertura de novas ruas ocasionaram muitas demolições e construções. Novos bairros são criados, o centro da cidade desloca-se. Os bairros antigos são circundados por novas construções arquitetônicas modernas, que parecem perpetuar o espetáculo da vida de antigamente como já apontava Halbwachs (2006).

Segundo Oliveira (2005), os agentes responsáveis pelo parcelamento do solo de Goiânia, são, o Estado, os proprietários de terras particulares, a Companhia Habitacional (Cohab) e a indústria da construção civil. Conforme o autor,

da fundação da cidade até 1950, o Estado monopolizou a atividade, preservando a estrutura do Plano Piloto, com seis bairros. Durante a década de 1950, o Estado criou mais 8 bairros, tendo, porém consentindo a criação de outros 106 por parte de agentes imobiliários. Na década de 1960 foram criados mais de 20 loteamentos particulares e o primeiro conjunto habitacional. Já na década de 1970, prevaleceu a fundação de condomínios verticais, num total de 28, a aprovação de 8 conjuntos habitacionais e de 2 loteamentos particulares. Entre 1980 e 1983 foram 3 loteamentos e 3 conjuntos habitacionais (p. 137).

Em análise sobre Goiânia, Moysés (2005) elucida que a cidade possui um território segmentado, desigual e apesar de planejada, expandiu-se de forma desordenada. No final da década de 1990, constituiu-se como espaço metropolitano. As imagens da mudança urbana ficaram fixadas na memória do senhor Badan (10 jul. 2010):

Hoje [Goiânia] é uma metrópole⁶⁹ Goiânia. Na época eu saía, por volta de 1977/78, conhecia todos os bairros de Goiânia (...), todas as vilas porque eu passeava com meu sogro e minha sogra. Eles sempre gostavam de passear, e eu dava uma volta geral na cidade. Ia à periferia de Goiânia todinha, conhecia tudo. Hoje essa Goiânia cresceu umas dez a quinze vezes mais daquilo que conheci naquela época. Hoje não conheço nada, mesmo os locais que eu conhecia. Hoje está totalmente diferente, pra começar, o Setor Sul onde eu moro. Quando eu construí a minha casa em 1965, na Rua 90 A, na Praça Duque de Caxias tinha duas casas. A minha foi a terceira casa no local. Ali era um pasto quando estava construindo, (...), o gado vinha beber (...), água no tanque que estava lá, espécie de caixa d'água. Saía pra procurar frutas do campo ali pertinho (...). O Setor Sul era um verdadeiro mato, hoje eu fico bobo de ver o movimento que é aquilo ali. A Avenida 136, aquela que sobe pro [Shopping] Flamboyant, a quantidade de prédios, bancos, lojas,

⁶⁹ Conceitualmente, metrópole é uma cidade com grande dinamismo econômico, político e cultural, com grande sinergia tal que, em torno dela, gravitam várias cidades vizinhas (MOYSÉS, 2005).

farmácias, escolas, aquilo tudo cresceu assustadoramente. O bairro tornou-se completamente diferente daquilo que eu conheci de quando eu construí. Então, se ali no meu local cresceu dessa forma, o resto da cidade foi tudo dessa mesma maneira. Tem bairros que eu nunca passei nele, não sei nem onde que fica, se me perguntarem onde é que fica o bairro tal, não sei, já misturou e já se uniu a várias cidades. Goianira, por exemplo, já está quase dentro de Goiânia, Guapó, Senador Canedo, Trindade crescendo. [Conjunto] Vera Cruz, por exemplo, eu nunca fui lá. Então eu vejo a cidade num desenvolvimento muito grande, prédios, na época que mudamos pra cá, não existia nenhum prédio acima de quatro andares. Hoje quantos arranha-céus têm? A população naquela época girava em torno mais ou menos de umas sessenta, setenta mil pessoas, hoje têm o quê? Tem mais de um milhão e duzentas mil habitantes, sei lá, é gente demais. E o comércio aqui é imenso, basta dizer que essa Feira Agropecuária aqui é uma das feiras mais famosas do Brasil, existe desde 1940 e pouco e sempre em destaque.

As imagens das mudanças do espaço físico da cidade que ficaram nas lembranças do senhor Graciano (24 jul. 2010) são praças, ruas, criação de conjuntos habitacionais. Esse senhor percebeu o crescimento da cidade pela quantidade de escrituras que lavrava no cartório em que trabalhava:

Já havia a Praça Cívica, as avenidas abertas, a Tocantins, a Araguaia e, lá no fundo a Paranaíba, onde ficava esse conjunto IAPC [Instituto de Aposentadorias e Pensões do Comércio]. A Avenida Paranaíba só foi asfaltada no governo do Juca Ludovico⁷⁰ em 1956/55, por aí. Até então aquilo ali era um pueirão danado. Então a cidade era assim, as ruas já estavam abertas, tinham várias casas. O Estado [governo estadual] construiu casas para os funcionários, algumas casas, geralmente sobrados e também já havia asfaltado o centro (...). O Setor Sul, a cidade terminava ali no palácio, do Setor [Sul] pra cá [Setor Marista] não havia nada naquele tempo. Eu quando fiz o *tiro de guerra*⁷¹ em 1944, *tiro de guerra* 323, a gente fazia os exercícios físicos era atrás do palácio ali. Ali era mato puro, não tinha nada realmente, depois é que abriram, começaram a criar as ruas lá (...). A Praça do Bandeirante era o centro, pra baixo, a Avenida Goiás tava aberta, mas tinha poucas casas, prédios. Já havia o Setor dos Funcionários, naquele tempo chamava Bairro Popular hoje tudo é [Setor] Central. Era onde ficavam as pessoas, os trabalhadores, os funcionários menos graduado morava

⁷⁰ José Ludovico de Almeida foi governador de Goiás de 1955 a 1959.

⁷¹ Conhecido como TG é uma instituição militar do exército brasileiro que a partir de 1916, foi encarregado de formar reservistas para o exército. Originalmente *Tiro de Guerra* (TG) em 1902 era o nome de *linhas de tiro*, no Rio Grande (RS) uma sociedade de tiro ao alvo com finalidades militares. (WIKIPÉDIA, 2010).

por ali no Setor dos Funcionários (...). Tinha IAPC, IAPI, IAPTEC⁷², tinha Ipasgo⁷³, porque era dos funcionários públicos. Esses institutos financiavam a construção de casas e prédios. Assim começaram a surgir esses financiamentos e começou a desenvolver a cidade. O IAPC comprou aquele [Hospital] dos Rassi e depois eles transferiram pro Estado [Hospital Geral de Goiânia, HGG]. As coisas modificaram muito, mas esses financiamentos realmente ajudaram muito a desenvolver a cidade e as pessoas passaram a acreditar realmente em Goiânia e a cidade cresceu. Porque no princípio quando criou-se o município, o Estado fez os loteamentos, as pessoas saíam pra vender os lotes, iam atrás. A maior parte não se interessava, tinha medo de que aquilo não se concretizasse, aquela coisa, mas felizmente deu tudo certo e a cidade desenvolveu. Eu participava no cartório lavrando as escrituras e ficando entusiasmado com as coisas que iam acontecendo. A gente ficava todo satisfeito vendo o progresso crescer (...), assisti crescer tudo isso aí.

A narrativa do senhor José apresenta uma série de problemas urbanos contemporâneos: trabalhadores/desempregados, trânsito pesado, crescimento intenso, violência, drogas, dentre outros. Moysés (2005) aponta que as condições de vida nas cidades brasileiras e em Goiânia agravaram-se a partir da década de 1960. Até meados dos anos 1960, segundo o autor, as cidades ofereciam qualidade de vida aos cidadãos, isto é, havia oferta de trabalho no setor industrial, na agricultura e no comércio. Contudo, a partir desse período, com os vários processos de acumulação do capital, aliados ao processo migratório rural/cidade, reduziram-se os postos de trabalhos e faltaram políticas sociais que atendessem à demanda da população. O crescimento deteriorou, ainda, as estruturas urbanas, as condições de vida da classe trabalhadora, aumentando as desigualdades sociais, o aumento da violência e da criminalidade, dentre outros.

⁷² Siglas referentes aos explícitos, Instituto de Aposentadorias e Pensões do Comércio (IAPC); Instituto de Aposentadorias e Pensões da Indústria (IAPI); Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Estivadores e Transportes de Cargas (IAPTEC). Os IAPs foram criados durante o Estado Novo e, após 1945, expandiu suas áreas de atuação, passando principalmente a financiar projetos de habitação popular nas grandes cidades. A previdência social no Brasil, até 1966, era formada pelas IAPs, esses institutos que atendiam aos trabalhadores por atividades. Com a unificação, foi criado o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e, em 1990, Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) (BEHRING; BOSCHETT, 2008).

⁷³ O Instituto de Assistência dos Servidores Públicos do Estado de Goiás (Ipasgo) foi criado em 1962, durante o governo de Mauro Borges.

Para o senhor José (26 jul. 2010) viver em Goiânia é parte de sua vida é como se fosse um sonho, mesmo que a cidade apresente alguns problemas:

A cidade cresceu, é uma cidade muito ativa e tem condições de vida para as pessoas, então eu gosto desse lugar. E o que eu passei no período da minha vida aqui, passou como um sonho fica na lembrança da vida da gente (...). Com o crescimento da cidade, como foi nas outras cidades, aparece coisas ruins e coisas boas também, (...). Mas a nossa cidade é uma cidade encantadora que está crescendo que está muito bonita, pra mim por causa do clima, não tem alagamento (...), aqui tem escoamento fácil em nossa cidade, o local foi bem escolhido. Então você vê a beleza dessa cidade, você vê uma parte do povo goiano que é um povo bom, tem gente ruim misturado (...). Então quando sai nessa cidade hoje, vejo o movimento a quantidade de carro⁷⁴ que tem nessa cidade e a dificuldades que a gente tem principalmente nesses *horários de pico*, como é difícil de andar nessa cidade. Às vezes eu saio na rua fico lembrando, fazendo um paralelo desde quando eu cheguei aqui até hoje, o desenvolvimento foi tão grande, foi tão rápido que às vezes a gente não compreende e está crescendo a cada dia (...). Esta cidade nossa é linda, pra mim é a melhor cidade do mundo e eu tenho saído e conheço outros lugares, mas eu saio sem medo nenhum. Em São Paulo e no Rio [Janeiro] você sai morrendo de medo, porque aqui também acontece, (...), aqui também tem muito assaltantes, muitas drogas, tem muita coisa. Agora isso me assusta um pouco a droga dentro dessa cidade, que a droga mata e leva o homem a matar. Então moro nessa cidade com muita alegria.

O senhor José (26 jul. 2010) também considera que não há cidade melhor no mundo para viver do que Goiânia:

Não tem lugar nesse mundo que eu vejo melhor ou igual aqui, porque eu conquistei muitas amizades e aprendi a viver aqui de uma maneira que a cidade exigiu (...), porque você vai vendo a cidade crescer, você vai conhecendo o que é ruim e o que é melhor. Você acaba pegando dentro de você um amor muito grande por esse lugar. Eu amo essa cidade. Vejo essa cidade que não existe uma outra cidade, pode até existir igual, mas melhor, eu não acredito. Eu vivo aqui uma vida maravilhosa! Vida de rei. E acompanho mesmo dessa idade que estou o crescimento dessa cidade. E fico alegre quando vejo os anúncios dos acontecimentos de que está mudando os ônibus e está melhorando os ônibus, o meio de transportes e está no planejamento pra mudar o aeroporto dessa cidade. Eu que viajei para os Estados Unidos [da América] de aeroporto em

⁷⁴ Goiânia é a cidade que tem a maior quantidade de carros por habitantes, cerca de um carro para cada 1,7 habitantes. Também que possui a segunda maior frota de motos *per capita* no país, só perdendo para São Paulo (IBGE, 2009).

aeroporto. A gente viu como o nosso aeroporto é fraco, é ruim e tá precisando de melhoria, (...). Primeiro era uma cidade sertão, cidade que ninguém contava essa cidade capital. Hoje não, nossa capital é respeitada em todos os lugares que você vai. “Você mora em Goiânia! ah! cidade limpa, linda”. Nossa cidade é linda maravilhosa. Tem coisas ruins tem, porque ela cresceu muito, têm bairros, você vê essa cidade longe muito longe. Você vai a Aparecida [de Goiânia], quando começaram a construir Aparecida trabalhei lá de trator. Hoje Aparecida (...), emendou com a cidade e todo lugar que você vai a cidade tá crescendo assustadoramente e morar nessa cidade dá alegria, dá prazer porque é um povo hospitaleiro.

A imagem da mudança urbana ficou na lembrança de dona Nina (19 jul. 2010):

[Goiânia está] muito maior, (...), muitos prédios que não tinha [está] bem diferente, foi muito bom o crescimento foi assim arrojado, porque o povo de Goiás mudou tudo pra cá, essas cidades da redondeza de Goiânia, tanto que a cidade cresceu assim estrondosamente de uma hora pra outra.

Para dona Pina (17 jul. 2010),

[Goiânia é a] cidade melhor no mundo (...), gosto demais de Goiânia, do clima, a cidade é muito arborizada (...), é bonita. Na época eu vinha contrariada, mas se fosse pra fazer [de novo] eu iria fazer tudo de novo (...), eu aprendi a viver em Goiânia. Aqui é que eu comecei a viver, então, eu não posso queixar porque eu adoro Goiânia.

Para o senhor Badan (10 jul. 2010), crescimento de uma capital é maior que de uma cidade interiorana, portanto, há maior possibilidade de crescimento de um indivíduo:

Saí em 1957 de Uberlândia [MG]. Se eu voltei em Uberlândia umas seis vezes foi muito nesse período todo, de lá até a data de hoje, trabalhei cinco anos em Brasília, gosto muito de Brasília. Da mesma forma que surgiu Goiânia, surgiu Palmas [TO]. Meu pai teve a curiosidade de vim aqui conhecer Goiânia, eu nunca tive curiosidade de conhecer Palmas. Então você tira uma idéia, se eu vim pra cá, se estou querendo sair daqui, aqui construí família, meus filhos são daqui, tenho propriedades, construí minha vida profissional todinha, hoje estou

aposentado. Provavelmente, faria tudo de novo, porque aqui foi onde eu fiz minha vida. Embora a gente não sabia qual seria o futuro da gente, a gente imagina como será. Então como era uma cidade nova, que estava surgindo, nascendo à capital de estado [de Goiás], os projetos de crescimento é muito maior que o projeto de crescimento de uma cidade interiorana. Então, as possibilidades de desenvolvimento é muito maior (...), a possibilidade de crescimento de vida do individuo também é maior. Eu faria tudo de novo, da mesma forma que meus pais fizeram, os pais da minha mulher também fez. Eles vieram antes do que nós, eles vieram aqui em 1951, nós viemos em 1957. Eu não vou me considerar como pioneiro de Goiânia não, mas o meu pai quase foi porque ele esteve aqui em 1938. Foi no iniciozinho de Goiânia, só que nós não moramos aqui, mas pegamos a cidade ainda numa fase boa de crescimento, então podíamos ter feito mais, mas infelizmente não deu. Mas o que foi feito já está ótimo (...). Sem duvida nenhuma [Goiânia] foi um ponto de conquista nosso!

Os construtores procuraram Goiânia em busca de melhores condições de vida e as obtiveram, mas, como trabalhadores, seus êxitos foram limitados, pela sua condição de classe.

Dona Nina (19 jul. 2010), assinala que, em Goiânia, constituiu sua família:

Foi muito bom, (...), só de ter conhecido meu marido. Meu querido a coisa melhor que aconteceu na minha vida, depois vieram os filhos também muito bons, então eu não posso queixar de nada dessa vida. Se eu estou sozinha [o marido faleceu], sozinha não, mas ele construiu uma família maravilhosa (...)

O senhor Graciano (24 jul. 2010) diz não se arrepender de ter escolhido Goiânia para estudar e constituir família:

Valeu demais, lá [no Ribeirão, atual Guapó] não tinha nenhuma chance pra mim, nenhuma! Fazer o que lá? (...), meu pai tinha um pequeno comércio, depois já estava acabando [falindo] e ele já não tinha ânimo de tocar o comérciozinho dele, um sitiozinho perto de Guapó, não tinha nada pra fazer lá, então tinha que vim embora. Eu vim antes pra estudar, porque lá no Guapó não tinha como estudar ou frequentar a aula, então eu vim pra isso, pra estudar. Foi muito bom, pelo menos sair um pouquinho daquele *marasmo* lá. Essa gente veio de todas as cidades, as pessoas que tinham algum recurso mudaram pra cá, ajudaram a desenvolver [Goiânia] porque aqui já tinha e começou a ter faculdades. Então não adiantava ficar no interior. Quem tinha algum recurso mudou pra cá, trouxe a família, uns vinham por causa de eleição, e outros vinham pra tentar mesmo

comércio, essas coisas. Aí começaram a aparecer médicos também, que viu que aqui tinha campo de trabalho. Vinha médico de todos os lugares, da Bahia, Minas Gerais, São Paulo, começaram a construir hospitais. Hoje o estado [de Goiás] todo depende de Goiânia, [e se] uma pessoa adocece lá em Chambioá [PA] ou qualquer outro lugar aí, tem que vir pra cá pra tratar e isso continuou.

Nos últimos anos, Goiânia transformou-se em um centro de referência em diferentes especialidades da medicina, tais como epilepsia e neurologia, reabilitação de portadores de deficiências, oncologia, queimaduras e oftalmologia, dentre outras.

Mariazinha (26 jul. 2010) adora Goiânia, considerando-a um espaço de conquista:

Ah, eu acho ótimo! Eu adoro! Minha família lá no Rio [de Janeiro] morre de raiva, porque eu quase não vou lá e adoro aqui. Valeu vir porque primeiro pelo amor, porque eu tinha amor pelo meu marido e foi um amor muito grande (...). Mas eu gosto muito daqui de Goiânia, eu fiz minha família toda aqui, só dois filhos que nasceram no Rio [Janeiro] os outros quatro nasceram aqui. E eu adoro Goiânia, principalmente [o Setor] Campinas se eu pudesse morava lá. Eu tenho vontade de morar lá, mas [os filhos] não deixam, porque eles moram aqui perto, me fizeram comprar aqui, meu marido era vivo ainda, ele morou aqui seis anos. Meu marido era ótimo. Conquistei tudo aqui, meus seis filhos todos formados, meus netos também estão quase [todos] formando também, tem uma médica, um veterinário, duas psicólogas, duas fisioterapeutas, um engenheiro civil, são quase todos formados.

Dona Pina (17 jul. 2010) diz-se orgulhosa de fazer parte da geração que participou do crescimento de Goiânia:

Eu sinto orgulhosa de ter participado dessa transformação de Goiânia e tá aqui fazendo parte dela também. Eu sinto orgulho de participar, de ver Goiânia crescer.

O senhor José (26 jul. 2010) alega sentir alegria de ter participado na construção da capital dos goianienses:

Alegria de viver nessa cidade. De ter ajudado a construir essa cidade pra um povo viver, ajudar a construir essa cidade pras crianças de hoje. Hoje essa cidade é muito boa de se viver pras crianças, pros jovens, pro adulto, pro velho. Todas as pessoas que vieram para Goiânia não eram daqui, porque aqui era um lugar isolado (...).

Dona Nega (31 jul. 2010) afirma não se arrepender de ter mudado para a nova capital, porque além de ali morar, fez amigos, trabalhou, teve seus quatro filhos, havia local para eles estudarem. Eles se casaram e constituíram famílias, e, em Goiânia, seus netos e bisnetos estão crescendo. Para ela,

Goiânia tem tudo pra dizer que é uma boa cidade, apesar de ser capital é uma boa cidade pra morar. Porque o povo ainda é muito comunicativo é muito amigo. Eu, por exemplo, onde que morei só tive boas amizades, então eu adoro Goiânia. Acho Goiânia tem tudo a favor e não é uma cidade ruim que falta como as essas grandes cidades. E Goiânia é uma capital grande. Eu acho que é um lugar bom pra se viver. Se tivesse continuado em Bela Vista, lá tinha só regredido, não gostava de Bela Vista não. Quando eu vim pra cá, eu vim toda entusiasmada. Gostei muito daqui, *apesar dos pesares* que a gente teve umas decepções, mas foi muito melhor. Eu acho a minha vida, sei que meus parentes que ficaram lá até hoje está à mesma coisa, do mesmo jeito, eu tenho parentes lá ainda. Eu não me arrependo, eu acho se fosse para fazer outra vez teria feito a mesma coisa.

2.2 A velhice e o processo do envelhecimento segundo os idosos

A velhice é um fator natural, como a cor da pele, e não há como fugir desse ciclo: nascer, crescer, amadurecer envelhecer e morrer. Como escreve Beauvoir (1990), em seu livro *A velhice*, ou se morre prematuramente ou se envelhece, não existe outra alternativa. De acordo com Oliveira (1999), o envelhecimento deve ser encarado como um processo natural e não como uma doença terminal. A narrativa do senhor Badan (10 jul. 2010) confirma o pensamento de Beauvoir (1990) e Oliveira (1999):

Enxergo a velhice como uma coisa natural da vida, então é uma questão de vida. A vida vai desenrolando, eu não vou me desesperar porque eu estou me envelhecendo, estou me acabando, isso é uma consequência da vida, assim como o nascimento é uma consequência, a morte também é. Então, o envelhecimento também é uma consequência, uma coisa natural da vida, não tem o que analisar de outra forma não. Eu não vejo a velhice como uma doença não, eu vejo como uma consequência de vida. (...). Isso depende muito da cabeça de cada um. Eu me sinto assim, uma pessoa já vivida de certa forma, mas eu não me sinto assim uma pessoa velha não. Eu trabalho em casa, faço alguns trabalhos manuais, saio, ando, passeio, eu não me vejo uma pessoa velha, não me sinto já acabado pra vida. Eu não sei a natureza de cada um, depende da vida, agente não sabe a qualquer momento a gente pode falecer, mas até agora não estou me sentindo velho não. Uma das coisas que eu não gosto de jeito nenhum, que eu peço até pra pessoa calar a boca, é quando começa a falar em doença. Começou a falar em doença pra mim, já *estraga meu dia*, não suporto isso, não sei se é porque eu tenho meus problemas de saúde. Mas não quero ficar discutindo isso, também o momento de morte, também não gosto muito disso. Eu gosto de discutir [outros] problemas, conversar, contar casos, de esporte, de natureza. (...).

O modelo de velhice preconizado na sociedade atual enfoca o envelhecimento como uma fase associada a perdas, dicotomizando a existência da pessoa e negando as potencialidades existentes apesar da idade cronológica. É necessário contemplar o ser humano idoso em sua totalidade, em suas dimensões biológica, psicológica e social.

A idade biológica, para Mascaro (1996), concernente aos aspectos ligados às modificações físicas e biológicas, pode ocorrer de forma diferenciada entre os indivíduos de uma mesma sociedade. Por outro lado, a idade psicológica relaciona-se às modificações cognitivas e afetivas transcorridas ao longo do tempo. A idade social relaciona-se a normas, a crenças, a estereótipos e eventos sociais que controlam, por meio do critério de idade, o desempenho dos idosos, e determina o que as pessoas em uma determinada época histórica, sociedade, cultura, devem ou não fazer. No entanto, as pessoas acabam por caminhar de acordo com o relógio social.

A autora mencionada salienta que reflexões sobre as idades biológica, psicológica e social, fazem-se necessárias para que o envelhecer seja percebido nos seus mais diversos aspectos, lembrando que cada uma dessas idades apresenta pontos diferenciados de relevância significativa e que uma complementa a outra. Desse modo, não se pode perder de vista a importância de cada uma dessas dimensões pois cada sujeito social no processo de envelhecimento apresenta peculiaridades bem diversificadas.

Mascaro (1996) assinala que a palavra *velho* apresenta um conjunto de conotações pejorativas. Em uma sociedade que idolatra a juventude, a beleza e a força física, ser velho significa estar envolvido em um universo de rejeição, preconceito e exclusão. Para autora, o termo *velho* leva a pensar em algo antiquado, desgastado ou obsoleto, e deve ser substituído por idoso, que significa a passagem do tempo, aquele que tem bastante idade. A fase da *velhice* foi também substituída pela expressão *terceira idade* e, mais recentemente, por *maturidade*.

Na juventude, o senhor Graciano (24 jul. 2010) tinha um conceito estigmatizante⁷⁵ a respeito da velhice, pois via no idoso uma pessoa implicante:

A gente tinha a impressão de que não ia ter aquilo, que quando chegasse a idade seria diferente, não vou fazer isso, não vou fazer aquilo, não vou implicar com isso. Começa a implicar com coisinha, a gente fala: "Não vou fazer assim". Por exemplo, o velho começa a implicar com coisinhas que são menos importantes, então a diferença é essa aí.

O fenômeno mundial de envelhecimento da população provoca repercussões no campo social e econômico, especialmente nos países em desenvolvimento, e,

⁷⁵ O estigma, segundo Goffman (1988), não é visto como uma qualidade ou traço depreciativo de forma absoluta. O estigma ocorre nas relações sociais estabelecidas. Na relação entre indivíduos, existe uma preocupação mútua em adequar seu interlocutor a uma categoria preconcebida, na qual o indivíduo, com seus atributos, deve ser colocados. Há, porém, situações em que algum atributo do indivíduo não o faz ser incluído na categoria que deveria servir-lhe, nesse caso, o tributo é um estigma, e o indivíduo, é estigmatizado.

sobretudo, quando não se realizam ajustes sociais, visando boa qualidade de vida⁷⁶ para os idosos (OLIVEIRA, 1999). Na capital de Goiás e no país, essa realidade não é diferente.

O processo de envelhecimento populacional vem ocorrendo em vários países da América Latina, do Caribe e do Brasil⁷⁷. Na Europa e América do Norte, o fenômeno do envelhecimento teve início há quase cem anos. No Brasil, esse processo começou na década de 1960, sendo marcado por uma velocidade de expansão sem precedentes. Para fins de levantamentos demográficos, no Brasil considera-se idoso a pessoa que atingiu seus sessenta anos de idade, definição em consonância com a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Duarte (1999) alerta que o envelhecimento de uma população não se resume à análise demográfica, mas, inclui aspectos socioeconômicos e culturais de um povo e as mudanças nas políticas sociais adotadas. A adoção de políticas públicas intervencionistas influencia positivamente a qualidade de vida dos idosos.

O Brasil encontra-se no rol dos países em desenvolvimento. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), ocupa a 108ª posição no *ranking* dos 187 países para os quais foi estimado o aumento de esperança de vida ao nascer, para o período 2000-2005. A população idosa brasileira aumentou 4%, em 1940, e atingiu 8,6%, em 2000. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico (IBGE), com base no Censo 2000, divulgou que há 14,5 milhões de brasileiros com mais de

⁷⁶ O conceito de *qualidade de vida*, de acordo com Gaíva (1998), varia de acordo com a visão de cada indivíduo. A qualidade de vida boa ou excelente é aquela que oferece um mínimo de condições para que os indivíduos possam desenvolver o máximo de suas potencialidades, vivendo, sentindo ou amando, trabalhando, produzindo bens ou serviços; fazendo ciência ou artes vivendo apenas enfeitando, ou, simplesmente, existindo. Por outro lado, muitas pessoas procuram associar qualidade de vida com o fator saúde que resulta das condições de vida biológica, social e cultural e, particularmente, das relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, por meio do trabalho.

⁷⁷ Os indicadores demográficos do Brasil demonstram que esse processo de envelhecimento é determinado pelo declínio da taxa de mortalidade infantil e pela redução do índice de fecundidade.

setenta anos. Segundo projeções desse instituto, em 2020, o percentual de idoso no Brasil deverá atingir o índice de 15%, e, para 2050⁷⁸, conforme na projeção da Organização Internacional do Trabalho (OIT) haverá no país 64 milhões de idosos, ou seja, 30% da população. Nas próximas décadas, consolidar-se-á uma mudança no perfil da sociedade brasileira, isto é, o país deixará de ser um país jovem, para equiparar-se a nações como Japão ou a maioria dos Estados europeus.

A Pesquisa Nacional por *Amostra de Domicílios* 2007 (IBGE, 2007) também, revela a existência, no Brasil, de quase 20 milhões de idosos, o número de pessoas com mais de oitenta anos triplicará, saltando de 1,3 milhões para 4,5 milhões, em 2020. O IBGE prevê que, em 2025, a mulher brasileira viverá em média 89,6 anos e afirma que a expectativa de vida do brasileiro vem crescendo a cada ano, de acordo com dados obtidos pelo instituto. Em 1997, estudos apontavam uma expectativa de 69,3 anos para as mulheres, a qual, em 2006 subiu para 72,3 anos. As mulheres têm uma situação mais favorável em relação aos homens, pois a expectativa de vida atualmente para elas é de 76,5 anos e, para os homens, é de 69 (IBGE, 2008).

A população goiana segue o mesmo ritmo, isto é, ficou mais velha nos últimos dez anos. Segundo o IBGE (2000), o número de pessoas com sessenta anos ou mais saltou de 230.435, em 1991, para 358.816 em 2000. No país, Goiás ocupa a 11ª posição no *ranking*, liderado pelo Distrito Federal, com uma média de expectativa de 75 anos.

Em Goiânia, o IBGE (2007) estima que a população chega ao quantitativo de 1.281.975 habitantes, dos quais, 8% da população tinha sessenta anos ou mais de idade, o que equivale a 76.184 pessoas (IBGE, 2007). A capital também concentra o maior número de pessoas idosas que são chefes de domicílios e que têm o maior

⁷⁸ Pesquisa realizada pelo (IBGE, 2008) com revisão e elaboração da OIT Brasil: *Projeção da população do Brasil por sexo e idade, 1980-2050*.

rendimento mensal do estado de Goiás. A mesma fonte aponta que, em Goiânia, houve um expressivo aumento do número de mulheres com mais de sessenta anos responsáveis pelo domicílio, que, de 38%, em 1991, subiu para 57%, em 2000. Já o número de homem com mais de sessenta anos responsáveis pelo domicílio diminuiu em 1991, eram 62%, e em 2000, reduziu-se para 43%.

Atualmente, as pessoas vivem mais, e a sociedade o governo não sabe o que fazer com essa parcela da população. Portanto, ações concretas devem ser realizadas com políticas públicas, efetivação dos direitos assegurados pelo Estatuto do Idoso brasileiro e também investir na formação adequada de profissionais que atuam com este segmento. Para Mascaro (1996), a velhice é a etapa mais longa da vida, e viver muito e bem é um direito de todas as pessoas. Embora todos queiram viver mais, ninguém quer ser velho, ou seja, a aspiração de aumento da longevidade é cada vez maior, mas essa vitória é um *problema social*.

De acordo com Berquó (1999), a questão sobre envelhecimento no país merece atenção dos órgãos públicos, dos formuladores de políticas públicas e da sociedade, em razão do volume crescente desse segmento populacional, seu ritmo de crescimento e de suas características demográficas, econômicas e sociais. A transformação da velhice em *problemas social*, para Debert (1998), não é o resultado mecânico do aumento do número de pessoas idosas, como tende a sugerir a noção de *envelhecimento demográfico* usada pelos demógrafos e frequentemente utilizada pelos cientistas sociais para justificar seu interesse pessoal e o interesse social em pesquisas sobre o tema. A constituição de um *problema social* supõe um trabalho em que, segundo a autora, estão envolvidas quatro dimensões: reconhecimento, legitimação, pressão e expressão. O reconhecimento implica tornar visível uma situação particular. É a conquista da atenção pública e supõe

a ação de grupos socialmente interessados em produzir uma nova categoria de percepção do mundo social, a fim de agir sobre ele. A legitimação supõe o esforço para promovê-lo e inseri-lo no campo das preocupações sociais do momento. As formas de pressão traduzem-se em formas de expressão, isto é, estão envolvidas novas definições da velhice e do envelhecimento, que ganham dimensão com a expressão *terceira idade*. Uma nova imagem do envelhecimento é constituída por um trabalho de categorização e criação de um novo vocabulário que se opõe ao antigo no tratamento dos mais velhos: terceira idade *versus* velhice, aposentadoria ativa *versus* aposentadoria passiva, centro residencial *versus* asilo, gerontologia *versus* ajuda social, animador *versus* assistente social. Os signos do envelhecimento foram invertidos e assumiram novas designações: *nova juventude*, *idade do lazer*. Da mesma forma, inverte-se o signo da aposentadoria, que deixou de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade, lazer, realização pessoal. Não se trata mais apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas de proporcionar reconhecimento e legitimação aos direitos sociais.

Do ponto de vista demográfico, o envelhecimento é definido pelo número de anos vividos. Desse modo, são considerados velhos aqueles que alcançaram sessenta anos de idade. Na dimensão biológica, o envelhecimento, conforme estudo de Neri (2001), é definido como o processo de mudanças universais pautados geneticamente para a espécie e para cada indivíduo, que se traduz em diminuição da plasticidade comportamental, em aumento da vulnerabilidade, em acúmulo de perdas evolutivas e no aumento da probabilidade de morte. Em outras palavras, traduz-se em declínio físico, além da perda de papéis sociais, tanto no âmbito familiar como no produtivo.

Todavia, o envelhecimento não é uma realidade vivida igualmente por todos os indivíduos. Suas particularizações e configurações são definidas segundo as condições materiais de inserção dos sujeitos no movimento da produção e reprodução sociais, processos que imprimem estatutos diferenciados à *velhice*, respeitando a condição de classe⁷⁹, *status* e hierarquias sociais (TEIXEIRA, 2008). A velhice, para os entrevistados, constitui um período que vivenciam com muito prazer e alegria, embora eles reconheçam que há limitações:

A minha velhice até agora, não tem me dado muito trabalho não, nem pros meus filhos, nem pra Clarice⁸⁰ que é uma pessoa que cuida da gente. Felizmente, ainda consigo andar, a não ser o problema da audição que me inibiu um pouco. Eu hoje procuro não conversar com as pessoas porque é desagradável ficar perguntando, insistindo, apesar de que uso o aparelho, não tiro ele hora nenhuma, só quando durmo. Mas a velhice pra mim não tem sido pesada, ainda não, mais tarde talvez seja, né. E eu gozo de uma relativa saúde, o Celso [filho] me olha com muito cuidado e zelo, então eu tomo meus remedinhos (GRACIANO, 24 jul. 2010)

Eu vivo uma velhice maravilhosa (...). Eu dou graças a Deus por ter chegado aos 81 anos, porque eu aprendi a viver na velhice (...). E eu aprendi a viver nessa idade, não me sinto abatido, não me sinto decepcionado, pelo contrário, eu tenho muita alegria de viver. Meus filhos são maravilhosos também, uma esposa maravilhosa, então eu não tenho nada que reclamar dessa idade de 81 anos. Quando tenho alguma dorzinha, eu entendo bem que o organismo enfraqueceu e eu não me assusto com isso. Tenho o raciocínio bem normal, a memória não é igual à do jovem, alimento bem, durmo bem, converso com todo mundo, dirijo pra todo lado, para onde for preciso eu ir eu vou. Graças a Deus, tenho uma velhice linda, maravilhosa (JOSÉ, 26 jul. 2010).

Ai, garota! Meus filhos não aceita eu ser idoso, não aceita de maneira alguma. Quando eu fiz oitenta anos, meu álbum está ali, eles fizeram uma festa para mim, em casa de eventos. Foi uma festa *alinhandérrima*, maravilhosa, meu álbum esta ali, um álbum lindo. Mais eles não aceita eu ser velha, eles só gosta de me ver de batom e perfume o dia inteiro. Sempre fui vaidosa, se for pecado esse eu tenho, sempre foi vaidosa (MARIAZINHA, 26 jul. 2010).

⁷⁹ Conforme Marx (2002), as classes sociais são coletivos que se constituem fundamentalmente com base nas posições que ocupam nas relações sociais de produção, que cada vez mais se restringe, em sociedade capitalista, a duas classes diretamente oposta entre si: burguesia e classe trabalhadora. Essa divisão entre classes fundamentais não elimina as diferenças, grupos e frações internas em cada classe, nem a existência de outras formas de classe sociais.

⁸⁰ Nome fictício da cuidadora do senhor Graciano e de sua esposa, que está acamada há 4 anos. Ela convive com a família há mais de 25 anos.

Meu afilhado todo mês vem aqui, chega aqui me abastece, ele não tem obrigação nenhuma. Mas ele diz que tem me abastece aqui, enche minha geladeira que tem hora que fica até ruim. Eu chego até perdê coisas aqui porque eu sou sozinha. [Ele diz]: “Madrinha, a senhora fez muito por nós, agora é a nossa vez” Então, eu sou uma pessoa feliz, não sou revoltada com a vida, acho que eu vivi muito bem e não queixo, me relaciono bem com todos aqui do prédio (PINA 17 jul. 2010).

Eu, graças a Deus, estou tendo uma velhice muito boa. Meus filhos estão sempre comigo são muito bons (...). A velhice a gente sente muito, mas em comparação com outras, eu me sinto muito feliz, muito agraciada por Deus, porque tem filhos muito bons, tenho como manter duas empregadas que fica comigo (...). Então eu não posso queixar, os meninos vêm aqui todos os dias, sábado e domingo geralmente vêm me buscar para almoçar. Eu tenho uma velhice muito boa, não estou desamparada por ninguém. Eu não fico sozinha, os meninos vêm aqui todos os dias (NINA, 19 jul. 2010).

Mas eu tive uma vida muito boa nesse tempo, porque durante o tempo que eu trabalhei no Cine Campinas, nós éramos dez amigas que fazia excursão todo ano na época das férias (...), tirava férias na mesma época. Então eu conheço o Brasil quase inteiro de fazer excursão, quando chegava da excursão lá na porta da Matriz [de Campinas] que o ônibus deixava a gente lá, a gente já deixava marcada a do próximo ano (...). Isso que a minha vida, não envelheci muito ainda justamente por isso (...). Então eu acho que toda a pessoa deveria fazer isso pra ter uma velhice mais saudável (...). Então, eu acho que isso foi muito bom, para minha cabeça porque eu vejo tanto gente que está mais nova que eu que está ruim da cabeça. Eu acho que é uma experiência muito boa que a gente tem (NEGA, 31 jul. 2010).

Embora não tenha sido o caso dos entrevistados, no Brasil e em Goiânia, existe um grande contingente de idosos que sofre processo de exclusão social, econômica, política e cultural. Para Queiroz (1999), a exclusão social dá-se nas seguintes dimensões: econômica, perda do poder aquisitivo, com baixas aposentadorias e pensões; política, quando são desrespeitados os direitos de cidadãos; social, quando ocorre o isolamento social, a institucionalização, a barreira arquitetônica, as estruturas de sociabilidade centradas no trabalho, na família, dentre outras; cultural, pela desvalorização da memória e da lembrança.

O senhor José (26 jul. 2010) relata que, desde criança, o pai lhe ensinou a respeitar a pessoa idosa:

Olha, meu pai ensinava que a gente tinha que ter pelo idoso muito respeito, muito amor, porque ele já não dava conta de muita coisa não. Agora, como jovem, eu fui uma pessoa muito bem preparada nesse sentido, toda vida eu gostei de respeitar as pessoas mais velhas.

A questão que preocupa o senhor José e dona Nega é o modo com que a sociedade atual trata o idoso, isto é, com desprezo, violência, desrespeito, considerando-o ultrapassado. Segundo Minayo (2004), a violência contra os idosos não ocorre só no Brasil⁸¹. Ela se expressa nas formas de relações entre as classes sociais, entre os gêneros, grupos étnicos e os grupos de idade nas esferas de poder político, institucional e familiar. A violência contra o idoso está relacionada com a *visão negativa*⁸² da velhice e do envelhecimento, segundo depoimento dos entrevistados:

O desprezo, o povo tem o velho como homem capaz e às vezes, alguém fala assim: “Ah, você é um homem muito experiente”. Ninguém vive de experiência. A gente tem que passar para os jovens algumas coisas que aprendemos, mas os jovens não entende, acha que a gente já está ultrapassado. Mas pra mim tanto faz dizer que eu estou ultrapassado que eu estou passando por essa vida é uma coisa só. Como eu te disse eu aprendi a viver alegre, aprendi fazer o que dou conta de fazer, o que eu não dou conta de fazer, não vou forçar (JOSÉ, 26 jul. 2010).

Eu pelo menos não acho minha vida ruim, eu gosto e, graças a Deus, até hoje eu tenho meu juízo perfeito. O ruim do idoso é que os jovens de hoje não respeita muito o idoso, o que a gente vê de ruim é isso, a gente vê a falta de respeito com

⁸¹ A *violência contra o idoso* é um fenômeno de notificação recente no mundo e no Brasil. A vitimização desse grupo, no entanto, é um problema cultural de raízes seculares, e suas manifestações são facilmente reconhecidas desde as mais antigas estatísticas. O crescimento da quantidade de idosos oferece um clima de publicização e conscientização das informações sobre maus-tratos de que são vítimas, tornando esse problema uma prioridade a ser discutida (MINAYO, 2004).

⁸² Minayo (2004) elucida que o modo que a sociedade trata o idoso é contraditório. Na maioria das vezes, passa-se a visão negativa do envelhecimento e se reproduz a idéia de que a pessoa vale quanto produz e o quanto ganha. Os idosos, fora do mercado de trabalho, recebem uma pequena aposentadoria, são considerados inúteis e/ou como peso para a família. Mas há também uma visão positiva, aquela proveniente da convivência e da valorização da pessoa idosa por sua história, sabedoria e contribuição às famílias e à sociedade. No entanto, a autora diz que os próprios idosos ajudam a produzir a ideologia negativa sobre eles. Muitos não se conformam com a perda do poder, outros que só viveram para o trabalho sentem sua própria identidade se desmanchando e, ao se aposentarem, vários se enclausuram na solidão.

os idosos. Ontem mesmo, eu vi na televisão um caso, fiquei horrorizada, uma senhora de 88 anos que morava debaixo de uma lona no quintal do filho dela, isso (...) coisa absurda (NEGA, 31 jul. 2010).

São muitos os problemas enfrentados pelos idosos em seu cotidiano, como a discriminação, o preconceito, a desvalorização advinda do baixo valor das pensões e aposentadorias, a depressão, o abandono familiar, o difícil acesso às políticas sociais e/ou a sua precariedade, as más condições de vida em razão da pobreza que, muitas vezes, acompanha as pessoas em todos os ciclos da vida, apropriação indébita do valor da aposentadoria realizada por familiares, dentre outros.

Porém, os entrevistados sentem-se felizes pelo que construíram ao longo de suas vidas, pelas experiências vividas e por vivenciarem o crescimento da cidade:

Eu tenho muito prazer em ter feito o que fiz hoje. Porque eu (...), vivi no trabalho e ajudei a construir e estou vivendo em um lugar que eu ajudei a fazer também. Os 81 anos significa vitória, sou um homem inteiramente feliz, tenho uma alegria porque eu passei pela vida, fiz muita amizade e trabalhei e ganhei algumas coisas não preciso trabalhar para viver. Tenho algumas aposentadorias pequenas, (...). Sinto alegria de viver nessa cidade, de ter ajudado a construir (...) pra um povo viver. Ajudar a construir essa cidade pras crianças de hoje. Hoje, essa cidade é muito boa de se viver, tem pras crianças, pros jovens, pro adulto, pro velho, pra tudo. É uma cidade que não falta água, não falta energia (...), tem asfalto muito bom (...). Mas eu vejo essa cidade, uma das cidades melhores do mundo pra se viver (JOSÉ, 26 jul. 2010).

Foi privilegiado, se eu pudesse ter vindo mais cedo, talvez seria até melhor. Mas já que vim nessa época, me sinto honrado em ter vivido essa época. É pra mim uma honra, eu não sinto de outra forma não (BADAN, 10 jul. 2010).

Beauvoir (1990) pontua que a criança e o adolescente são submetidos a uma série de proibições, obrigações, deveres e cuidados que não os deixam esquecerem a idade que têm, portanto, quando adultos, esquecem a idade, são indiferentes, em relação ao futuro, ou seja, à velhice.

Dona Nega (31 jul. 2010) quando jovem, não pensava na velhice, e, atualmente não se sente idosa mas evita revelar a sua idade. Canta em um coral, tem uma turma de amigas que se reúnem para rezar e *jogar bingo*. Quando jovem, diz que respeitava e tratava bem as pessoas mais velhas, mas nos dias atuais vê que os jovens desrespeitam os idosos, ou seja, ela se ressentida a não valorização do idoso:

Eu nem pensava nisso [na velhice] não. Eu toda vida me relacionei muito bem com pessoas idosas, porque a minha avó era muito rígida com a gente (...). Hoje, eu reparo muito as pessoas fazer isso com os idosos porque eu acho que é muito triste. Nem lembrava que a pessoa idosa tinha que ser tratada diferente não. Tratava com respeito, nunca foi de menosprezo. Geralmente a pessoa hoje menospreza o idoso, muitas pessoas, eu vejo fazer isso, mas eu não toda vida eu via o idoso como um pessoa experiente da vida. Agora (...), a coisa que eu tenho mais pavor é depressão (...). Nós temos uma turma, nos chamam de *as meninas do terço*, nós éramos quinze senhoras quase todas da mesma idade. E a gente rezava o terço toda quarta-feira e jogava bingo, joga até hoje e reza até hoje, só que foi morrendo algumas, hoje nós somos umas oito, nove (...). Nós temos um coral nosso, na época da festa a gente canta, na época do padre Pereira, o ano passado, aí ele falou assim: “Quem vai cantar hoje é as meninas do terço”. Aí, ele não sabia não, quando a gente foi canta ele disse: “Uai! Essas são as meninas do terço, estou pensando que menina agora essas veias”. Falei: “Veia é sua mãe” [risos]. Mas até esse ano nós cantamos ainda, vamos ver se o ano que vem a gente dá conta. Então a mais nova tem setenta anos, é a caçula. Mas é muito bom, a gente *joga bingo* toda quarta-feira, nós temos uma tarde aqui na [Igreja] Santo Antonio [em Campinas] aí termina o bingo a gente fica até pelas 6 horas aí, vai pra igreja e reza o terço (...) falam: “Vocês ficam jogando peca aí depois vai rezar [risos] pra pedir perdão?” (...).

Beauvoir (1990) salienta que a pessoa se assusta quando a chamam de velha pela primeira vez e as pessoas idosas não gostam de revelar a sua idade. É o que acontece com dona Nega (31 jul. 2010):

Eu fico triste, né, porque eu queria ter 28 anos [riso] o contrário. O Celinho no dia do meu aniversário ligou foi me cumprimentar e falou assim: “Quantos aninhos ela está fazendo?” Falei assim: “28”. Aí, ele: “De trás pra frente, né?”. Falei: “Você que está falando, né? Pra mim e da frente pra trás” [risos]. Não é fácil,

eu não gosto de falar a minha idade pra ninguém. Agora que eu estou falando porque o Valdir [filho] também, quase morri de raiva quando ele ficou contando que eu fiz oitenta anos. Eu falei: “É pra ficar calado não é pra ficar contando não, pros outros quantos anos, eu sei quantos anos eu tenho, não precisa de ninguém ficar sabendo não”. Aliás, pra minhas amigas, eu nunca foi de contar (...). Eu nunca aceitei com bom grado depois que eu passei do setenta anos, quero esquecer sabe, vai passando os anos, mas não ficar comentando com os outros. Eu sempre aceitei de boa.

Os idosos necessitam de cuidadores, e tendo em vista o aumento da população idosa, o Ministério da Saúde do Brasil lançou, em 2008, um guia para cuidadores de idosos. O manual apresenta noções práticas para profissionais e leigos. Orienta como lidar em casos de quedas, convulsões, oferece dicas para uma alimentação saudável e, ainda, como transferir um idoso acamado para uma cadeira. O treinamento de pessoas para o cuidado faz-se necessário, em virtude de situação de desamparo em que se encontram os idosos, e para facilitar o atendimento imediato às necessidades básicas de doentes fragilizados (BRASIL, 2008). O idoso, mesmo com sua longa vivência, experiência e ensinamentos, necessita de um cuidador.

Contudo, os idosos que foram entrevistados disseram não precisar de cuidadores, embora admite terem a ajuda de empregados domésticos:

Eu não tenho ninguém pra morar comigo porque não quero (...), se precisar de uma ajuda, eu peço (...), a minha empregada tem (...), dez anos agora que ela está comigo, ela entrou foi para olha a minha mãe. Ela tá comigo até hoje, só que ela trabalha três vezes por semana. Eu não preciso, vou ao banco sozinha, vou na lotérica tirar dinheiro sozinha, dou conta ainda das coisas. Mas o dia que não der mais, é outra coisa, eu posso pedir um filho meu (...). Esse negócio de ter gente olhando, carregando, graças a Deus, até hoje eu não precisei (NEGA, 31 jul. 2010).

Graças a Deus, muita felicidade, porque eu sou muito feliz, porque não tem ninguém que me aborrece [risos], ninguém que me contraria (...). Eu tenho quatro empregadas [que se revezam], eu faço tricô para os pobres, faço meias para os velhinhos lá de São Cottolengo, lá de Trindade [GO] e rezo, rezo muito. Eu rezo e faço tricô.(MARIAZINA, 26 jul. 2010)

Dona Pina (17 jul. 2010) relembra que, quando jovem, ela achava que um pessoa de cinquenta anos em bem mais velha. Relata que tinha medo de envelhecer. E, aos 84 anos de idade, não se sente uma pessoa velha e evita conversar sobre doença e remédios. Ela soube lidar com o processo de envelhecimento, considera seus 84 anos bem-vividos, tem apoio dos familiares tanto material, como afetivo, mas, reclama do valor da aposentadoria. Como não se sente velha, não gosta conversar sobre doença:

A visão do idoso, quando eu era mais jovem, eu tinha um tio que morreu com 51 anos, eu enxergava nele um velho de noventa anos, enxergavam as pessoas muito velhas, e eram pessoas de hoje um homem de cinquenta anos, hoje é um homem novo, então, eu ficava com medo de envelhecer e ficar igual a eles. Hoje, com a idade que eu tenho, eu não me sinto velha (...), faço meus trabalhos aqui, sou sozinha (...), eu quero ver se ainda continuo por muito tempo assim, né? Quando têm festas, eu não gosto de ficar juntos das amigas velhas, porque [as conversas] é só doença e remédio. Eu fico é junto com os homens, porque os homens falam em pescaria, futebol, eu entro na conversa deles (...). As minhas amigas velhas eu não gosto de muito contato com elas não porque [falam de] coisas que deprime a gente [como] doença e remédio (...).

Monteiro (2005) esclarece que o indivíduo que envelhece não percebe as mudanças em seu corpo da mesma maneira que os outros o fazem. Reconhecer as transformações nos outros é sempre mais simples, porque as transformações corporais ocorrem lentamente, e o organismo, com a sua capacidade plástica realiza as mudanças de maneira gradual. Portanto, acrescenta o autor que o velho assim se sente, pelo olhar dos outros. Dona Nina (19 jul. 2010) conta que não percebeu a velhice chegar, foi um processo natural da vida quando percebeu estava com 86 anos:

Eu não vi envelhecer sinceramente e até hoje não me sinto velha, não me sinto assim com 86 anos, eu não me sinto velha. Eu envelheci dentro daquela norma: você faz anos, mas você, quando vê, está com 86 anos, e eu não vi passar. Foi muito bom, fui abençoada. Acho que porque eu sofri muito quando era menina de não ter mãe que Deus me recompensou o marido e os filhos.

Dentre as questões que cercam o envelhecimento, a saúde aparece como elemento balizador, pelo seu forte impacto sobre a qualidade de vida, constituindo uma das principais fontes de estigmas e preconceitos em relação à velhice. A representação negativa, normalmente associada ao envelhecimento, tem como um de seus pilares o declínio biológico, ocasionalmente, como o avançar da idade acompanhado de doenças e dificuldades funcionais. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2009) o envelhecimento é um processo que pode ser compreendido como sequencial, individual, acumulativo, irreversível, universal, não patológico, de deterioração de uma organização madura, própria a todos os membros de uma mesma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio ambiente e, portanto, aumente sua possibilidade de morte.

Esse estudo também aponta que a hipertensão arterial e a artrite/artrose são as doenças crônicas mais prevalentes entre os idosos. A hipertensão e o diabetes recebem a atenção de programas de saúde pública, mas a artrite e a depressão continuam sendo tratadas predominantemente como doenças individuais, sem serem considerados problemas de saúde coletiva (OPAS, 2009).

Assim, os idosos entrevistados atribuem à saúde física um fator fundamental para a percepção da velhice. A velhice é sinônimo de doença com limitação corporal, enquadrando-se no modelo social preestabelecido. Os entrevistados confirmam esses dados:

O que eu acho, mas problemático, essas dores de joelho (...), eu não vejo outra coisa pior não do que isso, essa artrite, artrose esse tipo de coisa. Mas sobre a maneira de viver, não, acho que eu, por exemplo, nunca fui excluída de nada assim, geralmente pessoa idosa não é convidada, e eu sou convidada muito para casamento (...) pra ser madrinha do casamento (...) (NEGA, 31 jul. 2010).

A gente tem as dorzinhas da gente. Eu não queixo pra ninguém, porque ninguém tem nada com isso. Então, eu enxergo o idoso assim, de uma maneira geral tem gente idosa que são jovens, mas têm outros que já se entregam, até muito mais novo do que eu e já estão se entregando. Aceitei numa boa, hora nenhuma eu queixei que eu já estou ficando velha, que estou ficando de lado (...), eu não me sinto assim. A única coisa problemática minha é esse pé aqui, do tombo que eu levei que eu tenho que andar de bengala, mas (...), eu não sou orgulhosa, eu ando com minha bengalinha pra todo lado, então, não foi nada problemático (PINA, 17 jul. 2010).

A gente quando é jovem, não tem uma idéia do que é ficar velho, não tem a idéia. Quando a pessoa morre velha, mas morre com setenta anos não faz muita diferença não se ele for sadio. Então eu já passei o câncer, venci o câncer. (...) Então a passagem da juventude para o velho, ele tem que passar muitas coisas tem que passar por operações, tive que colocar dente novo, os dente caiu tudo. Todas essas coisas é difícil, mas quando você tem condições de fazer, porque é caríssimo essas coisas. Hoje eu tenho os meus dentes, fiz meus implantes (...). Eu não enxergava direito eu fiz operação nos olhos (...). Única coisa que eu tenho dificuldades é da audição [que] não é perfeita (...). Então, essas coisas que as vezes não consegue na velhice, porque é o natural de todo o velho ficar ruim das vistas, enxergando pouco, ouvido dele tem que esta colocando a mão assim pra ouvir, porque o organismo vai enfraquecendo (JOSÉ, 26 jul. 2010).

Eu lidei bem [com o envelhecimento], a única coisa que eu acho ruim é a minha pressão, eu tenho pressão alta. Em mim a única coisa que eu acho ruim é os dentes, porque eu caí e quebrei os dentes todos, aí é ponte móvel, eu tenho neto dentista, filho dentista, nora dentista. Todos querem fazer implante, eu tenho dinheiro pra fazer, mas não tenho coragem (MARIAZINHA, 26 jul. 2010).

Néri e Cachioni (1999) pontuam que o bem-estar na velhice depende, assim, do equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo, o que permitirá que, com diferentes graus de eficácia, ele venha a lidar com as perdas ocorridas nessa fase da vida. Ao envelhecer, a pessoa idosa passa por uma série de enfermidades, mas o senhor José (26 jul. 2010) relata que soube lidar com o processo do envelhecimento:

E a minha vida de 81 anos não é uma vida de juventude, porque o homem cada dia que passa na vida dele, ele sente mais fraco um pouco (...). Então eu aprendi a viver contente em qualquer situação.

2.3 A visão dos idosos sobre o papel do Estado nas políticas sociais

No século XIX, grandes acontecimentos ocorreram, como a transformação das técnicas de produção, iniciada no século XVIII, com a Revolução Industrial, a eclosão da democracia de massa e a constituição dos Estados nacionais. Também houve modificações nas relações econômicas, políticas e sociais. Essas mudanças resultaram na divisão da sociedade em duas classes a burguesia e o proletariado. Com a Revolução Industrial, a burguesia afirmou-se como classe dominante, e o proletariado tomou consciência de sua própria classe, o que fez surgir a questão social⁸³, e o Estado passou a estabelecer mediações legais e política (PEREIRA, 2008).

Pereira (2008), em sua análise, expõe que as primeiras políticas sociais, como proteção social, gestaram na confluência dos movimentos sociais de ascensão ao capitalismo, das lutas de classe e do desenvolvimento da intervenção estatal. Portanto, a política social é apreendida, por essa estudiosa, como produto de relação dialeticamente contraditória entre estrutura e história e de relações entre capital *versus* trabalho, Estado *versus* sociedade e princípios da liberdade e da igualdade que regem os direitos de cidadanias.

Dessa forma, a política social apresenta perfis, funções e objetivos próprios e produz impactos no contexto em que atua, portanto, visa atender as necessidades sociais, cuja resolução ultrapassa a iniciativa privada, individual e espontânea e regida por princípios de justiça social que devem ser asseguradas

⁸³ A questão social, para Iamamoto (2001), significa o conjunto de expressões das desigualdades sociais engendrada na sociedade capitalista madura com base nas mobilizações operárias do século XIX. As lutas desse período apresentaram à cena política e econômica as reivindicações da classe operária, a denúncia da miséria e do pauperismo produzidos pelo capitalismo e exigiram a interferência do Estado no reconhecimento de direitos políticos e sociais dessa classe, a partir dos séculos XIX e XX.

por leis impessoais e objetivas, garantidoras de direitos. Contudo, a política social está relacionada ao Estado, governos, políticas públicas e aos movimentos das sociedades e leva em conta as posições de desiguais dos cidadãos na estrutura de sociedade. Em consequência, a concepção de política social deve também evidenciar como se criam as necessidades e de como elas se distribuem, com o objetivo de modificá-las (PEREIRA, 2008).

Behring e Boschetti (2008) apontam que a introdução da política social no Brasil ocorre nos anos 1930 e 1943, e o reconhecimento dos direitos sociais resulta da luta de classe por direitos sociais, sobretudo trabalhistas e previdenciários. Por outro lado, representa a busca de legitimidade da classe trabalhadora que vive em ambiente de restrição de direito políticos e civis. Em 1942, a Legião Brasileira de Assistência (LBA) foi criada para atender às famílias dos *pracinhas* envolvidos na Segunda Guerra Mundial e coordenada pela primeira-dama, Darcy Vargas. Contudo, essa política tem a características de tutela, favor e clientelismo na relação entre Estado e sociedade. Posteriormente, a LBA configurou-se como instituição articuladora da assistência social no Brasil, com cunho seletivo, coordenado, pelo primeiro-damismo, situação que se alterou com a promulgação da Constituição de 1988.

Dona Mariazinha (26 jul. 2010) trabalhou durante trinta anos na Legião Brasileira de Assistência Social (LBA) e suas recordações, remetem à visão assistencialista da política social:

Dona Gercina [Borges Teixeira, esposa de Pedro Ludovico Teixeira, governador] que era a presidente [da LBA em Goiás]. Eu trabalhei trinta anos, na Legião Brasileira de Assistência Social LBA (...), assistia muito bem, fazia como era o meu caso, fazia registro de nascimento, fazia casamento, distribuía leite, fazia cursos de gestantes, dava enxovalzinho para as gestantes. E trabalhei muito

nos posto de saúde, lá em Campinas [bairro da cidade], era amada demais lá, Nossa Senhora! (...). Depois que eu aposentei, eu passava pela *Avenida 24 de Outubro*, aí, eu adorava aqueles pobres, vinha tudo falar comigo, beijava [minha mão e diziam]: “Aí! a senhora foi boa demais pra mim dona Maria”, porque eu fazia registro, distribuía leite. Foi trinta anos que foi uma beleza! Tenho saudades do meu emprego, o pior que eu acho é ser aposentada, acho horrível.

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) define, ainda, nessa área um modelo de proteção social configurado como um sistema de seguridade social. Ele envolvem a previdência social⁸⁴ (elaborada nos moldes de seguro social, a perda ou redução de renda), a assistência social (entendida como direito e não como filantropia, a seleção, prevenção e eliminação de riscos e vulnerabilidades sociais) e a saúde⁸⁵ (a ação de prevenção, proteção e recuperação). Em outras palavras, busca-se articular os direitos contributivos e transferências de renda não contributivas vinculadas à assistência social, sob a égide dos direitos sociais. Assim, a assistência social⁸⁶, integra o sistema de Seguridade Social como política pública não contributiva. É, portanto, direito do cidadão e dever do Estado.

Há um conjunto de leis, direitos e políticas públicas que, desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, compõem a nova institucionalidade da proteção

⁸⁴ A Previdência Social brasileira está organizada em dois regimes jurídicos, de natureza pública, previstos nos arts. 201 e 40 da Constituição de 1988. O Regime Geral da Previdência Social (RGPS) foi regulamentado pela Lei nº 8.212/1991, Lei Orgânica da Previdência Social, institui o para os trabalhadores do setor privado, sob regime das leis trabalhistas (CLT). O regime previdenciário dos servidores públicos, de titulares de cargos efetivos de natureza estatutária, administrado pela União, estados, Distrito Federal e município (art. 40 da Constituição Federal), de acordo com as respectivas leis e regulamentos (SIMÕES, 2008).

⁸⁵ A Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990 – Lei Orgânica da Saúde regulamentou os arts. 196 a 200 da Constituição, alterada pelas Leis nºs 9.832/1999, 10.424/2002 e 11.108/2005. A Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, regulou a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e instituiu as conferências e conselhos de saúde, sua estrutura e funcionamento (SIMÕES, 2008).

⁸⁶ A Lei nº 8.742/1993, Lei Orgânica da Assistência Social (Loas) e Lei nº 11.258/05, refere-se à organização da Assistência Social. Outro marco importante foi a aprovação da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), em 15 de dezembro 2004, com sua posterior regulação, em 2005, pelo Sistema Único de Assistência Social (Suas), que estabelece um pacto federativo para a sua operacionalização. A atual concepção da assistência social, como política pública de direitos voltada para prevenção, proteção, inserção e promoção social, desenvolve-se em conjunto com outras políticas públicas (SIMÕES, 2008).

ao idoso no Brasil. Dessa forma, a *assistência social* destaca-se como importante fonte de melhoria das condições de vida e de cidadania desse estrato populacional em irreversível crescimento (PEREIRA, 2002).

O sistema de proteção social ao idoso brasileiro, além da assistência social, saúde e previdência social, por meio da Política Nacional do Idoso, prevê ações nas áreas da educação, trabalho, habitação e urbanismo, justiça, cultura, esporte e lazer. O Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, (BRASIL, 2003), estabelece os direitos a todos os cidadãos com mais de sessenta anos de idade. Nesse sentido, esse estatuto é um instrumento importante de garantia de direitos conquistado pelos idosos e seus movimentos sociais, pois, além de reconhecer o direito à velhice digna, explicita os deveres e as obrigações da família, da sociedade e do Estado, ou seja, essa legislação cria os mecanismos necessários para regulação dos direitos assegurados às pessoas com mais idade.

Em outras palavras, a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso asseguram à pessoa idosa a efetivação dos direitos, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. Nesse contexto, buscam efetivar políticas sociais públicas que permitam envelhecimento saudável e em condições de vida com dignidade. A esse respeito, alguns entrevistados expõem:

Não, até hoje eu não precisei não (...), disso [recorrer ao Estatuto do Idoso], nem de andar de ônibus porque praticamente hoje eu não saio sozinho mais. Mas tem que ser ampliado melhorado, né? Procurar melhorar esse atendimento ao idoso, porque a pessoa idosa sem recurso é muito triste, realmente é muito triste. Agora, por outro lado, a gente aqui no estado fica vendo todo dia eles reclamarem disso e aquilo, mas também o estado não tem condição de atender

todo mundo, porque aqui em Goiânia, nossa! Aqui vem gente do estado inteiro, fora do estado, vem pra tratar aqui, passear aqui e nada dá conta disso. O Estado [governo estatal] não dá conta sozinho (GRACIANO, 24 jul. 2010).

Eu nunca me preocupei, às vezes eu penso, é uma coisa que eu devia pegar [ler o Estatuto do Idoso] e saber o que eu tenho direito e o que eu não tenho. Mas nunca me interessei por isso não. E é errado, sou errada nesse ponto (NEGA, 31 jul. 2010).

Eu tenho até o Estatuto do Idoso, mas não precisei usar (NINA, 19 jul. 2010).

Tenho conhecimento [do Estatuto do Idoso], graças a Deus, nunca foi preciso fazer prevalecer eles, pelo menos todas as pessoas com quem eu me dirijo sempre me atenderam. Nunca fui desrespeitado, nunca fui (...). Vamos dizer assim, não foi usado de violência contra os meus direitos, pelo menos até esse momento nunca (...), não foi necessário fazer prevalecer meus direitos não (...). A não ser que outro idoso vem brigar comigo por causa da idade né, aí isso é uma questão de fazer resolver o problema na hora, do jeito que eu vou fazer prevalecer meus direitos ele vai fazer prevalecer os dele também, então, empatamos (BADAN, 10 jul. 2010).

A lei assegura, no transporte interurbano, a reserva de duas vagas gratuitas para idoso com idade acima de 65 anos e com renda de até dois salários mínimos. E também garante a gratuidade do transporte coletivo urbano e semiurbano. A carteira de identidade é o único documento exigido, mas, em Goiânia, instituiu-se o passe livre, portanto, Goiás é um dos únicos estados do país que exige a carteira para o idoso andar de ônibus. Também são garantidos, no transporte coletivo, assentos, reservados aos idosos, gestantes, deficientes físicos e pessoas com crianças de colo. Contudo, esse direito é desrespeitado, dona Pina (17 jul. 2010) comenta que os jovens nem sempre respeitam o assento reservado no ônibus aos idosos, ou seja, ocupam os assentos exclusivos e neles permanecem:

Eu falo por mim, aonde eu chego sou bem recebida, nesse ponto eu não tenho queixa. Quando eu ia ao banco, era bem atendida. Não vou mais, o Paulo [irmão] é que vai pra mim. Eu acho que tem muita coisa ainda que o idoso (...). Vou queixar, mas não por mim, no ônibus os jovens nem sempre cedem lugar para os idosos, senta e fica lá acomodado. E o idoso que se vira que se dane. Mas

eu não posso falar muito não porque eu, não estou tendo mais contato com o povo na rua. Eu ando mais é de carro, não pego mais ônibus. Eu estou um pouco isolada agora, desse movimento de fora, banco, lojas. Meu passeio mais agora é só no *shopping*. (PINA, 17 jul. 2010).

Um outro idoso diz que faz valerem seus direitos:

Talvez seja porque, às vezes, eu estou sentando dentro de um ônibus e alguém vem querer pedir meu lugar. Aí, eu faço prevalecer a minha idade, é a hora que eu faço prevalecer. Vou na fila de um banco, fora disso não tem necessidade não, não tem problema não, a idade até que vale a pena (...) (BADAN, 10 jul. 2010).

Os direitos civis, tais como liberdade, que inclui o direito de ir e vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, são assegurados no Estatuto do Idoso. No entanto, as barreiras arquitetônicas das cidades levam os idosos ao isolamento. Perracini (2002) pontua a necessidade de os ambientes serem planejados para promover e encorajar a independência e a autonomia das pessoas, para proporcionar qualidade de vida a todos os cidadãos. As cidades brasileiras, incluindo Goiânia, produzem e reproduzem a exclusão social, em especial, de idosos, pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida por não facilitar a acessibilidade⁸⁷ e a mobilidade plena, ou seja, o direito de ir e vir da cidade, impedindo o direito à liberdade, à cidadania.

Um ambiente com acessibilidade atende às necessidades dos indivíduos, tornando possível uma maior autonomia e independência. Entende-se autonomia como a capacidade de o indivíduo desfrutar espaços e equipamentos urbanos espontaneamente, segundo sua vontade, e independência, a capacidade de

⁸⁷ O termo acessibilidade, de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 9050/2004), refere-se à possibilidade e condições de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamentos urbanos, incluindo tanto acessibilidade física, quanto acessibilidade de comunicação. De uma forma mais ampla, pode-se definir acessibilidade como o direito de ir e vir de todas as pessoas, com autonomia e independência, direito básico garantido pela Constituição Federal Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988).

usufruir dos ambientes, sem precisar de ajuda (GUIMARÃES, 1999). No entanto, as cidades não estão preparadas para a mudança do perfil da população, e provavelmente, esse contingente de idosos ficará preso em suas residências, para não dizer enclausurado em seus quartos. Para evitar esse problema, é imprescindível estabelecer medidas de acessibilidade e mobilidade, garantir que as pessoas idosas possam desfrutar das praças, dos parques ecológicos, das áreas de lazer, dos equipamentos sociais, ou seja, usufruir com autonomia a cidade que auxiliaram a crescer e a se desenvolver.

Pereira (2002) elucida que a assistência social é regida por princípios e critérios identificados com a igualdade, a equidade e a justiça social, com a perspectiva de promoção da autonomia do cidadão. Trata-se de direito, gratuito e desmercantilizado e que deve contribuir para a ampliação da cidadania e acesso à população de bens e serviços, no caso a população idosa.

O relato do senhor José (26 jul. 2010) evidencia deficiência das políticas sociais restritivas que não consideram o envelhecimento da população, isto é, que um determinado grupo social deve ter acesso a todos os lugares e benefícios da cidade:

Eu não cobro [o direito à política] porque eu não preciso, graças a Deus. Eu não ando de ônibus, tenho minha casa de morar, tenho minha família. Eu não preciso de usá essas coisas que os idosos usarem, nós fizemos hidrogenástica lá na Organização das Voluntárias do Estado de Goiás (OVG) e eu gostei muito daquele lugar, achei muito bom. (...). Gostei, os velhos que não têm família que separou da sua família, eles estão dançando lá (...), mas eu admiro aquele trabalho ali da Organização das Voluntárias. Gosto muito, só que eu e Nice [esposa] fazia hidrogenástica lá, mas porque nós tínhamos as coisas [casa e renda] aí eles tiraram-nos de lá, eu achei que não deveria ter feito, né? Então eu só não aproveito mais porque eu não preciso. Deus me deu condições pra viver, tenho meus filhos que me dá muito amor, muito carinho, uma esposa maravilhosa também (...). Então, tenho meus irmãos até nós de vez enquanto nos encontramos, alegamos porque eles também são todos velhos.

Observa-se, nessa fala, que os dirigentes da Instituição Vila Vida, pertencente à OVG, ao não permitirem que o senhor José e sua esposa frequentassem o espaço para fazer hidroginástica estão desrespeitando a legislação brasileira, e, especialmente a Política Nacional e o Estatuto do Idoso, porque, dentre esses direitos sociais, está o direito à saúde e ao lazer. Fundamentalmente, a atenção integral é de responsabilidade do Estado, que promove investimentos em políticas preventivas, como campanha de vacinação, diabetes, hipertensão e outras ações:

Assegurada a atenção integral à saúde, por intermédio do SUS [Casas de Abrigo, Casas Lares, Centros de Convivência, dentre outros] garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo de ações e serviços, para prevenção, proteção e recuperação de saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos (BRASIL, 2003).

Estudos da Organização Pan-Americana da Saúde (2009) apontam que os cuidados de saúde necessários para a população de mais de 60 anos de idade são diferentes daqueles apresentados para os demais cidadãos, em razão da incapacidade e do processo degenerativo, que requerem investimentos consideráveis em recursos físicos, medicamentos, pessoal capacitado e procedimentos tecnológicos. Consideradas as limitações do sistema de serviços de saúde pública brasileiro, o rápido processo de envelhecimento aponta a necessidade de serem redefinidas as políticas deste setor, com o intuito de prevenir, ou pelo menos atenuar, o desamparo das gerações mais velhas.

O senhor José (26 jul. 2010) preocupa-se com saúde, moradia e, sobretudo, com a educação. Para ele, apesar do aumento da quantidade de faculdades, a qualidade do ensino ainda é precária:

Está faltando muito [efetivação das políticas sociais], porque muitas vezes fica no projeto, porque escrever no papel é fácil, mas construir é difícil. Às vezes vem um governo bom, mas eles agem pra um lado, por exemplo, às vezes, faz na cidade e não faz no interior, faz asfalto, sempre tem reclamação, vem gente pobre, vem gente rica. As classes sociais, o governo e os políticos precisavam olhar mais pra isso. É questão de saúde, moradia, outra coisa que me preocupa é o estudo [educação], principalmente faculdade. Estão abrindo faculdades⁸⁸ particulares de tudo quanto é maneira e não está sendo uma coisa (...), não é como antes (...). Eles liberaram as faculdades sem condição nenhuma. Vê quantas faculdades tem aqui. Você não precisa fazer vestibular, nem nada, ninguém precisa fazer vestibular. Se eu quiser entrar amanhã sem currículo sem nada, eu pego um diploma de segundo grau aí, e vou lá e entro pra faculdade. Então essa é uma falha muito grande, e o desnível é muito grande, mais isso é em todos os lugares, até eu admiro Goiânia por causa disso porque tem muitos governo que às vezes despreza, mas nós temos governo que faz até muita coisa.

Nesse sentido, para dona Pina (17 jul 2010),

está a desejar, a política social: saúde, melhores salários para os professores, do ensino.

A proteção social, conforme Esping-Andersen (1991), classifica-se em três modelos: o liberal, o corporativo e o social-democrata. No liberal, o Estado intervém *ex post*, quando os canais naturais de satisfação de necessidades (individuais, família, mercado, redes comunitárias) mostram-se insuficientes. Portanto, a intervenção é seletiva, focalizada em grupos, indivíduos vulneráveis, com a utilização de testes de meio de controle dos beneficiários.

No modelo corporativo, ou conservador-corporativista para Esping-Andersen (1991), a proteção social é discriminatória, determinada pela inserção profissional,

⁸⁸ De acordo com Censo da Educação Superior (BRASIL, 2008), o crescimento do número de vagas oferecidas em graduações presenciais entre 2007 e 2008, foi de 6%. As instituições particulares aumentaram em 5,9% o número de ofertas. Em 2008, 2.6 milhões de vagas foram oferecidas pelas instituições privadas. A maior incidência de matrículas em cursos superiores ocorre em cursos à distância, cujo crescimento, em relação a 2007, foi de 9,6%. Nos cursos presenciais, o número de matrículas cresceu 4,1%. Instituições privadas constituem 93,1% das Faculdades e 96% dos centros universitários. O número de vagas da rede privada é sete vezes maior do que o da rede pública.

com direitos e obrigações ligados ao *status*, ocupação ou produtividades. O modelo social-democrata baseia-se na universalidade (cidadania, com garantia de distribuição de bens e serviços extramercado a todos os cidadãos), com ampla cobertura de riscos e contingências.

O senhor Graciano (24 jul. 2010) defende a participação da sociedade na gerência e na contribuição da vida pública:

Eu acho que o Estado não tem condição de fazer mais do que faz (...). Eu entendo o seguinte: o Estado o que arrecada é 90% ou mais é pra pagar quem arrecada esse dinheiro, pra funcionário, pra isso, pra professor. Então, realmente quase não sobra pra atividade social, por outro lado, eu acho que a colaboração do povo podia ser um pouco melhor, né? As pessoas entendem assim, é do Estado, pode destruir, não precisa conservar porque é do Estado. Então, essa mentalidade de achar que não está dando prejuízo pra ninguém, quando na verdade isso acaba revertendo pra todo mundo, né? Mas eu acho que há muita distorção. Eles falam muita de corrupção, muitas coisas como tem mesmo, mas o Estado hoje faz é o pode fazer, e os problemas são muito. O Brasil cresceu rapidamente. Em 1970, a música da copa do mundo [dizia que] era Brasil 90 milhões, hoje são 200 milhões, então é um crescimento vertiginoso e o Estado não acompanha isso, não tem como. Em minha opinião se não houver controle de natalidade, isso vai ficando cada vez pior, porque se deixar as pessoas ter filhos à vontade, se ter filho pro Estado tomar conta não vai dar, aí chega uma hora que não há mesmo condição.

Bravo (2000) salienta que a saúde, na década de 1980, deixou de ser interesse apenas dos técnicos e caracterizada pela predominância da participação da previdência social, por meio de ações curativas, comandadas pelo setor privado, para assumir uma dimensão política, estando estreitamente vinculada à democracia. Segundo a autora, o Sistema Único de Saúde (SUS) foi definido pela Constituição de 1988, porém somente foi regulamentado em 19 de setembro de 1990, por meio da Lei nº 8.080. Esta lei dispõe sobre as condições para promoção, proteção e recuperação da saúde, a forma de organização e o funcionamento dos serviços. O SUS é concebido como o conjunto de ações e serviços de saúde prestados por

órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo poder público. Com base nessa lei, a iniciativa privada pode participar do SUS em caráter complementar.

No entanto, a proposta de política de saúde construída na década de 1980 tem sido desconstruída a partir dos anos 1990. Bravo (2000) ressalta que a saúde fica vinculada ao mercado, enfatizando parcerias com a sociedade civil, responsabilizando-a para assumir os custos da crise. A refilantropização é uma de suas manifestações, com a utilização de agentes comunitários e cuidadores para realizarem atividades profissionais, com o objetivo de redução de custos. Além disso, destacam-se a ênfase à focalização, à precarização, à terceirização dos recursos humanos, os desfinanciamentos e à falta de vontade política para viabilizar a concepção democrática de seguridade social.

A narrativa do senhor Badan (10 jul. 2010) demonstra a necessidade de políticas públicas de qualidade na saúde, assistência social e previdência social:

No nível federal, ou a gente está nessa idade que a gente está (...), mas como trabalhador, eu contribuí com a previdência, então, como membro dessa sociedade que já deu o que tinha que dar, já trabalhou. E que tem o privilegio de continuar vivo então, eu acho que a nação deveria olhar mais para o aposentado, deveria premiar quem deu muito do seu salário, não vou dizer nem da sua vida, do seu salário pro estado, pra nação. Então, poderia trazer de volta um pouquinho mais, uma miséria o que estamos recebendo, isso em relação ao federal. O estadual, ele poderia olhar um pouco mais pra educação, dar uma assistência melhor na formação educacional, combater a violência, a saúde, então, olharem mais isso, porque a assistência social. Graças a Deus, eu não dependi de ser internado em um instituto qualquer, não recebo aposentadoria de Estado, se eu a recebesse eu iria reclamar também dessa mesma aposentadoria que eu estou reclamando, [a] federal. O municipal também é a mesma coisa, poderia melhorar um pouco mais a saúde, apesar de que, o estado e o município têm seus pontos de assistência, mas o estadual, por exemplo, na saúde faz certa diferença, a Secretaria da Saúde determina uma coisa e os membros do SUS agem de outra forma. A causa que eu estou reclamando é porque nessa vacinação do H1N1, porque o posto lá de frente o campo do Goiás tinha um sistema completamente [diferente] dos outros postos de saúde? Lá quem estava tomando conta daquele

posto se achava no direito de exigir da maneira que bem entendesse evitar a vacinação dos idosos que tinham doenças crônicas, não vacinaram no período que tinham que ser vacinados. Obrigando a ter que ir a outro posto de saúde pra conseguir a vacina que eles me negaram lá. E não foi uma vez só não, foram três vezes que eles negaram. Por que não falam a mesma língua em todos eles? E o abandono de certos posto de saúde? Então nessa área social, são as áreas que eu vejo, o transporte também poderia melhorar um pouco, mas, mais é na saúde, na segurança e na educação.

2.4 Como os entrevistados lidam com a tecnologia

O avanço das novas tecnologias, ao mesmo tempo que promove melhorias para a população, traz à tona uma nova forma de exclusão: a digital, que atinge todos aqueles que não têm acesso aos equipamentos e/ou aos conhecimentos técnicos para o funcionamento de computadores, centrais eletrônicas, caixas de bancos, celulares, controles remotos, fornos microondas e demais máquinas. Um dos segmentos mais atingidos pela exclusão digital é o dos idosos⁸⁹. Segundo Bobbio (1997, p. 139), “o progresso técnico, em especial o científico e o tecnológico, é tão vertiginoso e, mais ainda, irreversível, que o velho, não dispondo mais de elasticidade mental para acompanhá-lo, corre o risco de ficar para trás”.

⁸⁹ Em termos de idade, são os jovens entre 15 e 24 anos que mais utilizam a *Internet*, especialmente aqueles das escolas privadas. Embora o acesso à *Internet* tenha crescido mais de 100 % no Brasil, entre os anos de 2000 e 2005, o país ainda possui uma baixa parcela da população que usufrui dos benefícios dos recursos da *Web*. Nesse sentido, é necessário que se formulem políticas públicas capazes de acelerar o processo de inclusão digital, visando avançar rumo a uma plena cidadania em todos os seus aspectos e para todos os brasileiros. A pesquisa *Perfil dos municípios brasileiros em 2006*, realizado pelo IBGE (2006), revela que 52,9% dos municípios informaram possuir planos ou políticas de inclusão digital, como a criação de telecentros e, que, além do acesso à *Internet*, ofereciam cursos de informática. Na Região Centro-Oeste, todos os municípios afirmaram que possuíam computadores, 99,6% deles próprios, 3,0% cedidos, 0,6% alugados e 0,2% por meio de *leasing*. Já o número dos que contavam com rede era menor: em 82,4% ela existia ligando setores da administração direta; 26,6% dos computadores a possuíam por meio da *Intranet*, e em 96,8% elas funcionavam por meio da *Internet*. Em todos os municípios com mais de 500 mil habitantes, havia computadores em rede com acesso à *Internet*, e 88,9% tinham *Intranet* (IBGE, 2006).

Os idosos, em suas narrativas, revelam suas dificuldades em lidar com os avanços tecnológicos, como celular, computador e caixa eletrônico instalado nos bancos:

Eu não sei mexer com celular, mas eu acho que veio pra melhorar. Não tenho acesso nem a celular, nem computador, só televisão (PINA, 17 jul. 2010).

Do banco eu uso tudo, agora celular, acho mais difícil, mas lido bem. Tenho computador, mais eu não consigo, mexo, pelejo, aprendo alguma coisa e escrevo. Na *internet*, ainda não dou conta não (JOSÉ, 26 jul. 2010).

Não, não tem nada disso e nem quero, eu gosto só mesmo e de fazer tricô e rezar e isso que eu faço o dia inteiro (MARIAZINHA, 26 jul. 2010).

Sou totalmente ignorante, não quis aprender. Meus filhos tudo estão bem equipados com essas coisas, e eu nunca me interessei por isso, mesmo porque eu vi que não ia aprender mais. Eu tenho dificuldade pra essas coisinhas miúda assim, trabalhar com um alicate, essas coisas assim, eu não sei fazer. Então aquilo lá depende de ter um bom conhecimento, porque se não tiver também não adianta. Mas eu não uso *Internet*, não tenho celular, por causa do meu problema, a gente escuta pouco, tem dificuldade (GRACIANO, 24 jul. 2010).

Os mais jovens podem ensinar os mais velhos a lidarem com as novas tecnologias. Por terem maior facilidade com a informática, estão aptos a ensiná-los como usar o computador, navegar na *Internet*, usar aparelhos eletrônicos, celular, dentre outros, como informam os entrevistados:

Não tenho celular e não gosto de celular. Banco, eu que resolvo, todo mundo até fica bobo de vê, assim na minha idade eu saber direitinha a minha senha. A minha [senha] eu sei direitinho. Mas eu não tenho celular tentei, mas eu não gosto, eu odeio está no lugar e o celular tocando (...). Eu não tenho acesso, nunca mexi com computador. Às vezes eu estou lá na casa da minha filha e a minha neta fica lá assim: “Vem cá vó, pra senhora vê”. Eu [em resposta]: “Ah! Não me amola com computador não sei mexer com isso mesmo e não quero nem conhecer não” (NEGA, 31 jul. 2010).

Tenho celular, o banco, por exemplo, a Eliza [filha] que toma conta, nós temos conta conjunta. Tudo que eu preciso ela faz (NINA, 19 jul. 2010).

Olha, quando eu trabalhava, no início que eu trabalhei com caneta de pena, manual, depois entrou a informática e aí a gente preparava o material todinho e mandavam pra empresa, eles processavam no sistema e mandavam pra gente. Eu só vim ter o primeiro contato com computador por volta de 1981, mais ou menos. Aí eu comecei a digitar os documentos e começar a fazer contabilidades, posteriormente a contabilidade dentro da própria empresa. E também eu comecei a ter contato mais com sistemas de programas já implantados, então, eu não tinha contato nessa época com *Internet*, porque a *Internet* veio bem depois. Quando foi por volta de 1999, 2000, foi onde a gente começou a ter um pouquinho de contato com a *Internet*, mas logo em seguida, em 2002 eu aposentei. Então, eu aposentei e abandonei todo e qualquer contato, a não ser com o próprio computador mesmo, mas em casa, temos a *Internet*, tem tudo, mas eu não me envolvi muito com *Internet* não. Lido, hoje eu faço, tanto é que, esse livro que eu estou escrevendo da família, eu fiz pesquisa em cima da *Internet* e fui pesquisar onde eu queria. Então, caixas eletrônicas essa coisa quando trabalhava eu acessava, mas no momento em que eu me aposentei, eu fiquei preguiçoso e deixei isso tudo por conta da minha mulher. Hoje quem acessa banco, *cartão [de crédito]*, essas coisas, tudo é ela, apesar de que ela é mais nova do que eu um ano, é ela que acessa, ela tem mais contato com *Internet*, com banco, essas coisas do que eu (BADAN, 10 jul. 2010).

Essas narrativas demonstram o quanto é recente a introdução das inovações tecnológicas midiáticas na vida das pessoas. Antunes (1999) explicita que, com o avanço tecnológico a classe trabalhadora não produz a sua necessidade, mas, por outro lado, o avanço tecnológico provoca crescimento da capacidade humana voltada para a lógica do capital, que sacrifica o indivíduo com exclusão social e econômica, desemprego estrutural, extinção de algumas profissões, dentre outros. A razão é que as tecnologias estão mais acessíveis aos países ricos e às pessoas que dispõem de melhor renda.

2.5 Compartilhando suas experiências, lembranças e recordações

A capacidade de manter o passado vívido, sobretudo na presença de um ouvinte solidário, pode ser um dos mecanismos que as pessoas de mais idade

encontram para manter sua integridade (BOSI, 1994). Beauvoir (1990), ao tratar da relação entre jovens e velhos, pontua que há uma relação de companheirismo diante da incompreensão dos adultos e da sensação de vivência. Mas tais relações são difíceis de serem observadas porque os ambientes sociais em que vivem são distantes. Mesmo assim alguns idosos compartilham suas experiências:

De vez enquanto eu dou conselho pros meus sobrinhos. (...), quando eu vejo uma coisa errada eu falo porque que tá errado, eu compartilho na medida do possível, porque a gente também não pode ser entrona demais (PINA, 17 jul 2010).

Constantemente, porque eu prego pra jovem na igreja, eu tive uma convivência muito grande com muitas pessoas (...). Eu continuo e quando eu posso conversar com alguém eu passo experiência inclusive na igreja (...) (JOSÉ, 26 jul. 2010).

Para Bosi (1994), a contribuição dos mais velhos remete à construção da história por meio das memórias revividas pelos mais velhos. Contudo, a contribuição dos idosos não ao aprendizado dos jovens se restringe à mera transmissão de memórias. O contato com os avós, por exemplo, pode proporcionar ao neto alguns ensinamentos cotidianos:

Eu tenho uma bisneta que é muito tímida, gorda demais. Ela, às vezes vem, aqui pra casa e passa o tempo deitada, assistindo televisão. Aí eu gosto muito de conversar com ela sobre isso. Falo pra que ela tem que mudar e conto a minha vida de quando era menina do jeito que era, mas ela gosta só de computador o dia inteiro no computador. Aí, eu falo pra ela: “Pois é, no meu tempo que não tinha computador era muito melhor que a gente tinha amizade e brincava e vocês não brincam mais, não têm amizade com outras meninas”. Então eu gosto muito de conversar com ela sobre isso, porque eu acho muito bonito. Agora, eu tenho a outra que tem doze anos (...), uma moçona assim da sua altura, muito bonita, mas é menina ainda, essa. Eu gosto de conversar com ela, ela gosta de boneca, adora brincar de boneca ainda, aí eu acho muito bonito o jeitinho assim dela porque ela ainda não cresceu, está infantil, não perdeu a infância. E é vaidosa, muito vaidosa gosta de roupa da moda, mas

dando uma boneca pra ela não precisa de mais nada, ela adora boneca. Hoje [as meninas] com cinco, seis anos de idade não quer boneca mais, e ela, não. Eu gosto de conversar com as crianças para dar um pouco de experiências pra elas (NEGA 31 jul. 2010).

Para Halbwachs (2006), os avós e os pais representam duas épocas distintas. Os avós estão mais engajadas no presente, suas principais preocupações voltam-se para entreterem espontaneamente as crianças, em tudo que os pais consideram não ser permitido para suas idade. Eles também falam com as crianças como se elas fossem adultos, discutindo assuntos que os pais reservam ao silêncio, assim como também lhes ensina os costumes e tradições. Os pais, por outro lado, estão engajados no passado e preparam as crianças para o futuro. Conforme a idade e também as circunstâncias, causam admiração, sobretudo, as diferenças e/ou as semelhanças entre as gerações que ora se afastam umas das outras, ora se juntam e se confundem.

2.6 Significado da experiência de lembrar e recordar o passado

Os entrevistados manifestaram alegria e felizes pela oportunidade de recordar o passado, mas, sobretudo, por poderem expressarem-se:

Gostosa a nossa conversa, estou lembrando coisas que eu já tinha esquecido e estou achando o papo muito gostoso (PINA, 17 jul. 2010).

É uma alegria muito grande que você proporcionou a mim é algo que comove meu coração [ficou emocionado, com lágrimas nos olhos]. Foi algo assim tremendo, me levou, distanciou [do] agora até o começo da minha vida que eu nunca pensava nem de lembrar, muitas coisas nesse intervalo a gente não tem mais aquela memória (...), hoje é diferente. Mais eu vou te falar uma coisa, você me proporcionou muita alegria, primeiro (...), é muito bom a gente ser alegre e

ter a alegria de viver sem preocupação (...), o melhor é fazer o bem a todos sem nada exigir (JOSÉ, 26 jul. 2010).

Nossa eu gostei muito, amei! Foi muito bom, muitas coisas eu não lembrei direito, pelo menos muita coisa veio na cabeça ainda (NEGA, 31 jul. 2010).

Para o senhor Badan (10 jul. 2010), a entrevista foi ocasião de mostrar seus projetos de construção de miniaturas, livros da família e álbum de fotografias de Goiânia:

Isso daqui é de um coqueiro que tem lá em casa. Eu faço muita coisa, faço ponte, têm umas casas, igrejas de bambu. Isso tudo é bambu, então fui desenvolvendo, isso aqui é daquelas madeiras de caixa de uva (...). Tem uns dois anos, porque eu sempre gostei de mexer com uma coisa e outra. Então peguei uma folha de papel, peguei um bambu mais ou menos dessa grossura, coloquei ela no meio, preguei de um lado e de outro e tentei fazer de outras formas, então, fui fazendo com bambus mais finos, fazendo esse tipo. Tem vários tipos de casinhas, o telhado, lá dentro [mostra os detalhes]. Tudo amarrado e são vários tipo de casa, tem uma igreja grande. É assim, esse aqui é o meu divertimento hoje, desenvolvo outras coisinhas. Esse bambu, por exemplo, eu vou buscar lá na *Aldeia do Vale*, onde meu menino mora, então, às vezes, eu trago um feixe muito grande de bambu, eu preparo eles, vou trabalhando e vou fazendo [está escrevendo um livro] a história da minha família. E além dessa, eu fiz o álbum [são três de fotografias da família e da cidade de Goiânia desde 1944], que ainda está faltando mais alguma coisa.

CONSIDERAÇÕES

Goiânia tem 77 anos de idade. É uma cidade moderna⁹⁰, localizada no coração do Brasil. Foi projetada na década de 1930 para pouco mais de 50 mil habitantes, e inaugurada em 1933. Na primeira década do século XXI, essa capital acomoda mais de 1.300 mil habitantes, casas, vilas, prédios residenciais e comerciais, conjuntos habitacionais, condomínios verticais e horizontais, *shopping centers*, parques ecológicos, dentre outros. A cidade apresenta também segregação urbana, desigualdades sociais e econômicas.

Para Bosi (1994, p. 418), “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história”. Os senhores Badan, José e Graciano e as senhoras Mariazinha, Nega, Nina e Pina, pertencem à geração⁹¹ que participou do início da construção de Goiânia, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, vivenciando o crescimento da capital. Portanto, eles têm em suas memórias e em suas recordações o processo histórico da construção dessa cidade. Mas, como pontua Halbwachs (2006), a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, ou seja, o ponto de vista muda conforme o lugar que cada um ocupa, e, também, segundo as relações que mantém com outros meios. O autor acrescenta que há tantas maneiras de representar o espaço quantos sejam os grupos.

⁹⁰ Lefebvre (1991) define cidade moderna como um conjunto problemático, caracterizado pela urbanidade-ruralidade, pela centralidade, pelo antigo, pelo renovado e pelo novo. Assim, a paisagem urbana é fruto desse processo dialético que envolve valor de troca, conflitos entre as classes sociais, entre o campo e a cidade, entre as etnias e grupos étnicos, dentre outros fatores. Para o autor, a cidade é produto de uma mediação entre uma *ordem próxima*, ou seja, as relações sociais entre indivíduos, e uma *ordem distante*, isto é, relações regidas por instituições, a qual, apesar de possuir maior poder de se impor sobre a ordem próxima, só irá se consolidar com base nela.

⁹¹ O conceito de geração, para Debert (1994), só faz sentido em oposição ao tempo padronizado. A idéia de geração implica um conjunto de mudanças que impõe singularidades de costumes e comportamentos a determinadas gerações. A geração não se refere às pessoas que compartilham a idade, mas que vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras.

Os sujeitos participantes desta dissertação são septuagenários e octogenários, provenientes dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e do interior goiano, sozinhos e/ou acompanhando seus familiares, em busca de trabalho, de melhores condições de vida, de bens e serviços que as cidades em construção ou de maior porte oferecem.

Dessa forma, este trabalho não trata somente da visão desses idosos sobre a estrutura arquitetônica existente na cidade. Em outras palavras, não houve a intenção de solicitar que descrevessem como eram as ruas, as praças, os prédios e os monumentos que envolvem a cidade, mas a representação social que essas pessoas têm da cidade, isto é, as relações sociais que se desenvolveram nesse espaço geográfico e os acontecimentos históricos e políticos que estão presentes em suas memórias, procurando também retratar as dificuldades enfrentadas por essas pessoas. Segundo Bosi (1994, p. 420), “a memória pode percorrer um longo caminho de volta, remando contra a corrente do tempo”.

Assim, ao entrevistar essas pessoas percorreu-se com elas um longo percurso de volta ao passado, isto é, ao período em que eram crianças, adolescentes, jovens, adultos, recordando, lembrando e revivendo os sonhos há muito não lembrados e/ou já esquecidos.

Nesse percurso, deparou com sujeitos sociais de 72 a 86 anos de idade, que vivenciaram avanços e transformações tecnológicos ocorridos no século XX.

Constatou-se neste trabalho que os homens idosos⁹² entrevistados estão casados

⁹² No dia 8 de setembro de 2010, IBGE divulgou resultados da Pesquisa Nacional por Amostra Domicílio (Pnad), realizado em 2009, que demonstram que o crescimento no número de idosos é o triplo do da população como um todo, ou seja, a população de 60 anos ou mais, o crescimento foi de 697 mil pessoas entre 2008 e 2009, o que representou um aumento de 3,3%, e uma elevação de apenas 1% no total da população residente do país. Em 2009, 11,3% dos brasileiros tinham 60 anos ou mais de idade, 11,1%, em 2008 e 9,7%, em 2004. A Região Norte seguiu com as maiores concentrações nos grupos etários mais jovens, sobretudo de pessoas de 5 a 14 anos de idade, 21,4%, em 2009. Já as regiões Sul e Sudeste apresentaram os maiores percentuais na faixa de 40 a 59 anos (25,6% e 26,2%) e na faixa de 60 anos ou mais (12,7% e 12,3%). O número de pessoas com mais de 80 anos triplicará, saltando de 1,3 milhões atualmente, para 4,5 milhões em 2020 (IBGE, 2010). Os entrevistados nesta pesquisa, o senhor Badan, com 72 anos, Graciano, 85 anos e, José, 81 anos.

e vivem com suas esposas. Entre as idosas⁹³, prevalecem as viúvas que vivem sozinhas e/ou com cuidadores e/ou filha.

Segundo pesquisa da Pesquisa Nacional por Amostra Domicílio - Pnad (IBGE, 2007) as mulheres são a maioria entre a população idosa, ou seja, ocorre o fenômeno conhecido como a feminização⁹⁴ da velhice ou da população idosa. Dados estatísticos do IBGE⁹⁵ (2007) apontados no segundo capítulo demonstram que a população idosa cresceu consideravelmente nos últimos anos, e deve aumentar nas próximas décadas. Assim, como ocorre no Japão, na França, no Brasil dentre outros países, as mulheres representam 2/3 da população acima dos 60 anos.

Os pesquisadores analisam que o crescimento da expectativa de vida foi possível mediante avanços nas áreas da medicina, melhoria na alimentação, e, ainda, em decorrência de campanhas educacionais sobre hábitos de vida saudáveis e preventivas, aprovação de leis, como o Estatuto do idoso de 2003.

Ao trabalhar com os relatos das senhoras Mariazinha, Nina, Nega e Pina, observa-se a compreensão do papel social destinado às mulheres brasileiras até a década de 1940 e 1950, isto é, as mulheres eram desestimuladas a estudar, e, se fosse o caso, a não prosseguirem seus estudos em cursos superiores. Todavia,

⁹³ Prevê-se que em 2025, a mulher brasileira viverá em média 89,6 anos (Pnad, 2007). Dona Mariazinha, viúva, com 84 anos de idade, dona Nega, viúva, 82 anos, dona Nina, viúva, 86 anos e, dona Pina, solteira, 84 anos, confirmam dados da pesquisa. As mulheres, geralmente, têm uma expectativa de vida maior, em decorrência de exercerem funções menos pesadas que as dos homens, embora esse quadro esteja mudando, pois elas vêm assumindo cargos que antes eram apenas delegados aos homens.

⁹⁴ A expressão *feminização da velhice* é usada para caracterizar a existência de um número maior de mulheres idosas, em comparação a homens idosos. Deve-se a diversos fatores, como a proteção contra doenças cardiovasculares conferida pelos hormônios femininos (o estrógeno), a menor exposição das mulheres a acidentes de trabalho, e de trânsito, a homicídios dentre outros. Elas consomem menos bebida alcoólica e tabaco e em consequência, tem menor possibilidade de adquirir doenças cardiovasculares e câncer. Segundo Veras (1987), também é fator importante a preocupação das mulheres com a assistência à saúde, demonstrando maior cuidado de prevenção na vida adulta.

⁹⁵ O IBGE realizou um censo em 2010, contudo os dados serão divulgado a partir de 2011, dessa forma as informações quantitativas sobre a realidade brasileira e goiana são de 2007 e 2009, em sua maioria.

as que chegavam ao ensino médio, em sua maioria, faziam o curso normal e as que necessitavam de trabalho, tinham permissão da família para realizar o curso comercial. Essa condição demonstra a subordinação das mulheres aos valores patriarcais da época, que atingia tanto a vida das mulheres da classe dominante, quanto a vida das mulheres da classe trabalhadora (ÁVILA, 2006).

As entrevistadas ilustraram, com a sua memória de idosos, as condições de trabalho e as lutas pela sobrevivência da classe trabalhadora, bem como a lentidão do poder constituído em assegurar os direitos trabalhistas para essa classe e a demora maior para as trabalhadoras. Em outras palavras, às mulheres trabalhadoras eram reservadas algumas funções e/ou postos de trabalho, assim como papéis e obrigações sociais, presentes tanto no mundo privado quanto no mundo público.

No âmbito privado, as mulheres exerciam os papéis de mãe, esposa e dona de casa e no âmbito público, enfrentavam desafios para serem reconhecidas como sujeitos com direitos trabalhistas. Nas décadas de 1930 a 1950, o Estado não tinha a obrigação de garantir creche para seus filhos. Por essa razão, dona Nega, ao ficar viúva, contava somente com o apoio de outras mulheres de sua família para cuidar de seus filhos e poder trabalhar para completar a aposentadoria do marido falecido.

Uma situação vivida pela classe trabalhadora brasileira é a de que, para compensar a queda de renda, o brasileiro é obrigado a fazer *hora extra* e optar por uma jornada dupla ou tripla de trabalho. Como consequência, aparece o adoecimento provocado pela busca incessante de se garantir o atendimento das necessidades básicas. Nesse sentido, o senhor Badan desdobrava-se entre Goiânia e Brasília para assegurar a criação de seus filhos com vistas a um futuro melhor.

Acontecimentos histórico-sociais, político-econômicos, culturais e paisagens geográficas estão presentes nas memórias dos idosos. São eles: o batismo cultural de Goiânia em 1942, a inauguração da capital federal do Brasil, Brasília, na década de 1960, o golpe militar de 1964, a cassação de Mauro Borges, a censura, a perseguição política, a repressão, o acidente radioativo com o *Césio 137*, ocorrido em setembro de 1987, dentre outros, constituindo fontes de releituras e reinterpretações da história e da memória, como assinala Le Goff (2003).

Ao lembrar a sua juventude, os senhores Badan, Graciano, e as senhoras Nina, Pina e Nega recuperaram os locais de encontros e relações sociais de lazer dos goianienses naquela época, isto é, os cinemas, como o Cine Teatro Goiânia, atual Teatro Goiânia, e o Cine Campinas. Seus relatos apontaram um outro modo de lazer que as pessoas⁹⁶ desfrutavam nos finais de semana, o *footing*⁹⁷.

Nessas memórias, também há histórias dos monumentos da capital e o significado deles na vida dos cidadãos⁹⁸, tais como a Praça Cívica, a Praça do Bandeirante, a Praça Joaquim Lúcio, o Lago das Rosas, o Palácio das Esmeraldas. Eles apresentam ainda caracterização dos bairros que se tornaram nobres, mas que, em suas lembranças, à época, eram matagais com animais pastando e bebendo água da nascente próximas às construções. Contudo, as narrativas apresentam

⁹⁶ Os modos de diversões e lazer modificaram-se e, atualmente, a sociedade goianiense tem variedade de opções em espaços de cultura, diversão e lazer, como salas de cinemas localizados em *shoppings centers*, boates, bares, casas de *shows*, teatros, restaurantes, as feiras de artesanatos, dentre outros.

⁹⁷ As mulheres andavam de um lado da rua na calçada e do lado oposto, os homens. Era uma forma de eles se conhecerem, de manifestarem interesse recíproco. Dessa práticas, nasceram namoros, noivados, alguns deles interrompidos por acidentes aéreos, casamentos.

⁹⁸ Na atualidade, os goianienses têm pouca opção de lazer em praças públicas. Muitas foram cortadas por vias expressas, impedindo as pessoas de desfrutar do espaço físico existente próximo de suas casas. Restam como opções os parques públicos, mas, para isso, há necessidade de transporte, público ou privativo.

os problemas urbanos que ainda são atuais, como distância do local de moradia, transporte inadequado e insuficiente, falta de postos de trabalho, crescimento intenso, violência, migrações, dentre outros.

Os septuagenários e octogenários entrevistados também demonstraram preocupações com os problemas contemporâneos e preocupados com a qualidade das políticas públicas oferecidas pelos governos municipais, estadual e federal, com ênfase à seguridade social, isto é, à saúde, à assistência social e à previdência social. Percebe-se que eles estão informados sobre seus direitos, buscam informações, se articulam, têm conhecimento do Estatuto do Idoso. No entanto, nem sempre reivindicam os instrumentos legais em prol de seus interesses. O senhor José e sua esposa, por exemplo, não reclamaram ao serem impedidos pela coordenação do centro de convivência que frequentavam de fazer hidroginástica, por ela considerar que eles dispunham de condições financeiras melhores, por pertencerem à classe média.

Os entrevistados ainda recuperaram alguns problemas sociais/culturais em relação à velhice que estão presentes tanto no Brasil, quanto em Goiânia⁹⁹, discriminação, preconceito, desvalorização advinda de aposentadorias e baixas pensões, depressão, abandono familiar, difícil acesso às políticas sociais e/ou precariedade delas, más condições de vida em virtude de pobreza que acompanha as pessoas em todos os ciclos da vida.

⁹⁹ A Prefeitura Municipal de Goiânia tem espaços de atendimento e apoio à pessoa idosa. O Centro de Apoio ao Idoso de Goiânia oferece serviços de geriatria, acompanhamento médico, psicológico, farmacêutico, encontros sociais, atividades físicas, apoio jurídico, dentre outros. Esses serviços do município ocorrem por meio de parcerias com vários órgãos e instituições como Secretaria Municipal de Governo (Semas), Universidade Aberta à Terceira Idade, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Serviço Social da Indústria (Sesi), Serviço Social do Comércio (Sesc), Associação dos Idosos do Brasil (AIB), grupos de encontro de orientação religiosa, pastorais de idosos, lares para idosos, abrigos, dentre outros. Os grupos da terceira idade, são oferecidas palestras educativas, terapias ocupacionais, coral, grupos de dança, música e teatro, oficinas de trabalhos manuais, passeios culturais, excursões, baile. Nos centro de convivência, os idosos podem realizar hidroginástica e ginástica.

A aposentadoria e a pensão são as principais fontes de renda apontadas pelos idosos responsáveis por domicílio. Berzins (2003) pontua que a renda dos idosos brasileiros está abaixo do que lhes seria direito, e, mesmo assim, eles ainda contribuem para o crescimento da economia nacional¹⁰⁰. Essa situação demonstra o quadro de desigualdades sociais presente no país e o quanto são urgentes políticas públicas de redistribuição de renda. Nas entrevistas, os senhores Badan, Graciano e José relataram que se aposentaram depois que adquiriram imóveis para alugar, a fim melhorar a renda, já dona Pina disse que necessita da ajuda do irmão para cobrir as despesas do mês. Os idosos assim se expressam:

Eu aposentei pelo seguinte: eu usei minha vida profissional muito além dos direitos de aposentadoria. Eu trabalhei mais dez anos além do necessário, justamente pra poder melhorar a minha renda com a aposentadoria que era insuficiente, foi onde eu tive que trabalhar mais pra adquirir uma outra propriedade pra poder fazer face a esse dinheiro (BADAN, 10, jul. 2010).

Trabalhei (...) eu me aposentei com uma aposentadoria relativamente boa, então dá pra viver tranquilamente. Hoje esse é que é o grande problema, tava lendo até no jornal, que eles estavam querendo tirar pensão, não pagar pensão mais! (GRACIANO, 24 jul. 2010).

Trabalhei e ganhei algumas coisas, não preciso trabalhar (...), tenho algumas aposentadorias pequenas, mas eu tenho aluguéis das minhas casas (JOSÉ, 26 JUL. 2010).

O salário [a aposentadoria] é pouquinho, aqui eu faço uma ginástica danada pra poder (...). O Carlos [o irmão] é que me ajuda muito, tem mês que meu dinheiro aqui não dá, então, meu socorro aqui é ele (PINA, 17, jul. 2010).

¹⁰⁰ Os aposentados auxiliam seus familiares em pagamentos das despesas com alimentação, água, luz, dentre outros. Segundo pesquisa do IBGE (2007), os idosos contribuem no orçamento da maior parte das famílias brasileiras. Em 53% dos domicílios do país a contribuição dos idosos, com 60 anos ou mais, representa mais da metade do total da renda domiciliar. No Nordeste, 63,5% dos domicílios os idosos representam mais da metade da renda. Esse percentual era de 59,8% em 1997. No Sudeste, em apenas 46,9% dos domicílios a renda dos idosos representa mais da metade da renda familiar, contra 40,2% em 1997. No Centro-Oeste, o percentual de lares em que a renda do idoso representa mais da metade da renda familiar pulou de 43,2% em 1997 para 47,5% no ano passado. No Sul, o avanço deste indicador foi de 44,5% em 1997 para 52,2% no ano passado, enquanto no Norte os idosos respondiam por mais da metade da renda em 52,3% no ano passado, contra 45,4% em 1997. Na área rural, o nível de contribuição da no orçamento familiar é ainda mais relevante. Em 67,3% dos domicílios da área rural, os idosos tinham participação superior a 50% da renda no ano passado.

Na composição demográfica da população brasileira, a participação ascendente da população idosa demanda desafios para o Estado, governantes, sociedade e a família, pois eles são responsáveis em garantir proteção social pública à pessoa idosa. Portanto, é fundamental que as políticas públicas sejam de qualidade e de excelência, precisam estar articuladas a uma diversidade de serviços, desde o atendimento em domicílio, aos centros de convivência, *centros dia*, *hospitais dia*, hospitais, instituições de longa permanência.

A política de acessibilidade precisa ser implementada nas cidades, nas ruas, calçadas, nos edifícios, de forma a possibilitar a inclusão das pessoas no espaço geográfico da cidade, evitando o isolamento social. Além disso, os programas de assistência social devem garantir aos idosos a moradia, com condições de acessibilidade e locomoção, e, dessa forma, solucionar as barreiras arquitetônicas e urbanas, para possibilitar ao idoso a participação em eventos culturais, de lazer, que auxiliam o bem-estar emocional que, por sua vez contribui para a saúde física e mental dessas pessoas.

Também, deve-se possibilitar que a pessoa idosa exercite e ative suas lembranças, recordações do tempo vivido, para transmitir suas experiências de vida e habilidades aos mais jovens, como forma de preservar e fazer continuar a identidade cultural

Nesse sentido, ressalta-se que os direitos dos idosos transcendem os limites dos municípios, das unidades federativas, ou seja, eles são de responsabilidade da sociedade brasileira. Assim, a Constituição Federativa de 1988 busca promover a democracia e os direitos sociais, e, embora a Política Nacional do Idoso (PNI) e o Estatuto do Idoso tenham levado doze anos para serem assegurados na legislação, ainda carecem de garantia de autonomia, integração e participação dos idosos na sociedade como instrumento de cidadania.

Percebe-se que Goiânia oferece poucos projetos e espaços de cultura e lazer para a pessoa idosa, e não dispõe de espaços para eles transmitirem seus conhecimentos, suas experiências aos mais jovens e a outros idosos. Os espaços de convivência existentes têm como características serem locais de danças, artesanatos, hidroginástica, mas não espaços de história-memória, a exemplo, do Memorial da Cerrado da PUC Goiás, que contém as características dos que construíram e vivenciaram os espaços. P. Thompson (2002) apresenta como exemplo de trabalho educativo o teatro de reminiscência, baseado em lembranças de pessoas idosas. Percebe-se, porém, que a capital do estado de Goiás não reverencia os que contribuíram para o sonho de sua construção.

E por último, a sociedade moderna tirou-lhes seu principal papel social, o de serem os transmissores do conhecimento e da cultura. Por isso, é importante que haja espaço para transmitirem suas experiências, lembranças e recordações entre os idosos e os não idosos, ou seja, sua herança cultural, seus valores culturais. Para Bosi (1994), a contribuição dos mais velhos remete à construção da história por meio das memórias revividas pelos mais velhos. Contudo, a contribuição para o aprendizado vindo dos idosos não se restringe à mera transmissão de memórias.

Em outros termos, nem o estado, nem o município e nem a sociedade goianiense constituiu espaços de reconhecimento a essas pessoas, nem assegurou lugares para eles transmitirem seus conhecimentos, suas experiências vividas aos mais jovens e a outros idosos. Assim, Goiânia não é resultado da idéia e do desejo e dos anseios dos sujeitos sociais enquanto expressão do sonho político dos que a construíram.

Segundo Bacelar (2002), até no momento de lazer o idoso deve sentir-se útil. Assim, necessita de projetos apoiados pelo Estado, pois não basta ocupá-los com tarefas ou ações sem objetivos, como se faz geralmente nos centros de

convivências. O idoso, ao encarar a velhice como uma etapa da vida, assim como foram a infância, a adolescência e a fase adulta, deve quebrar o mito do declínio fisiológico e neurológico, conscientizar-se de seus direitos, reconquistar seu espaço e exercer sua cidadania, como o foi relatado pelo senhor Badan.

Este trabalho, ao permitir e/ou mesmo garantir vozes aos idosos entrevistados, procura oportunizar a explicitação de suas versões sobre a história da construção da capital do estado de Goiás e, portanto, possibilitar que seus familiares e a sociedade goianiense conheçam as trajetórias, os desafios enfrentados por essa geração, suas conquistas, suas experiências, seus sonhos, memórias e condições sociais.

Assim, pode-se reconstruir, por meio da memória de idosos, acontecimentos histórico-sociais, político-econômicos, culturais e paisagens geográficas, além de esses sujeitos revelarem, em suas falas, um modo de viver, valores e costumes próprios da sociedade goianiense. E também, os idosos são capazes de apontar os problemas da expansão urbana, da especulação imobiliária, das dificuldades dos trabalhadores viverem em condições adequadas.

Beauvoir (1990) assinala que o homem, ao envelhecer, deve encontrar amparo na sociedade, que deve tratá-lo como sujeito social, ou seja, como sujeito de direitos. Finalizando retoma-se o proposto nos estudos de Bosi (1994) sobre a velhice, isto é, nessa fase de desenvolvimento, é preciso transformar e recriar a vida, restaurar as relações humanas, para que os idosos de hoje e do futuro vivam seu envelhecimento com dignidade e sejam tratados como verdadeiros cidadãos que contribuíram para a formação do legado cultural, social, econômico e educativo do país. Caso se queira construir novos patamares e não atentar para a história dos que a fizeram, incorre-se em riscos de fazer recuar a história, em vez de promover seu avanço.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 4. ed. São Paulo: Boitempo, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT) NBR 9050:1994 – *Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos*. Rio de Janeiro: ABNT, 1997.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: TLC, 1981.

ÁVILA, Maria Betânia. Cidadania, direitos humanos e direitos das mulheres. In: BRUSCHINI Cristina; UMBEHAUM, Sandra G: *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2002.

BACELAR, Rute. *Envelhecimento e produtividade: processos de subjetivações*. 2. ed. Recife: Fundação Antônio dos Santos Sanches (Fasa), 2002.

BACHELARD, Gastón. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1994.

BARBOSA Ana Lúcia Góes M. A nova velhice: uma visão multidisciplinar. In: NEGREIROS, T.C.G.M. (org.). *Quantidade e qualidade de Vida*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002, p. 11-24.

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARROS, Myriam Moraes Lins. *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos, sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

BENJAMIM, Walter. *Obras escolhida, magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1995 (Coleção Obras Escolhidas, 1).

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. *Política social fundamentos e história*. São Paulo: Editora Cortez, 2008. (Biblioteca Básica).

BERQUÓ, Elza. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. *In: NÉRI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). Velhice e sociedade.* São Paulo: Papyrus, 1999, p. 11-161. (Coleção Vivacidade).

BERGSON, Henri. *Matéria e memória, ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva. *Envelhecimento populacional: uma conquista para ser celebrada.* *Serviço Social e Sociedade.* São Paulo, v. 24, n. 75, p. 19-34, set. 2003.

BOBBIO, Norberto. *O tempo de memória.* Trad. Daniela Versianirio. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. *Goiânia os planos, a cidade e o sistema de área verdes.* Goiânia: Editora da UCG, 2004.

BONETTI, Maria Cristina de Freitas; MACÊDO, Maurides; SANTANA, Francis Marques Otto de Camargo. Pioneiros: compondo o passado. *In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida (orgs.). Formas e tempos da cidade.* Goiânia: Editorial Cânone/Editora da UCG, 2007, p. 153-192.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia.* São Paulo: Ática 1984.

BOURDIEU, Pierre. *Un art moyen, essai sur les usages sociaux de la photographie.* Paris: Minuit 1965

BRASIL. Assembléia Nacional Constituinte. Constituição da República Federativa. Brasília, 1988.

_____. Congresso Nacional. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Estabelece a Lei Orgânica de Saúde (LOS). Brasília, 1990.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Congresso Nacional dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Brasília, 1990.

BRASIL. Lei nº 8213 de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre a Lei Orgânica da Previdência Social (Lops). Brasília, 1991.

_____. Lei nº 8742, de 7 de dezembro de 1993. estabelece a Lei Orgânica da Assistência social (Loas). Brasília, 1993.

_____. Lei nº 8.842 de 4 de janeiro de 1994. Estabelece a Política Nacional do Idoso: Brasília, 1994.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Brasília, 1996.

_____. Assembléia Nacional Constituinte. Ministério da Previdência Social (MPAS) e Secretaria de assistência social (SAS): *Idosos: problemas e cuidados básicos*. Brasília: MPAS/SAS, 1999.

_____. Lei nº 10.741 de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso Brasília, 2003.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. *Guia prático do cuidador*. Brasília: Ministério da Saúde, 2008, (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

BRAVO, Maria Inês Souza. A política de saúde no governo Lula: algumas reflexões. *Inscrita*, Brasília, v. 6, n. 9, nov, 2004.

_____. As políticas brasileiras de seguridade social: saúde. *In: Cfess/Cead. Capacitação em Serviço Social e política social*. Módulo III: Política Social. Brasília: UnB Cead/ Cfess, 2000, p. 105-115.

CHAUL, Nasr Fayad. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. 1984. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia. 1984.

_____. Goiânia: a capital do sertão *In: O dossiê das cidades planejadas na interlândia*. *Revista UFG*. Goiânia, ano 11, n. 6, p. 100-110, jun. 2009.

CHAVES, Elza Guedes. Goiânia é azul: o acidente com o Césio 137. *Revista Universidade Federal de Goiás*. Goiânia, ano 9, n. 1, p. 19-28, 2007.

CONSELHO REGIONAL DO SERVIÇO SOCIAL (Cress). *Assistente social na busca pela concretização dos direitos sociais*. Coletânea de leis e resoluções revista ampliada, gestão 2008-2011. 19ª Região - Goiás. Campo Grande: AB, 2009.

DEBERT, Guita Grin. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1999, p. 41-68 (Coleção Vivacidade).

_____. Gênero e envelhecimento: os programas para a terceira idade e o movimento dos aposentados. *Revista Estudos Feministas*, São Paulo, v. 2, n. 3, 1994, p. 33-51.

DEBERT, Ghita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Mirian Moraes Lins (org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas 1998.

DUARTE, Lúcia Regina Severo. *Idade cronológica: mera questão referencial no processo de envelhecimento*. *Estudos Interdisciplinar Envelhecimento UFRGS, Porto Alegre*, v. 2, p. 35-47, jul. 1999.

ESPING-ANDERSEN, Gøsta. As três economias políticas do Welfare State. *Lua Nova*, São Paulo, n. 24, p. 85-150, 1991.

FAUSTO, Boris. *Pequenos ensaios da História da República (1889-1945)*. São Paulo: Cebrap, 1972.

_____. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996.

FIOCRUZ. *Análise de mortalidade por causas externas de idosos em capitais de regiões metropolitanas do Brasil*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde, 2002.

FLEURY, Sonia. A cidade dos cidadãos. Questão Social e Políticas. *Ser Social: Revista do Programa de Pós-Graduação em Política Social/Universidade de Brasília*. Departamento de Serviço Social, Brasília, v. 1, n. 1, jul./dez. 2005.

FREITAS, Sônia Maria. Prefácio à primeira e segunda edições. *In: Paul Thompson. A voz do passado; história oral.* Trad. Lólio Lourenço. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 14-19.

GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-nação na era Vargas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo v. 20, n. 39. nov. 2000.

GOIÂNIA, Câmara dos Vereadores. *Lei Municipal nº 7.694, de 22 de janeiro de 1997.* Dispõe sobre adaptações no transporte coletivo urbano e garante o acesso de pessoas portadoras de deficiência, do idoso e dá outras providências. Goiânia, 1997.

GOLDMAN, Sara Nigri. Velhice e direitos sociais. *In: PAES, Serafim Paz et al. (org.). Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?* Rio de Janeiro: ANG-RJ; CBCISS, 2000. p. 13-42.

_____. Sara Nigri. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais.* Rio de Janeiro: Nau, 2004.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUIMARÃES, Marcelo. Acessibilidade ambiental para todos na escala qualitativa da cidade. *Topos – Revista de Arquitetura e Urbanismo.* Belo Horizonte, v. 1, n 1, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro 2006.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário prático da língua portuguesa.* São Paulo: Melhoramentos, 2005.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991.* Trad. Marcos Santana, vers. técn. Maria Célia Paoli.. São Paulo: Companhia das Letras 1995.

_____. *Tempos interessantes: uma vida no século XX.* Trad, S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras 2002.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. A questão social no capitalismo. *Temporalis*, Brasília, ano 2, n. 3, p. 9-31, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), *Censo demográfico 2000*, Rio de Janeiro, 2001.

_____. *Projeção da população do Brasil: 1980 - 2050*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

_____. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)*, Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

_____. *A sexta edição da Pesquisa de Informações Básicas Municipais. Perfil dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

_____. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad): Síntese de Indicadores*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007

_____. Pesquisa realizada com revisão e elaboração da OIT Brasil: *Projeção da população do Brasil por sexo e idade, 1980-2050*, Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

KOWARICK, Lúcio. *Escritos urbanos*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. O progresso: crescimento econômico, pauperização e espoliação urbana. *In: MOISÉIS, José Álvaro. Cidade, povo e poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira et al. Campinas: Unicamp, 2003.

_____. *A história nova*. 5. ed. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEFBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Múltiplos olhares sobre Goiânia. *In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida. Formas e tempos da cidade*. Goiânia: Editorial Cãnone/Editora da UCG, 2007, p. 17-21.

LOPES, Immaculada. *Memória social: uma metodologia que conta história de vida e desenvolvimento local*. São Paulo: Museu da Pessoa, Senac, 2008.

MACHADO, Laís Aparecida. Uma cidade no sertão *In*: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida. *Formas e tempos da cidade*. Goiânia: Editorial Cânone/ Editora da UCG, 2007, p. 51-88.

MAM, Gaíva. Qualidade de vida e saúde. *Revista Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 377-382, dez. 1998.

MARICATO, Ermínia. *Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência*. São Paulo: Hucitec, 1996. Estudos Urbanos (Série Arte e Vida).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Martins Claret, 2002.

MASCARO, Sônia de Amorim. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos).

MELLO, Márcia Metran. *Goiânia cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: Editora UFG, 2006.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Educação propedêutica (verbetes). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira*: Educa Brasil. São Paulo: Midiamix, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1996.

_____. *Violência contra idoso: o avesso do respeito à experiência e à soberania*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

MONTEIRO, Pedro Paulo. *Envelhecer história, encontros, transformações*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938.

MORAES, Lucia Maria. *A segregação planejada: Goiânia, Brasília e Palmas*. 2. edição Goiânia: Ed. UCG, 2006.

MOYSÉS, Aristides. *Paradoxos das políticas econômicas e sociais nos anos 80 no Brasil*. *Revista Estudos da Universidade Católica de Goiás*– Goiânia, v. 24, n. 1/2, p. 90-105, 1997.

_____. *Goiânia metrópole não planejada*. Goiânia: Editora da UCG 2004.

_____. A questão metropolitana no Brasil: desafios e perspectivas. In: MOYSÉS Aristides (coord.). *Cidades, segregação urbana e planejamento*. Goiânia: Editora da UCG, 2005, p. 317-346.

_____; BERNARDES, Genilda D`arc. Segregação urbana e desigualdades social em Goiânia: Estado, mercado imobiliário e dinâmica Sócioespacial. In: MOYSÉS, Aristides (coord.). *Cidade segregação urbana e planejamento*. Goiânia: Editora UCG, 2005, p. 157-172.

MOYSÉS, Aristides. *Invasão e urbanização: estudo sobre as condições de vida e consciência de classe do posseiro urbano na cidade de Goiânia*. 1983. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.

NERI, Anita Liberalesso. O fruto dá semente: processo de amadurecimento e envelhecimento. In: NERI, Anita Liberalesso. (org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas: Papirus, 2001.

_____. *Idoso no Brasil: vivência, desafios e expectativas na terceira idade*. Edições Sesc. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

_____; CACHIONI, Meire. Eventos de vida e envelhecimento humano. In: YASSUDA, Sanches Mônica. (orgs.). *Velhice bem-sucedida, aspectos afetivos e cognitivos*. São Paulo: Papiros, 2004, p. 51-70. (Coleção Vivacidade).

_____; ACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NÉRI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin. (org.). *Velhice e sociedade*. São Paulo: Papirus, 1999, p. 113-140.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva O aspecto social da velhice. *Revista Ciências Humanas*. Curitiba, v. 6, p. 105-125, jul. 1999.

OLIVEIRA, Francisco Adão. A reprodução do espaço urbano de Goiânia: uma cidade para o Capital. In: MOYSÉS, Aristides. *Cidades, segregação urbana e planejamento* (org.). Goiânia: Editora UCG, 2005, p. 127-156.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Informe de situação e tendências: demografia e saúde. Rede Interagencial de Informações para Saúde. (Série G. Estatística e Informação em Saúde) Série Informe de Situação e Tendências, Brasília, 2009.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *Combatendo o trabalho infantil: guia para educadores*. Brasília: OIT, 2001.

PEREIRA, Pereira A. Potyara. Política Social temas & questões. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. política de assistência social: avanços e retrocessos. *Cadernos do Ceam* nº 11. Brasília: Ceam/UnB, 2002.

PERRACINI, MÔNICA. Planejamento e adaptação do ambiente para pessoas idosas. In: FREITAS, Viana. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro, Guanabara & Koogan. 2022, p. 798-807.

PRADO, Adriana Romeiro de Almeida. *A cidade e os idosos: um estudo da questão de acessibilidade nos bairros Jardim de Abril e Jardim do Lago do Município de São Paulo*. 2003, Dissertação (Mestrado em Gerontologia) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, jun, 1992.

QUEIROZ, Zally. P. V. Participação Popular na velhice: possibilidade real ou mera utopia? *Revista O mundo da Saúde*, São Paulo, ano 23, v. 23, nº 4, p. 204-213, jul./ago. 1999.

RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. *Goiânia os planos, a cidade e o sistema de área verdes*. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

ROCHA, Hélio. *Goiânia 75 anos*. Goiânia: Editora da UCG, 2009.

SALLES, Antônio Pinheiro. *A ditadura militar em Goiás: depoimentos para a história*, Goiânia: Poligráfica Off-set e Digital, 2008.

SAVIANI, Dermeval. *Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional*. Campinas: Autores Associados, 2000.

SCHOTSMANS, P. *A vida como plenitude: contribuição dos idosos para uma civilização digna do homem*. São Paulo: Concilium, 1991.

SIMÕES, Carlos. *Curso de Direito do Serviço Social. Biblioteca Básica/Serviço Social*. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Athos Magno Costa. *O estado e o campo no Brasil (1930-1964): revolução conservadora das elites e luta pela terra na retaguarda do país*. Goiânia: Editora da UCG, 2001.

SILVA, Ciro Augusto de Oliveira. *Primeiros traços e formas urbanas de Goiânia*. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida (orgs.). *Formas e tempos da cidade*. Goiânia: Editorial Cãnone/Editora da UCG, 2007, p. 93-108.

SOUSA, Regina Sueli. *Razão e movimento social – as racionalidades vividas do MST*. 2002, Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de São Paulo (Unesp) Marília.

SOUZA, Armênia Pinto. *Goiânia: a saga dos pioneiros*. 2. ed. Goiânia: CDU, 1997.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3. ed. Trad. Lólio Lourenço, São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TEIXEIRA, Solange Maria. *Envelhecimento e trabalho no tempo do capital: implicações para a proteção social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.

VERAS, Renato P.; RAMOS, Luiz Roberto; KALACHE, Alexandre. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. *Revista Saúde Pública*. São Paulo, jun. v. 21, n. 3, p. 225-233, 1987.

WITCZAK, Marcus Vinicius Castro. *Envelhecer ao aposentar-se? Discutindo a aposentadoria masculina, o envelhecer e o subjetivar*. Santa Cruz do Sul: Edunis, 2003.

Jornal e periódicos pesquisados

LONGO, Malu. Campinas 200 anos: memória viva dos moradores. *O Popular*. Goiânia, 8 jul. 2010. Cidades, p. 9.

Fontes orais (pseudônimo)

BADAN, entrevista realizada em 10 de julho de 2010, às 8 horas, na sala de visita do apartamento de sua irmã, dona Pina, em Goiânia-GO.

GRACIANO, entrevista realizada em 24 de julho de 2010, às 11 horas, na sala de jantar de seu apartamento, em Goiânia-GO.

JOSÉ, entrevista realizada no dia 26 de julho de 2010, na copa-cozinha de sua casa, às 11 horas, em Goiânia-GO.

MARIAZINHA, entrevista realizada no dia 26 de julho de 2010, na sala de visita de seu apartamento, às 15h 30 min, em Goiânia-GO.

NEGA, entrevista realizada em 31 de julho de 2010, na cozinha em sua casa, às 9h 30 min, em Goiânia-GO.

NINA, entrevista realizada em 19 julho 2010, na sala de visita em seu apartamento, à 18h 30 min, em Goiânia-GO.

PINA, entrevista realizada no dia 17 de julho de 2010, na sala de jantar em seu apartamento, às 8h 30 min, em Goiânia-GO.

Sites pesquisados

WIKIPÉDIA. *A enciclopédia livre*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 20 ago. 2010.

Censo da Educação Superior (dados de 2008). Disponível em: <http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/superior/news09_05.htm>. Acesso em: 18 out. 2010.

_____. *Projeção da população do Brasil: 1980-2050*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacaoprojecao_da_populacao/default.shtm>. Acesso em 15 mar 2020.

_____. *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil*. Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica, 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 16 out. 2010.

OMS. *Conceito de envelhecimento*. Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <<http://www.cies.org.br/mgea1.asp>> Acesso em 23 out. 2009.

ANEXOS

Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dos participantes da pesquisa

Orientadora: Professora Dra Regina Sueli de Sousa

Pesquisadora responsável: Mestranda Elizabeth dos Santos Moura Batista

Matricula número: 2008.1.098.001.0004

Fone: (62) 3946-1161

Você está convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa *Estratégia de sobrevivência dos idosos no século XX - Memória, lembranças, sonhos e recordação do tempo vivido nos idos da construção de Goiânia*. Esse estudo tem por finalidade investigar e conhecer suas experiências de vida, ou seja, a sua história de vida, os motivos que o trouxe à Goiânia na década de 1930-50, as suas impressões ao chegar aqui e como constituiu estratégias de sobrevivência nos primeiros anos da capital e posteriormente no desenvolvimento e crescimento de Goiânia. Sua voz será registrada por meio dela, sua trajetória, sua vida, seus pensamentos, suas lembranças e seus sonhos.

Esse registro possibilitará que a sua família e a sociedade, goianiense conheça um pouco da trajetória que você e seus contemporâneos tiveram na história dessa capital. Além de contribuir com o trabalho de conclusão do curso de Mestrado em Serviço Social (PPSS) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), dessa pesquisadora, sob orientação da Prof^a. Dr^a Regina Sueli de Sousa.

Comprometo guardar sigilo quanto aos seus nomes, assim como omitir informações que não queira que se torne público. Também me comprometo a repassar previamente uma cópia de sua entrevista para que possa dar o aceite ao meu trabalho de análise. Asseguro que essas informações serão utilizadas somente para fins científicos e acadêmicos. E que esse material será doado ao acervo do Núcleo de Pesquisa Estado, Sociedade e Cidadania (NUPESC), para outra pesquisa e/ou registro de suas contribuições

Objetivo

Geral:

Conhecer as experiências de vida e as estratégias de sobrevivência dos idosos septuagenários que contribuíram com a construção de Goiânia, visando apreender suas percepções, valores, sonhos, por meios de suas lembranças, recordações das condições que lhes foram reservadas, assim como as leituras que eles têm da capital e da obra na qual investiram a força de seu trabalho.

Específicos:

Analisar por meio da história de vida dos idosos, as condições que lhes foram reservadas, durante as fases da construção de Goiânia;

Contribuir para que as vozes dos idosos e sua história de vida cheguem ao conhecimento da sociedade goianiense as experiências vivenciadas por eles, possibilitando que o passado possa servir como referência para o presente e para o futuro;

Resgatar a memória dos idosos em relação aos acontecimentos históricos, políticos, sociais, econômicos que envolveram Goiânia;

Participantes da pesquisa:

Serão entrevistados idosos, de diferentes classes sociais, de níveis de escolaridade, profissões e gênero dos quais serão selecionada por faixa etária de setenta anos acima, que vieram para Goiânia nas décadas de 1940-50 e que vivem desde o início do processo da construção da capital de Goiás.

Critério de inclusão e de exclusão da pesquisa

Buscar-se-á investigar e conhecer os principais desafios e estratégias de sobrevivências dos idosos no século XX e também reconstruir suas percepções da história da cidade de Goiânia, com base nas histórias de vida de pessoas septuagenárias. Portanto para garantir o critério de representatividade dos sujeitos colaboradores da pesquisa serão selecionados por faixa etária, com idade de setenta anos acima.

Os idosos pesquisados obedecerão ao critério de grupo focal, ou seja, pessoas pioneiras que vieram para Goiânia nas décadas de 1930-50, e ainda vivem na capital de Goiás. Esse grupo de entrevistados será composto por diferentes classes sociais, de níveis de escolaridade, profissões e gênero.

A condição exigida para participação e inclusão à pesquisa como colaborador é que o sujeito tenha setenta anos ou mais, de diferentes classes sociais, de níveis de escolaridade, profissões e gênero.

Por exclusão, também com base no nível exigido de representatividade, não participará da pesquisa como colaborador o sujeito a baixo de setenta anos que mora fora de Goiânia.

A pesquisa não prevê a possibilidades dos dados serem colhidos por meio de contatos informais com outros sujeitos que não se enquadrem ao perfil definido como colaboradores da pesquisa.

Envolvimento na pesquisado

Ao participar deste estudo o sujeito permitirá que a mestranda-pesquisadora *Elizabeth dos Santos Moura Batista*, utilize as informações com ética e respeito. O sujeito alvo da pesquisa tem liberdade de se recusar a participar ou desistir em qualquer fase da pesquisa. Sempre que julgar necessário deve solicitar mais informações sobre a pesquisa por meio dos números de telefone do Comitê de Ética de Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e/ou no Programa de Mestrado em Serviço Social, fone (62) 3225-3769 que será previamente fornecido aos sujeitos participantes.

Duração da pesquisado

A duração da pesquisa é dois meses (junho e julho de 2010)

Sobre as entrevistas

As entrevistas serão realizadas individualmente, com prévio agendamento, conforme disponibilidade do entrevistado. A participação na pesquisa é livre. É possível que alguns colaboradores envolvidos desistam da participação da pesquisa a qualquer momento. Sua identificação como participante e colaborador será mantida em sigilo e seus nomes serão substituídos por nomes fictícios com os sobrenomes e/ou o primeiro nome, pseudônimos preservando sua identificação. As entrevistas serão gravadas e transcritas repassadas aos entrevistados para darem o consentimento de utilização da análise Algumas servirão como referências usadas na dissertação do Mestrado em Serviço Social e possíveis publicações de artigos.

Risco e desconforto

Reafirmamos que os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da PUC-GO, conforme Resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Durante as entrevistas a pesquisadora seguirá os procedimentos que evitem os riscos à dignidade humana do entrevistado. A base dessa percepção será via diálogo.

Caso ocorra algum acidente, a entrevista será imediatamente interrompida.

Caso ocorra alguma situação de risco para os sujeitos da pesquisa (mal estar, físico, psíquico, moral, emocional, entre outros) essa pesquisadora se compromete a prestar todo o apoio necessário, levando-o em seu próprio carro ao Centro de Estudos, Pesquisa e Práticas Psicológicas (CEPSI/PUC-Goiás), que irá fornecer o atendimento aos sujeitos em questão.

A entrevista ocorrerá com sujeitos sociais e será livre e isenta de qualquer dependência, pressão e/ou intimidação. Somente será iniciada após a explicação completa sobre a natureza da pesquisa desse trabalho, seus objetivos, métodos, benefícios e potenciais riscos.

Privacidade e Confidencialidade

Todas as informações obtidas cumprem as exigências para fins desta pesquisa. Será mantido sigilo absoluto quanto aos nomes das pessoas participantes desta pesquisa.

Benefícios

A participação do sujeito nesta pesquisa não lhe trará nenhum benefício financeiro e/ou pessoal imediato. Contudo, sua participação neste estudo contribuirá para o entendimento das estratégias de sobrevivência dos idosos do século XX nesse início de século XXI. Espera-se que este estudo possa subsidiar e aprofundar debates e reflexões acerca das condições vividas pelos idosos em Goiás e no Brasil.

Pagamento

O participante da pesquisa não terá nenhum tipo de despesa real como colaborador desta pesquisa, bem como não receberá nenhum pagamento por sua participação.

Destinação dos Resultados

Os resultados ficarão disponíveis no PPSS/NUPESC/PUC-Goiás, na Biblioteca Central/PUC Goiás. A divulgação dos resultados poderá ser feita, integral ou em parte, por meio de relatórios de pesquisa, periódico, impresso, ou *on-line*, congressos, seminários, simpósios e conferências.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Assim sendo, preencha os itens que se seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

Considerando os itens acima apresentados, eu de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa: *Estratégia de sobrevivência dos idosos no século XX - Memória, lembranças, sonhos e recordação do tempo vivido nos idos da construção de Goiânia*, sob a responsabilidade da mestrandia: **Elizabeth dos Santos Moura Batista**, sob a orientação da Prof^a Dr^a Regina Sueli de Sousa do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Serviço Social da PUC Goiás.

Nome do Pesquisado: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Local: _____

Data: ____/____/____ Hora: _____

Anexo 2

Roteiro de Entrevista

Orientadora: Professora Dr^a Regina Sueli de Sousa

Pesquisadora responsável: Mestranda Elizabeth dos Santos Moura Batista

Local da Entrevista: _____

Data: ____/____/____ Hora: _____

Codinome do Entrevistado: _____

Idade: _____

Estado Civil: _____

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- Nome completo:
- Estado civil:
- Endereço atual:
- Ano em que nasceu:
- Local de nascimento:
- Escolaridade:
- Quantos anos morou na casa em que nasceu?
- Você teve filhos? Quantos? Que idade tem cada um?
- Quantos anos cada um estudaram?
- Onde seus filhos nasceram?
- Onde seus filhos moram hoje?
- O que eles fazem hoje da vida e/ou qual a profissão deles?
- Por que veio para Goiás?
- Por que escolheu Goiânia para morar?
- Como fizeram para se instalar?
- Local em que trabalhou? E qual profissão e/ou em que trabalhou?
- Como se dava as condições de trabalho? Salário? Contrato de trabalho?
- O que achou da cidade quando chegou?
- E as pessoas que viviam aqui quando chegou?
- Como conviveu com as diversidades de costumes e cultural?
- Que local da cidade você foi morar quando chegou?
- Em que ano você mudou para Goiânia?
- Quantas pessoas vieram com você?

- E quantos lugares morou em Goiânia?
 - E quais os locais que morou quando chegou?
 - E por que fez essa mudança?
 - Você poderia descrever como era a capital quando chegou? (ruas, praças, prédios, casas, monumento).
 - Quem era o prefeito de Goiânia na época em que mudou?
 - Quem era o governador de Goiás?
 - Que acontecimentos mais importantes (política, social e econômica) ocorreram na época que mudou?
 - Como foi se dando o processo das construções da cidade?
 - Como você viu o crescimento da cidade?
 - O que você acha das mudanças (política, social e econômica) que ocorreram em Goiânia desde a sua chegada?
 - O que acha da cidade de Goiânia hoje?
 - Valeu a pena sair de sua terra natal e recomeçar a vida aqui? Você faria tudo outra vez?
 - Você reconhece Goiânia como um espaço de conquista?
 - Você participou alguma decisão e ou se envolveu no projeto da construção de Goiânia?
- Você participou de algum movimento de luta? Qual? Como se deu? e/ou qual foi conquista?
- Que contribuições seus contemporâneos deixara para Goiânia e o Estado de Goiás?
 - O que você acha da velhice? E ser idoso?
 - Como lidou com o processo de seu envelhecimento?
 - O que acha mais problemático da velhice?
 - O que significava ser idoso em sua fase de criança e de juventude?
 - Qual o significado de ser idoso hoje?
 - O que significa ter a idade que tem hoje?
 - O que significa ser parte da geração que auxiliou na construção e/ou solidificação de Goiânia como capital de Goiás?
 - E o papel do Estado nas políticas sociais?
 - De seus direitos sociais e/ou direito da pessoal idosa?
 - Conhece o Estatuto do Idoso e sabe fazer cumprir?
 - Como você lida com as tecnologias, como a internet, o computador, os terminais eletrônicos dos bancos e o celular?
 - De que tem saudades?
 - Se pudesse voltar atrás o que faria de diferente?

- Qual sonho que não foi possível ser realizado? Por que não foi realizado?
- Qual o seu sonho hoje
- O que significou para você essa experiência de recordar e relembrar o passado, o tempo vivido?
- Você compartilha suas experiências vividas aos mais jovens e ou aos não idosos?
- O que significou lembrar e reviver a sua história de vida?
- Como foi participar dessa entrevista?